

A Evolução Desconhecida



e outras reflexões sobre...

Existência Arte Ciência
Deus Ocultismo Ceticismo Física Quântica
Filosofia Reencarnação Carl Sagan Consciência
Espiritualidade Natureza Religião

Rafael Arrais

A Evolução Desconhecida

e outras reflexões

Este livro contém...

Prefácio	Página 3
De Nós	Página 5
Do Cosmos	Página 34
Do Espiritual	Página 48
Do Ceticismo	Página 82
Da Existência	Página 115

Todos os artigos são de autoria de Rafael Arrais e encontram-se registrados na Biblioteca Nacional. Todas as citações são atribuídas aos respectivos autores.

Este livro é uma coletânea de artigos do autor publicados entre 11/2006 e 10/2009 no blog <http://textosparareflexao.blogspot.com>

Ilustração da capa por James W. Porter/CORBIS.

Prefácio

Para quem não me conhece, sou alguém que sempre se interessou pelos ditos "mistérios da vida". "Quem sou, para onde vou, aqui o que faço?" - Aos olhos de muitos essas perguntas parecem fúteis e esotéricas, talvez mesmo superficiais... Mas, se formos realmente a fundo dentro delas, e portanto também dentro de nós mesmos, acredito que iremos nos deparar com aquilo que mais nos fascina e ao mesmo tempo apavora: Conhecer a si mesmo.

Algumas centenas de anos antes de Jesus, foi exatamente isso que o filósofo grego Sócrates leu gravado na entrada de um templo em Delfos ("Conheça-te a ti mesmo"), e desde então dedicou sua vida a conhecer a si, e com isso ironicamente conseguiu conhecer mais sobre a natureza do mundo todo, e de todos os seres, do que muitos nômades que passaram a vida viajando, mas sem nunca ter passado uma noite sequer em sua própria taverna.

Hoje em dia, o conhecimento está à disposição de todos, seja pelos livros, cinema, televisão, ou algo tão maravilhoso quanto à internet... Mas afinal, tanto conhecimento não pode nos atordoar? Será que precisamos ler todos os manuscritos da era moderna para termos sequer noção de alguma resposta plausível para as três perguntas acima? Acredito que não, que o caminho mais fácil é seguir para dentro.

Sem isolar-se no cume da montanha mais distante, e lidar a fundo consigo mesmo, mas também com o mundo... É isso que tenho tentado fazer.

Para quem me conhece, ou acha que me conhece, peço perdão por nem sempre ter lhes contado sobre o que ando pensando. O mundo atual não é feito para se filosofar, afinal o capitalismo é dinâmico, e a roda do dinheiro e do entretenimento tem de girar sempre... Mas o homem é realmente genial quando quer, e com suas diversas máscaras, consegue fingir tão perfeitamente que acredita mesmo ser apenas mais um na multidão, a seguir os padrões de comportamento, padrões de moda, padrões de religiosidade...

Mas os padrões de pensamento, esses são íntimos de cada um, esses só mesmo o ser em si conhece, mesmo que ainda tenha tanto medo de olhar para si. E para aprimorar o pensar, nada como refletir... Refletir como um espelho que manda de volta toda a luz que lhe é enviada. Mas então essa luz já é uma outra luz, pois cada espelho a reflete de uma forma distinta. Textos que levam a reflexão, reflexões que podem modificar os textos, pois que não existem dogmas e nem seres perfeitos a habitar essa terra.

Bem vindos ao meu jardim, venho aqui de vez em quando para meditar e conversar com amigos, sob as copas das árvores e um céu espelhado. Espero que gostem da estadia.

Este livro é uma coletânea dos artigos publicados em meu blog, Textos para Reflexão, entre Novembro de 2006 e Outubro de 2009.

Tentei agrupar-los por temas específicos, para facilitar a seqüência de leitura. Espero que gostem.

De Nós

A evolução desconhecida

13.02.09

Neste dia onde comemoramos os 200 anos do nascimento de Charles Darwin, co-criador da teoria da evolução com Alfred Russel Wallace, gostaria de falar sobre a parte ainda "desconhecida" da evolução das espécies, e principalmente a do homo sapiens.

Como Dráusio Varella e outros antropologistas gostam de lembrar, a evolução cultural não se deu apenas no homo sapiens, como em outras espécies capazes de conviver em sociedade, como chimpanzés e bonobos, nossos parentes mais próximos (segundo os estudos do genoma humano comprovaram). E não paramos por aqui: muitos psicólogos evolutivos fazem alarde sobre a teoria da evolução da mente humana - "Homens traem mais pois na Idade da Pedra precisavam disseminar a espécie em diversas parceiras, sob o risco de condenar sua espécie a extinção caso fossem monogâmicos numa época ainda absolutamente inóspita a sobrevivência sedentária." - esse tipo de afirmação é muito comum entre os defensores da *PE Pop* (Psicologia Evolutiva Populacional).

Em artigo recente na *Scientific American*, o prof. David J. Butler critica a afirmativa de que "o homem moderno tem a mente da Idade da Pedra", e expõe diversas razões, na maioria falta de evidências, para que consideremos essa afirmação uma falácia. Entretanto, se perguntarmos a qualquer cético que crê na teoria da evolução, o fato de que existe a evolução cultural e cognitiva humana é quase que sempre dado como verdadeiro... Interessante pois, que independente de críticas como as do prof. Butler, exista um problema muito mais importante e crucial para ser resolvido: "Como é possível que genes, que transmitem apenas características físicas, possam carregar informações ou memórias de uma possível evolução cultural e cognitiva da espécie?".

Até hoje, pouco se desenvolveu esse assunto na literatura científica. Podemos aqui destacar que Dawkins percebeu o problema, tanto que se preocupou em delinear uma vaga teoria acerca dos memes, teoricamente os "genes que transmitiriam as características não-físicas adiante"... Infelizmente o célebre autor do Gene Egoísta não conseguiu encontrar essa outra espécie de "genes exóticos"

em lugar algum, e nem tampouco qualquer outro pesquisador. Os memes continuam sendo alternativas místicas aos genes.

Também podemos citar Jung e seu Inconsciente Coletivo, segundo a *Wikipedia* ele "é a camada mais profunda da psique humana. Ele é constituído pelos materiais que foram herdados da humanidade. É nele que residem os traços funcionais, tais como imagens virtuais, que seriam comuns a todos os seres humanos." - Seria então, mais ou menos, como quintilhões de bits de informação que "flutuam no ar" e, de alguma forma desconhecida, são acessados não somente por *homo sapiens* conscientes, como também por todas as outras espécies que obtiveram alguma forma de evolução cultural ou cognitiva - ou seja, não dependeríamos de genes para passar tais informações adiante, elas estariam simplesmente "em algum lugar do espaço". E chamaríamos isso de ciência ou de esoterismo?

É verdade que a teoria de Darwin-Wallace nunca pretendeu explicar a origem da vida, apenas trazer luz a forma com a qual essa vida evoluiu de simples bactérias para seres formidáveis e complexos, numa infinidade de espécies. A teoria da evolução nunca casou muito bem com a noção de evolução da cultura e cognição nas espécies, e se mostrou especificamente limitada em explicar o surgimento da consciência. Poderíamos imaginar que isso se explicaria pelo fato de que ambos os criadores de tal teoria terem sido cientistas e céticos, que nada compreendiam de espiritualidade. Então estaríamos errados...

Não é à toa que Wallace é tão pouco citado quando se fala na teoria da Evolução - primeiro, era bem mais jovem que Darwin quando a teoria lhes surgiu a ambos, mas principalmente, Wallace foi espiritualista, e um cientista espiritualista é algo que nunca souou muito bem aqueles que escrevem a história da ciência... Segundo a *Wikipedia* e suas fontes, Wallace "argumentou que a seleção natural não poderia justificar o gênio matemático, artístico ou musical, nem contemplações metafísicas, a razão ou o humor, e que algo no "invisível universo do Espírito" tinha intercedido pelo menos três vezes na história: 1. Na criação da vida a partir da matéria inorgânica; 2. Na introdução da consciência nos animais superiores; 3. Na geração das faculdades acima-mencionadas no espírito humano. - Ora, não é tão fácil desacreditar o pensamento de um espiritualista, quando este é um dos responsáveis pela teoria primordial do materialismo, não é mesmo?

Mas poderemos pensar: será que ciência e religião estão em lados opostos? Será que materialismo e espiritualismo nunca se encontraram? Será que a Natureza se explica por noções radicais, preto no branco, como "tudo é matéria" ou "tudo é espiritual e ilusório", ou será que natureza antes opera em gradações de cinza?

O que Wallace defendia é conhecido pela humanidade desde milhares de anos atrás, nos primórdios das religiões orientais, principalmente do hinduísmo (mesmo Carl Sagan traça paralelos entre as teorias de criação/destruição do universo e a cosmologia religiosa da antiga Índia). Consciência, alma ou espírito, chame-a como achar melhor, o que a teoria da reencarnação defende é tão somente que

existe uma lógica perfeitamente plausível por detrás da crença de que a consciência e a memória não dependem de genes para serem passadas adiante, simplesmente pelo fato de que, ao contrário do corpo dito "físico", não são exterminadas na morte.

Em um universo não-local, onde 96% da matéria não interage com a luz, e onde pululam teorias físicas acerca da existência de diversas dimensões, branas, ou mesmo universos paralelos - e mais, onde sabe-se a tempos pela ciência que toda matéria é invisível e intangível - será assim tão fantástico e absurdo imaginarmos que a consciência, algo que sequer detectamos no cérebro humano, e que não sabemos do que é formado, possa sobreviver ao fim das atividades cerebrais?

Pode ser que no futuro a ciência descubra que realmente a consciência nada mais é do que um estado exótico do cérebro, fruto de reações químicas que possibilitaram que poeira de estrelas pudessem adquirir conhecimento do céu noturno, e do Cosmos das quais são filhas. No entanto, negar de antemão a possibilidade da evolução "desconhecida" se dar através de caminhos igualmente ocultos, e apostar todas as fichas no materialismo, me parece algo arriscado... Afinal, todos podemos estar errados, então não deveríamos apontar raivosos e dizer "você está louco, isso não pode estar certo!" - E quem disse que a natureza obedece aquilo que "achamos estar certo"?

Oferendas ancestrais

13.10.09

O bipedalismo, ou seja, a capacidade de se andar apenas com dois membros, e não com quatro, é uma característica desenvolvida por pouquíssimos animais ao longo da evolução das espécies. Como se sabe, um desses animais é o homo sapiens. Segundo a teoria de Darwin-Wallace, o homo sapiens evoluiu a partir de um ancestral comum com o chimpanzé, ou pelo menos esta era a teoria mais aceita até alguns anos atrás. Uma outra teoria acerca da evolução humana postulava que o bipedalismo foi desenvolvido sobretudo quando os humanos arcaicos, ancestrais do homo sapiens, abandonaram as regiões africanas de densas florestas e se aventuraram nas pradarias, onde a capacidade para arrancar frutos e carregar comida e armas de caça seria, talvez, mais importante do que a velocidade e equilíbrio conferidas pelo andar em quatro patas, o que seria muito mais útil para se fugir de predadores.

No entanto, descobertas da arqueologia nas últimas décadas têm colocado em xeque tais teorias. Particularmente a descoberta do esqueleto de Ardi (*ardipithecus ramidus*) encontrado em 1992. O esqueleto demorou três anos para ser escavado pela equipe do Projeto Médio Awash, em Aramis, na Fenda de Afar, Etiópia. Sua reconstrução foi realizada por dezenas de cientistas de todo o mundo, sendo que atualmente a liderança dos estudos está em mãos de Tim White. Ele trabalha com Paleontologia e Arqueologia Paleolítica na África desde 1974, sendo professor de biologia da Universidade da Califórnia em Berkley e co-diretor do projeto que atuou na retirada do achado.

Após mais de uma década de análises minuciosas, as conclusões finais dos arqueólogos e cientistas envolvidos foram finalmente publicadas na revista *Nature* de Outubro de 2009. A datação de Ardi como tendo vivido a 4,4 milhões de anos, e sua combinação única de bipedalidade indiscutível com os dentes molares pequenos, assim como a curiosa semelhança dos pés com os pés de outros símios, capazes de agarrar objetos como as mãos, lança muito mais dúvidas do que certezas no estudo dos cientistas.

Primeiro, fica comprovado que o "elo perdido", ou a espécie ancestral que o homo sapiens teria em comum com outros símios, teria vivido a muito mais tempo do que antes se imaginava, há pelo menos 7 milhões de anos. Isso levanta a curiosa hipótese de que os chimpanzés evoluíram por muito mais tempo após terem se "dissociado" de nosso galho evolutivo. Nesse sentido, é possível que muitas características dos chimpanzés sejam exclusivas deles, e nunca tenham estado realmente presentes em humanos arcaicos.

Mas a questão mais curiosa é que, além da bipedalidade ter se desenvolvido a muito mais tempo do que antes se imaginava (sabe-se também que ela ocorreu milhares de anos antes do aumento e evolução do cérebro humano), estudos da

região onde Ardi foi encontrada comprovaram que, em sua época, a mais de 4 milhões de anos, aquela região da Etiópia era cercada por densas florestas! Isso significa que a ciência precisa arranjar uma nova e arrojada explicação para o motivo dos humanos arcaicos termos evoluído para a bipedalidade e os caninos menores, ainda milhares de anos antes de desenvolverem a cognição peculiar da mente do homo sapiens.

Uma das hipóteses que mais me agradaram foi a descrita no documentário da *Discovery Channel*. Segundo essa teoria, o bipedalismo e a redução dos dentes caninos foi acompanhada das primeiras convenções sociais entre os caçadores-coletores. As fêmeas passaram a preferir machos menos agressivos, e passaram também a trocar sexo por comida, além de se comprometerem por mais tempo com a "educação" dos filhos. Isso favoreceu nos machos, e conseqüentemente em toda a espécie, o bipedalismo: assim poderiam se deslocar por distâncias maiores, e carregar oferendas (pequenos pedaços de comida, sejam frutos ou carne de animais abatidos) por sexo. A redução dos caninos talvez indicasse que os machos não precisavam mais competir agressivamente pelas fêmeas, e que a troca de carinho (sim, talvez pudéssemos usar esta palavra) era mais reconfortante e necessária, então, do que as lutas sangrentas pelo direito de copular com as fêmeas.

Será que isso faz sentido? Será que nossas convenções sociais, nossa organização em famílias de indivíduos, têm uma origem ancestral, bem mais antiga até do que nossa cognição avançada?

Hoje se sabe que o altruísmo é uma forma de evolução da espécie. Grupos de indivíduos capazes de colaborar entre si têm maiores chances de sobrevivência do que indivíduos solitários que caçam sozinhos. Sim, eles têm maior reserva de alimento, mas muito menos proteção contra outros predadores, e contra a própria solidão da vida selvagem... Caso possamos fazer uma associação entre o altruísmo e o que o homem moderno chama de amor, talvez o estudo científico da evolução humana nos traga lições muito mais profundas do que a mera compreensão do mecanismo pelo qual nossos corpos evoluíram. Talvez compreendamos que não foram apenas dentes que deixaram de ser pontiagudos, ou mãos que passaram a ser capazes de produzir ferramentas especializadas, mas antes a evolução social que potencializou nossas chances de sobrevivência, e nos tornou a espécie dominante deste planeta.

Talvez, as oferendas ancestrais de humanos arcaicos em troca de sexo, dando origem aos rudimentos do que hoje chamamos de família, tenha sido o momento-chave que possibilitou toda a evolução seguinte. Afinal, a partir do momento que deixamos de rastejar junto ao solo, buscando comida e sobrevivência, e passamos a andar eretos, e a enxergar as estrelas no céu, e os olhos e a face de nossos semelhantes, possivelmente tenhamos passado a desenvolver o rudimento da consciência de nós mesmos, e do que afinal viemos fazer nesta terra.

O grande salto

15.01.07 e 22.01.07

Estive lendo sobre a evolução humana num especial da *Scientific American*, e obviamente encontrei muita coisa sobre o que escrever, desde espécies de macacos que usam o sexo para amenizar as agressividades até mapeamentos de genes defeituosos que podem explicar e provar as migrações dos *homo sapiens* pelo mundo... Mas nada tão interessante quanto o artigo "Como nos tornamos humanos", escrito por Ian Tattersall.

Trata-se do velho enigma de como o *homo sapiens*, após milhares de anos de existência (se considerarmos todas as espécies de seu gênero chegamos a alguns milhões de anos), num curtíssimo espaço de tempo (não mais que 20 mil anos) "de repente" evoluiu de um homínídeo, que em sua capacidade cognitiva mais lembrava um chipanzé ou orangotango, para um ser humano pleno de faculdades fantásticas como a linguagem, a capacidade de interpretar símbolos, os dotes artísticos, as interações sociais complexas, a curiosidade para estudar a natureza e as ciências e, principalmente, a consciência de si próprio com uma profundidade muito mais vasta do que qualquer outro ser que já pisou na Terra nesses milhões de anos.

Sabe-se que a evolução pelo processo de seleção natural é sim uma realidade, mas ela somente ocorre com o transcorrer de centenas de milhares de anos para cada pequena evolução, sendo que tudo o que ela faz é "privilegiar" certos aspectos de uma espécie que estejam auxiliando em sua sobrevivência. Vale salientar que na grande maioria das vezes, esses aspectos são apenas físicos... Porém, a seleção natural não pode realmente "criar" uma nova habilidade ou aspecto, ela pode apenas trabalhar com o que já existe nos genes de uma dada espécie. No artigo, para explicar como a seleção natural pode nos ter feito humanos de uma hora da eternidade para a outra, o autor lembra de que muitas vezes os seres já têm capacidades adormecidas em seus genes, que são então "ligadas" pela seleção natural à medida que se tornam necessárias a sobrevivência da espécie.

Um exemplo são as aves. Seus ancestrais já tinham penas muito antes de poderem voar, ocorre que antes essas penas serviam apenas para a manutenção da temperatura do corpo... Milhares de anos depois, elas também serviram para que seus descendentes alcançassem os céus. No caso do *homo sapiens*, uma teoria explica que grande parte do que nos tornou humanos foi "aprendida" através da criação da linguagem, interpretação de símbolos e convívio em sociedades ancestrais. Realmente, o corpo humano possui um trato vocal (proporções e tamanhos da faringe, laringe e caixa vocal) capaz de produzir os sons de uma fala articulada e, portanto, uma linguagem mais requintada onde podemos expressar inclusive emoções somente pelo tom de voz... Ocorre que,

esse trato vocal surgiu em nossa árvore evolutiva mais de meio milhão de anos antes que surgisse qualquer evidência de linguagem.

Nossos corpos já estavam preparados para esse grande salto evolutivo a muitos milhares de anos, quiçá milhões deles. Ao contrário de todas as outras espécies que sempre evoluíram gradativa e lentamente, sem nunca experimentar um grande salto, o *homo sapiens*, na calada da noite, resolveu acordar como um ser humano, muito acima de qualquer outra espécie animal, e a única dotada de nível profundo de consciência.

Os céticos materialistas acreditam que tudo o que existe pode ser explicado apenas no âmbito da matéria: Corpo e, um tanto superficialmente, a mente... Mas, à luz da ciência, como explicar esse grande salto evolutivo ocorrido em nossa espécie? Será que, ignorando todas as probabilidades, apenas o *homo sapiens* foi agraciado com esse benefício, em detrimento de todas as outras espécies, que inclusive teriam vencido facilmente a extinção caso tivessem tido a nossa sorte? Quais as probabilidades de isso ocorrer em um bilhão de anos? Será que ganhamos a loteria da evolução terrestre?

Lógico que existe um mistério nessa questão da abrupta evolução do *homo sapiens*, apesar de a ciência ainda não ser capaz de decifrar-lo, não quer dizer que existam explicações de ordem não-científica para esse mistério... Sim, mas por outro lado, talvez nossa própria compreensão da ciência seja falha.

Claro que descendemos mesmo da árvore evolutiva dos símios, e a lógica cristã da criação do homem e da mulher é apenas uma alegoria criada para explicar algo complexo para mentes que (na época) ainda não tinham condições de absorver toda a verdade. Se até hoje existem os orgulhosos que não admitem terem ancestrais chipanzés, imagine a uns dois mil anos atrás... Entretanto, tampouco é crível que o grande salto do *homo sapiens* tenha se desenrolado sem ao menos um auxílio de uma dita inteligência superior.

Ao colocar corpo, mente e espírito no mesmo barco, e estudar a todos com métodos e teorias puramente científicas, talvez o braço filosófico e científico da doutrina espírita tenha chegado mais próximo de uma explicação plausível para o grande salto.

No espiritismo, entendemos que nenhum ser é capaz de criar um outro que lhe seja superior em inteligência. Temos sim, filhos que são em muito superiores aos pais, mas não são o pai e a mãe que criam os filhos, eles apenas concebem um corpo apto a receber um espírito; Além da genética e das ligações de amor, ódio ou amizade, não há nada em comum entre um filho e seus pais.

O espírito é, portanto, o gerador que move e controla o corpo, e o faz através das "teclas" da mente. Mas o espírito transcende o corpo e a mente, tanto que, sem o espírito, corpo e mente são apenas carcaça a espera de abutres e larvas. O

espírito, mesmo quando desprovido de corpo e mente, ainda existe como energia e inteligência individual (porém não imaterial). Isso está também dentro da máxima de que "no universo nada se perde, tudo se transforma"... Não é preciso se aprofundar mais do que isso para entender de que modo a existência de espíritos pode ter contribuído para o grande salto do *homo sapiens*.

Se é verdade que a seleção natural não pode criar novas habilidades, e que apenas privilegia certas habilidades que já estavam presentes nos genes de uma dada espécie, daí tira-se a conclusão de que a seleção natural não age mais de forma inteligente do que antes de forma intuitiva. Da mesma forma que certos animais realizam certas tarefas guiados puramente pela intuição, de modo a sobreviverem, a seleção natural faz o mesmo, privilegiando certos genes que provaram serem aliados a sobrevivência, descartando outros que de nada serviram para tal.

Mas, para se criar verdadeiramente, há que se ter inteligência... E para se criar inteligência, há que se ter inteligência superior. Se pensarmos que os espíritos podem nos preceder na Terra por milhões e milhões de anos, não fica difícil imaginar o quão superiores muitos deles nos são em inteligência e capacidade... De modo que, da mesma forma que fazemos experimentos com camundongos ou macacos para estudar doenças e comportamentos, é bem provável que toda a era antiga da Terra tenha sido antes um grande campo de experimentos... Experimentos de dinossauros, répteis, peixes, aves, mamíferos, homens, todos conduzidos pelos espíritos.

A grande diferença é que o objetivo deles era tão somente a criação de condições adequadas de vida, e corpos que favorecessem as lições evolutivas que outros espíritos ainda pouco evoluídos teriam de aprender. Pois que a evolução não se faz mais na genética dos corpos do que na lapidação da alma. Mais importante do que apenas sobreviver, é amar e conviver em harmonia com os seres da Terra... Fica muito claro que a condição alcançada pelo *homo sapiens* está bem acima de outros animais se o grande objetivo era nos fazer aprender a amar, ter consciência de nós mesmos e nosso papel nessa grande roda viva que é o universo...

Agora só nos falta mesmo o outro grande salto, a conquista de si mesmo.

Os pequenos selvagens

09.02.09

Era 1920, o reverendo Jal Singh, missionário anglicano, liderava aldeões em uma caçada nos arredores de Midnapore, a oeste de Calcutá, na Índia. Esses aldeões eram acostumados a caçar todo tipo de animal selvagem nas redondezas, mas dessa vez sua caçada era algo mais exótica: eles buscavam as meninas Amala e Kamala, que boatos diziam, haviam sido largadas nas florestas da região quando ainda bebês, e então foram "adotadas" pelos lobos, e passaram a viver como seres selvagens, embora humanos.

O que parece uma ficção, em realidade, é algo que sempre foi relativamente comum na história antiga, e nos povos rurais. Amala e Kamala realmente existiram. Quando foram abordadas, sua mãe loba as tentou proteger, e foi abatida pelos aldeões. Jal Singh acreditava que as estava tirando "da mão do demônio", e dando-as uma oportunidade de serem humanas, educadas, instruídas em sua religião e, finalmente, ganharem os céus ao aceitar Jesus como seu único salvador.

Infelizmente não foi bem o que ocorreu. Elas tinham provavelmente entre dois e oito anos, Singh as descreveu - "caninos alongados, queixo retraído, olhos que brilhavam na escuridão." Amala era a mais nova, e morreu em um ano de "cativeiro", sem nunca ter aprendido a falar ou sequer caminhar de forma ereta. Kamala sobreviveu até 1929, tempo em que aprendeu a comer alimentos cozidos (e não carne crua, como anteriormente), andar ereta e falar cerca de 50 palavras. Singh deve ter lamentado, não era o suficiente para que compreendessem Jesus, nem para que chegassem aos céus.

Na Idade Média, as crianças criadas pelos animais eram vistas como símbolo do caos, da insanidade, heresia, maldição de Deus. Mais tarde, o iluminista Rousseau envolveu todos os homens não-civilizados em uma aura de pureza e harmonia com natureza chamando-os de "nobres selvagens". Mas o fato é que isso tudo apenas nos demonstra o quanto precisamos uns dos outros, o quanto estamos encadeados na teia da vida: o homem é um ser de potencialidades, mas essas precisam ser despertadas para florescer.

Fosse Mozart criado por lobos, teria sido um gênio da música? Decerto que não, decerto que se não houvesse sido apresentado pelo pai a um piano ainda muito pequeno, não teria sido tão genial. Todo espírito humano traz nos calabouços do inconsciente toda uma história de evolução cognitiva, história essa que a ciência ainda não compreende como pode ser passada geração a geração, visto que genes determinam apenas características físicas, e não morais ou cognitivas... Essas "potencialidades da alma", no entanto, como bem lembrou Sto. Agostinho no livro homônimo (também herança do pensamento de Sócrates - "conhecer-se é relembrar"), dependem de serem despertadas, dependem de serem desenvolvidas

em prol de toda a humanidade. O ser humano criado por lobos será não muito mais do que um lobo, mas o lobo criado por seres humanos não possui essas potencialidades, e portanto será, no máximo, um lobo "menos feroz".

Fôssemos um povo consciente de sua herança ancestral, de sua longa ligação com todas as formas de vida nessa Terra, em vidas e vidas de evolução cognitiva e moral (em paralelo com a evolução tradicional esclarecida pela teoria de Darwin-Wallace), não deixaríamos nossas crianças para serem devoradas nos ermos, mas da mesma forma, não assassinaríamos os lobos que cuidaram de nossas crianças, pois que nesse sistema sagrado cada um recebe a responsabilidade que lhe compete: o lobo que criou a criança é um animal em vias de emancipação da consciência; o homem que matou o lobo e pretendeu "salvar" a criança é um ser consciente ainda preso na própria ignorância e preconceitos.

Nos dias que se seguem, o homem finalmente compreendeu que tudo que faz a Natureza, faz a si mesmo. Agora chegou a hora de voltarmos a viver, e não apenas sobreviver. Chegou a hora de nos lembrarmos dos índios e aborígenes que sempre souberam de seu lugar no grande esquema das coisas. Chegou a hora de nos re-conectarmos a Natureza, de curar todo mal feito, e de sermos tão puros quanto Amala e Kamala, porém no exercício pleno de todas as nossas potencialidades... Não vamos mais negar quem somos, e o que viemos fazer nesta Terra.

Meio segundo depois

16.04.09 (da série Reflexões sobre a consciência)

Consciência é algo que todos acreditam possuir, mas explicar com exatidão o que ela significa é um desafio que os pensadores encaram há muito tempo. Os pesquisadores modernos já se valem dos avanços da ciência e da filosofia, como o eletro-encefalograma (EEG) - que capta sinais elétricos que fluem entre células do cérebro de forma não-invasiva e não-indolor, ou a noção Lockean de que a consciência é "a percepção do que se passa na mente de um homem" - ou seja, antes de mais nada, um processo que não atua sozinho, mas depende do todo, incluindo memórias e estímulos sensoriais... No entanto tais pesquisadores ainda não chegaram na ponta do iceberg do chamado "problema difícil": como o cérebro produz a experiência de ser consciente?

Não temos a pretensão de encontrar uma resposta final a tal pergunta num futuro muito próximo (ou mesmo distante), mas podemos começar com uma reflexão de razoável bom senso acerca do "processo de se estar consciente": a todo segundo (de fato, a todo milésimo de segundo ou bem menos do que isso) somos bombardeados por ondas de partículas, são elas que nos trazem toda a informação que dispomos para analisar em nosso cérebro. Algumas não podem ser percebidas senão por instrumentos avançados, e serão inúteis para essa análise (ex: neutrinos - embora sejamos bombardeados por eles a todo instante)... Outras, no entanto, são essenciais para nossa experiência sensorial, sejam os fótons (luz) que nos permitem ver o mundo, ou a repulsão eletrostática (dos elétrons) que nos permite "tocar" em algo "sólido" e sentir alguma pressão nos dedos (ou em qualquer parte do corpo onde nossas terminações nervosas cheguem). Ao que tudo indica, nosso cérebro recebe a todo instante muito, mas muito mais informação, do que conseguimos perceber de forma consciente.

Em um de seus livros, o neurologista e pesquisador de casos extremos, Oliver Sacks, nos conta a história de um cego de nascença que através de uma cirurgia de catarata pôde enxergar (ou seja - deixar de ser cego) após já adulto, o que é algo extremamente raro mesmo nos dias atuais... Interessante que o homem vai a um zoológico e, observando um Elefante, não consegue "juntar suas partes". Ele vê uma tromba, uma enorme pata, uma orelha se movendo, e é incapaz de fundir todas essas informações visuais de forma a compreender aquilo tudo como uma única criatura... Somente após apalpar a miniatura de um Elefante é que o homem "começa" a compreender a forma visual de um Elefante, à distância, em perspectiva, se movendo pelo espaço e não apenas pelo tempo (quando somos cegos "enxergamos" as coisas de forma cronológica e não espacial). Resumindo, Sacks nos diz que levamos em torno de 15 anos para "aprender a enxergar como um adulto", e que não basta os olhos enviarem as informações trazidas pelos fótons ao cérebro - o cérebro precisa aprender a processar essas informações de forma a gerar uma resposta coerente a nossa consciência, e isso leva um baita tempo de acordo com Sacks.

Já outro neurologista, Benjamin Libet, ajudou a ciência a chegar ao entendimento de que: (1) a consciência envolve uma pequena parcela da atividade cerebral; (2) a consciência parece perceber apenas um percentual mínimo de toda a informação que chega ao cérebro por vias sensoriais; (3) o cérebro despende de um enorme esforço para "gerar o processo consciente" pois une os estímulos sensoriais do mundo externo para produzir um modelo coerente de realidade. Para chegar a tais conclusões ele antes estimulou de forma bem fraca o cérebro de pacientes, e percebeu que os estímulos geravam "resposta" no cérebro, mas essa "resposta" não passava pela consciência - ou seja, eles não percebiam de forma alguma que estavam sendo estimulados. Ou, pode-se dizer, percebiam de forma inconsciente.

O mais incrível, entretanto, é que descobriu-se que estímulos não-reflexivos, ou que dependiam de algum tipo de "resposta do inconsciente", só "apareciam" para a consciência meio segundo depois... Isso mesmo, como se tudo o que escolhêssemos fazer, desde mover um dedo a atravessar a rua no sinal correto, ocorresse 0,5s depois dos impulsos nervosos correspondentes bailarem pelo cérebro. Ou melhor, "como se fosse assim" não é a premissa ideal, pois hoje sabemos que sim, é assim. Interessante que estímulos reflexivos, como proteger os olhos com as mãos quando algum objeto é arremessado em sua direção, não passam pela consciência, e exatamente por isso operam em "tempo real", sem o meio segundo de atraso... talvez por não dependerem de resposta inconsciente alguma. E, de fato, nós não podemos "escolher" proteger os olhos, nosso reflexo é incondicional - somos obrigados a proteger-los.

Segundo o psicólogo Bernard Baars, os processos conscientes são aqueles que estão na "luz dos refletores" da atenção mental, enquanto os demais permanecem fora dos holofotes, guardados na memória para acesso imediato. Enquanto isso, os processos inconscientes trabalham nos bastidores - mas também integram a audiência mental e, portanto, respondem ao que está sob os refletores. Essa metáfora de um "teatro mental" na verdade é uma teoria analisada com seriedade pela ciência atual: a teoria do espaço global de trabalho.

Mas e qual a vantagem evolucionária de se gastar tanta energia no processo da consciência? Uma possível explicação está na noção de que a consciência é um meio de criar um modelo mental de realidade. Qualquer organismo possuidor de tal modelo pode fazer mais do que apenas reagir aos estímulos e rezar para que a resposta seja rápida o bastante para escapar dos predadores. Isso, por sua vez, sugere que indagar se um organismo é consciente pode não ser uma boa pergunta. A consciência pode apresentar gradações. Um inseto, por exemplo, apresentaria um modelo marcadamente menos sofisticado da realidade do que um humano.

Um inseto pode precisar recorrer a respostas inconscientes somente em raras ocasiões. Na imensa maioria delas pode operar de modo reflexivo, quando nenhuma escolha além da escolha de se preservar a vida se faz necessária... Em

seres que pensam, que sentem emoções como o amor e o ódio, ou que foram suficientemente perspicazes para cunhar o termo "moral", talvez as escolhas sejam mais complexas, menos autômatas e mais indeterminadas - mas será que mesmo nesses casos o ser é livre para escolher a forma de agir?

O que é liberdade afinal?

18.04.09 (da série Reflexões sobre a consciência)

Carlos é um bombeiro veterano, que durante a carreira arriscou a vida inúmeras vezes para salvar pessoas de situações de morte certa. Roberto é um ex-presidiário que após um longo tempo na prisão tenta aos poucos se readaptar a sociedade de forma honesta, e atualmente trabalha como vendedor em uma loja de celulares. Em um dado dia em específico, ambos estão caminhando na mesma rua, e percebem que há um prédio em chamas. Numa observação mais cuidadosa, percebem que uma criança pede socorro na janela do segundo andar... Talvez seja possível ainda salvar a criança se alguém corajoso entrar rapidamente no prédio nesse exato momento, ainda que arriscando a própria vida. Essa é uma escolha complexa: arriscar a própria vida para resgatar um semelhante, ou preservar a sua vida e assistir uma criança morrer de forma pavorosa? - é nesse sentido que vamos aqui discutir o livre-arbítrio (em oposição a, por exemplo, "escolher" se curar de um vírus ou ganhar na loteria, pois sabemos que toda liberdade é obviamente limitada pelas leis naturais, e pelas leis de probabilidade).

Considerado o exemplo do parágrafo acima, vamos analisar algumas teorias científicas acerca do livre-arbítrio e de sua relação com a consciência:

Segundo o filósofo Daniel Dennet, não existem coisas como experiências subjetivas; em vez disso ele propõe que o cérebro é um computador que possui informações de diferentes fontes com uma disposição para um comportamento particular e uma habilidade para distinguir entre estímulos diferentes. Trata-se de um complexo sistema de informação e modulação de informação sem nenhuma experiência subjetiva. Seguindo o que expomos anteriormente, Dennet basicamente postula que o "teatro mental" de Baars, o que subjetivamente experienciamos como o processo de consciência, nada mais é que uma disponibilidade global de informações, interpretadas pelo cérebro de maneira determinista sem que tenhamos realmente nenhuma possibilidade de escolha subjetiva sobre "o que fazer à seguir". Muitos outros neurologistas e materialistas convictos postulam que nossas escolhas conscientes, nossa subjetividade, nossa moralidade ou imoralidade, nada mais são do que a consequência de certas interações de partículas em nosso cérebro - de fato, não é possível se declarar materialista sem concordar ao menos parcialmente com isso.

Se corretas, no entanto, essas teorias significam que nossas vidas seriam completamente determinadas por nossos genes e pelo ambiente que nos cerca, e por conseguinte não haveria lugar para as responsabilidades. Ninguém mais seria responsável ou teria algum tipo de obrigatoriedade, e muito menos qualquer tipo de mérito e/ou demérito atrelado a qualquer escolha ou ação "subjetiva e moral" - Bombeiros que salvam vidas nada mais seriam do que seres guiados por interações específicas de partículas em seus cérebros, eles nunca tiveram a

"escolha" de serem altruístas ou heróis. Da mesma forma, terroristas e assassinos também não teriam "culpa" alguma por seus atos: a "culpa" fica por conta das interações de partículas em seus cérebros.

Nesse sentido, o determinismo materialista não seria muito distante do determinismo divino. Não importa se são reações químicas iniciadas pelo baile de partículas cerebrais, ou se é a "mão de deus" em ação: em ambos os casos tudo o que realizamos, pensamos e sentimos não é fruto de nossa vontade ou escolha, mas fruto de um determinismo onipresente em todo o espaço-tempo. Nesse sentido, a mera discussão filosófica sobre o assunto (ou qualquer outro assunto) se torna obsoleta de antemão, pois não somos nós que escolhemos discutir, e sim as partículas ou a "mão de deus"... Não sou eu quem está digitando este texto e nem você que o está lendo, somos meros fantoches do determinismo! E, não sei quanto a você, mas pelo bem da filosofia (e de tudo o mais) acho mais saudável considerarmos outras hipóteses... Até mesmo porque o materialismo é apenas uma teoria não comprovada, e como já devemos ter percebido a essa altura, o conhecimento do homem acerca do processo de consciência ainda está engatinhando.

Uma outra teoria para o problema foi postulada pelo anestesista Stuart Hameroff e pelo matemático Roger Penrose, e se chama teoria dos processos quânticos. Ela se baseia no princípio de que no mundo microscópico das partículas isoladas, o princípio da incerteza e a mecânica quântica fazem com que diversas "escolhas" estejam super-impostas, e não podemos saber em dado momento, com antecedência, qual delas será tomada - mais ou menos como se qualquer escolha fosse tão aleatória quanto os processos quânticos no nível subatômico. Eles propõem que a consciência nasce de estruturas minúsculas semelhantes a tubos, feitas de proteínas, que existem em todas as células do corpo, incluindo as do cérebro. Segundo a chamada teoria da Redução Objetiva Orquestrada (Orch OR, em inglês) - que deriva da primeira - a qualquer momento podem ocorrer vários estados quânticos e possibilidade nas células cerebrais, e quando uma decisão é tomada, ela é o resultado do colapso de um estado, que então alcança a consciência. Em suma, segundo Hameroff e Pensore, pensamentos e escolhas não são pré-determinadas, muito embora nosso controle sobre elas continue um tanto precário. Não diríamos, usando o exemplo do primeiro parágrafo, que Carlos "escolheu" salvar a criança porque era altruísta, mas sim porque de alguma forma, sua "tendência para o altruísmo" afetou os estados quânticos de suas células cerebrais, tornando a "possibilidade da escolha altruísta" maior, embora fosse ainda apenas uma probabilidade. Morre o determinismo, nasce o semi-aleatório, mas não saímos muito do lugar...

Sir John Eccles, neurologista vencedor do prêmio Nobel de medicina de 1963, foi talvez o mais ilustre cientista a argumentar em favor da separação entre a mente, a consciência (no caso, um processo da mente) e o cérebro. Ele dizia:

"Nós, como pessoas que experienciam, não aceitamos tudo o que nos é fornecido por nosso instrumento, a máquina neuronal de nosso sistema sensorial e o

cérebro, nós selecionamos tudo o que nos é fornecido de acordo com o interesse e a atenção, e modificamos as ações do cérebro, através do 'eu' - em suma, Eccles apenas defendia uma característica até mesmo óbvia que surpreendentemente escapou ao olhar atento de muitos cientistas (e ainda escapa): que alguma coisa em nós faz escolhas, simples e complexas, e que não sabemos exatamente onde esse 'eu' está fisicamente no cérebro (se é que está lá, ou apenas lá).

Outro defensor dessa teoria é Bahram Elahi, especialista em cirurgia e anatomia. Diz ele que embora a mente e o cérebro sejam separados, a mente (ou consciência) não é algo imaterial. Ao contrário, é composta de um tipo de matéria muito sutil que, embora ainda não-descoberta, é conceitualmente semelhante às ondas eletromagnéticas, que são capazes de carregar sons e figuras (e mesmo vídeos - figuras em movimento), e são governadas por leis, axiomas e teoremas precisos. Ele teoriza que tudo relacionado a esta "entidade" deve ser considerado como uma disciplina científica não-descoberta, e estudada da mesma maneira objetiva que outras disciplinas (como química ou biologia, por exemplo). A consciência pode, portanto, ser formada por algum tipo de substância material sutil demais para ser medida ou detectada utilizando as ferramentas científicas disponíveis hoje. Dessa forma, assim como os físicos continuam tentando descobrir novas partículas exóticas de matéria (muitas das quais, como o bóson de Higgs, por enquanto existem apenas em teoria), a consciência pode ser formada por alguma matéria dentro dos cerca de 96% ainda não descobertos pela ciência, segundo a teoria da Matéria Escura.

O que é liberdade afinal? Talvez seja apenas uma ilusão criada pelo processo consciente, para que a matéria orgânica conheça a si mesma, embora não tenha nenhum tipo de liberdade de escolha... Talvez, como no caso do bombeiro e do ex-presidiário, as escolhas complexas, morais, dependam de uma análise cuidadosa do inconsciente, que pode estar conectado permanentemente a uma "entidade" que governa o cérebro e seus processos... Nesse caso, o cérebro nada mais seria do que uma ferramenta nas mãos de um operário consciente, e pensamentos nada mais seriam do que as ordens dadas por tal operário... Mas, será que temos condições de compreender esse operário que se esconde da ciência, enfurnado em nosso inconsciente?

Manual de nós mesmos

20.04.09 (da série Reflexões sobre a consciência)

Os adeptos da meditação budista usam técnicas de "observação" da mente desenvolvidas há mais de 2.500 anos pelo filósofo indiano Siddharta Gautama, mais conhecido como Buda. O objetivo dessas técnicas é dobrar a mente sobre si mesma e observá-la em ação. De acordo com os budistas, tal introspecção pode oferecer visões sobre a natureza da mente, da realidade e do mistério da consciência. Tais declarações tradicionalmente não seduzem os cientistas e a insistência deles por provas objetivas. Contudo, monges budistas bastante treinados vêm se encontrando com cientistas para investigar a natureza da consciência.

Segundo o budismo e outras vertentes da sabedoria oriental, nossa mente está tão absorta pelo passado e suas memórias, e o futuro e suas expectativas, que raramente conseguimos viver o momento presente: o que, ironicamente, é o único momento que nós temos para viver... Uma das formas de compreendermos como "viver no presente" envolve a compreensão correta de que tudo no mundo é o resultado de uma grande confluência de causas e condições, e todas as coisas do mundo desaparecem quando estas causas e condições deixam de existir - o chover, o soprar dos ventos, o vicejar das plantas, o amadurecer e fenecer das folhas são fenômenos relacionados às causas e condições; uma criança nasce, tendo por condições os pais; seu corpo é nutrido de alimentos, sua mente educa-se com os ensinamentos e experiências - Assim, o corpo e a mente se relacionam às condições e variam quando elas se alteram. Assim como uma rede é confeccionada com uma série de nós, tudo neste mundo possui também uma série de vínculos. Ação gera reação: se alguém pensar que a malha de uma rede é coisa independente ou isolada, estará equivocado.

Quando "esvaziamos" a mente de suas memórias recorrentes do passado (incluindo as frustrações), assim como de seus desejos e expectativas ante o futuro (incluindo os medos), podemos então dobrar a mente sobre si mesma e, de certa forma, visualizarmos em primeira mão um pouco do que somos realmente: o "eu profundo" que opera nos bastidores do "teatro mental", que organiza a inconsciência e que realmente faz as escolhas que meio segundo depois chegam a nossa consciência (e que acreditamos que decidimos de forma inteiramente consciente). Há muitos no ocidente que não compreendem as vantagens de se "perder tanto tempo" parado, meditando, "pensando em nada", quando afinal há tantos problemas e desafios a serem resolvidos no mundo... Um budista diria que há "ação na inação": da mesma forma que um adolescente pode estar ao mesmo tempo vendo TV, ouvindo música e conversando com amigos em inúmeros países, sem no entanto estar realmente focado em alguma coisa mais profunda (como, por exemplo, o sentido de sua vida ser bombardeada por tantas informações irrelevantes ou, talvez, o sentido de se ter o desejo de operar exatamente como outros adolescentes em novelas e comerciais de TV), um

monge praticando meditação transcendental pode estar "organizando as coisas" em sua mente de uma maneira tão profunda que, quando "desperto", viverá o presente e o lado profundo da vida, e não perderá tanto tempo com superficialidades que ele sabe - não lhe trarão nenhum tipo de benefício real na compreensão da existência.

Tudo o que somos, nosso "eu profundo" e as diversas máscaras e construtos de personalidade que ele utiliza para a vida em sociedade, tal qual peças de um "teatro mental", se resume ao que quer que seja que comande o processo de consciência e a análise e reenvio de informações (escolhas simples ou complexas) ao cérebro, que somente então se encarrega de retransmiti-los ao resto do corpo por impulsos nervosos - sabemos, portanto, onde o cérebro está ativo em dado momento, conseguimos verificar por quais "fios" passa a corrente elétrica dos pensamentos, mas até hoje falhamos miseravelmente em identificar a "usina mental", aquela que realmente gera os pensamentos (ou os recebe da consciência).

Segundo as pesquisas em parapsicologia, a consciência e os pensamentos podem não estar absolutamente limitados em nosso próprio cérebro: se pensamentos são correntes elétricas que ocorrem entre neurônios, mas que não sabemos de onde realmente vem, pode ser que certos fenômenos possam ser explicados por pensamentos que, além de atuar nos neurônios do cérebro original, possam ser transmitidos a outras consciências, como "ondas de rádio-mental", e captadas por aqueles que tem a "sensibilidade" mais apurada. A percepção extra-sensorial (PES) seria a forma como tais consciências "pegariam no ar" essas ondas, quase que como pequenas antenas mentais, e poderiam receber informações a distância de forma não-convencional, ou pelo menos sem a necessidade de utilizar qualquer tipo de tecnologia desenvolvida pela ciência. A mente humana já seria, desde épocas remotas, a tecnologia mais apurada de que dispomos. A parapsicologia procura então decifrar e compreender fenômenos como a empatia (transmissões mente a mente de percepções emocionais, a mais comum), telepatia (transmissões mente a mente de informações) e clarividência (idem, porém a fonte seria o meio ambiente em si).

A maioria dos parapsicólogos, atualmente, espera que estudos adicionais venham finalmente explicar essas anomalias em termos científicos, apesar de não estar claro se eles podem ser completamente compreendidos sem expansões significativas (poderia se dizer revolucionárias) do estado atual do conhecimento científico. Outros pesquisadores assumem a posição de que modelos científicos já existentes, tais como os de percepção e de memória, são adequados para explicar alguns dos fenômenos parapsicológicos.

Segundo o espiritismo e outras doutrinas espiritualistas, a consciência nada mais seria do que uma forma de interação entre o espírito e o corpo, onde o primeiro comanda e o último, através dos pensamentos, é comandado. Embora muitos leigos acreditem que tais teorias afirmam que o espírito seria imaterial, na verdade, assim como Elahi deduziu, as teorias modernas afirmam que o espírito é

incorpóreo, mas não imaterial - é formado por matéria sutil, "fluida", que até hoje não foi detectada pela ciência. O espírito, o verdadeiro "eu profundo", seria a entidade que faria as escolhas e as "encaminharia" ao cérebro. Para tal, se valeria tanto das memórias conscientes quanto das inconscientes, e através do processo da consciência, canal de "ida e volta", analisaria as informações sensoriais recebidas (a "ida", como por exemplo: uma criança está presa em um prédio em chamas), checaria de forma quase instantânea todo o histórico de decisões tomadas no passado, elaborando uma espécie de "tendência moral" a ser aplicada para aquele input de informações em específico, e responderia o comando, a escolha tomada (a "volta", como por exemplo: "eu sei que o amor é a maior fonte de felicidade do mundo, então vale a pena arriscar a vida para salvar a criança"; ou talvez: "é muito arriscado entrar no prédio em chamas, além do mais irei me aposentar em 2 anos e tenho direito a um descanso..."). Vale ressaltar, nesse exemplo, que talvez a análise de "tendência moral" seja quase instantânea porque o espírito mantém essa informação "constantemente atualizada", motivo exato pelo qual existiria aí o livre-arbítrio: a real capacidade de tomar decisões complexas e morais por influência própria, e não de algum processo quântico aleatório, ou da reação previamente determinada de certas partículas no cérebro.

Obviamente as teorias espiritualistas não param por aí, e a quase totalidade delas (pelo menos as destituídas de dogmas e/ou manuais infalíveis) defende que os espíritos podem existir ainda antes do nascimento, assim como após a morte - seriam absolutamente independentes do corpo. Embora a ciência "esbarre" em tais possibilidades nos estudos das EQMs (Experiências de Quase Morte) ou em pesquisas de casos de crianças que se lembram de vidas passadas, é desnecessário dizer que a teoria da reencarnação afasta muitos cientistas, céticos, e principalmente materialistas, do estudo sério dessa possibilidade de explicação para o processo de consciência.

Os filósofos gregos já compreendiam que o autoconhecimento era um caminho tão infinito quanto o conhecimento da natureza a nossa volta. De lá para cá, descobrimos coisas surpreendentes no espaço profundo: luas, planetas, cometas, estrelas, galáxias, buracos negros... Porém também descobrimos que podem existir tantos neurônios no cérebro quanto há estrelas no céu de nosso horizonte cósmico. E, assim como a física de partículas esbarra no exotismo da mecânica quântica, e na sólida possibilidade de que 96% da matéria do universo nos seja absolutamente desconhecida, e mesmo que ele possa ser governado por minúsculas cordas a vibrar em espaços "infinitamente pequenos", talvez o estudo aprofundado e científico da consciência nos venha a revelar aspectos da natureza tão surpreendentes e elegantes quanto esses... Talvez estejamos hoje em uma era em que, pela primeira vez, poderemos começar a escrever o manual de nós mesmos de forma igualmente subjetiva e objetiva. Pois estamos cada vez mais perto do observador em nós, do "eu profundo", do que quer que seja que comande absolutamente tudo o que fazemos - pois somos tudo aquilo o que pensamos, percebemos e eventualmente compreendemos.

Homem-máquina

01.06.09

Alan Turing era uma criança brilhante e solitária. Seu intelecto independente não se encaixava nas expectativas dos professores; ele estava nos últimos lugares de sua classe em várias disciplinas. Entretanto em 1935, quando tinha 23 anos, impressionou os colegas na Universidade de Cambridge (ele era inglês) inventando a caracterização matemática de uma máquina que iria se tornar uma das contribuições mais importantes da história da computação. A teórica máquina de Turing pode computar respostas para um problema matemático baseado num programa. Ela consiste em um dispositivo de entrada de dados, um conjunto de estados internos que correspondem a um programa e a um dispositivo de saída. Qualquer computador moderno, em essência, é uma máquina de Turing.

Em 1950, quando os microchips de silício ainda não existiam, Turing percebeu que, conforme os computadores ficassem mais espertos, a questão da inteligência artificial iria acabar surgindo. No artigo "Máquinas computacionais e inteligência", Turing substituiu a pergunta "As máquinas podem pensar?" por "Pode uma máquina - um computador - passar no jogo da imitação?". Isso é, pode dialogar de forma tão natural a ponto de fazer com que uma pessoa pense que seu interlocutor é humano?

Turing tirou essa idéia de um jogo no qual um dos participantes, chamado de entrevistador, precisa determinar, fazendo uma série de perguntas, se uma pessoa em outra sala é homem ou mulher. Turing substitui a pessoa na outra sala por um computador. Para passar no teste de Turing, a máquina precisaria responder qualquer pergunta do entrevistador com a competência lingüística e a sofisticação de um ser humano. Ao final de seu artigo, Turing previu que em 50 anos - ou seja, mais ou menos até o ano 2000 - seríamos capazes de construir computadores tão bons na imitação que um entrevistador médio teria apenas 70% de chances de identificar se estava falando com uma pessoa ou uma máquina.

Até agora a previsão não se realizou. Nenhum computador pode, na verdade, passar no teste de Turing. Um ser humano com excelente raciocínio matemático leva em torno de 10 segundos para calcular a soma $3.456.732 + 2.245.678$; um computador médio da primeira década do século 21 pode realizar o cálculo em 0,00000018 segundo. Não é de admirar que na aurora da ciência da computação o homem se maravilhava a tal ponto com a tecnologia que se prevê coisas miraculosas para um futuro próximo. Como dizia Arthur C. Clarke, "qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia."; Mas talvez faltassem aos homens em êxtase com sua tecnologia a percepção de que a maior máquina que já colocamos as mãos, que já operamos, é exatamente a máquina da mente.

Não é tão difícil imaginar a causa da falha miserável na previsão de Turing: computadores processam informações de forma digital, convertidas em bits. A mente interpreta informações de forma analógica, sem qualquer tipo de conversão. Enquanto um bit de informação pode ser "0" ou "1", "verdadeiro" ou "falso", e assim por diante, a mente pode interpretar um mesmo input de informação de maneiras praticamente infinitas, se for necessário. Somente na questão da linguagem humana um computador já é invariavelmente limitado na imitação da mente: é crucial levar em conta o contexto em que as frases são ditas, mas o computador não consegue reconhecê-las com facilidade. A palavra "banco", por exemplo, pode significar um "assento" ou uma "instituição financeira" dependendo da situação em que é usada. Este é um exemplo simples, imaginem então como um computador poderá um dia interpretar uma frase como "eu estava apaixonado, seu beijo era tão doce quanto as maçãs do Paraíso e seu perfume me lembrava um jardim perdido no tempo"... Certamente a poesia não pode ser computada.

Apesar disso, há quem confunda a mente humana com o cérebro, e dessa maneira acredite piamente que nós funcionamos exatamente como uma máquina, e que é questão de tempo até que a inteligência artificial não apenas imite a cognição humana, mas a suplante! Vejamos como o materialismo soube ocultar o absurdo que salta aos olhos daqueles que sabem enxergar além dele: se o cérebro é o único responsável pela geração do processo de consciência, então concluímos que tudo o que ele faz é interpretar e processar as informações sensoriais que lhe chegam a todo segundo. Dessa forma, o cérebro reage ao ambiente e vai lentamente formando uma base de memória, na teoria a única responsável por sua personalidade, sentimento e moral. Mal comparando a um computador moderno, teríamos que o *hard disk* (HD) corresponderia as memórias armazenadas no hipocampo. O processador corresponderia a capacidade de inter-conexão das sinapses entre as células neurais, o que possibilitaria o raciocínio e a cognição em maior ou menor grau. O processo de consciência corresponderia ao computador ativo, computando com o auxílio de sua memória temporária (RAM); e ao final, quando desligado (sono), eliminaria todas as informações sem grande importância, armazenando o que restasse no hipocampo (HD). Analisando superficialmente essa analogia é instigante: será que não seríamos, no final, apenas máquinas avançadas?

Mas isso é facilmente posto abaixo por uma simples constatação: a de que o computador computa informações, e nunca as interpreta. Se o computador pode parecer humano, é somente pelo processo de imitação, pois ele nada decide, nada escolhe, nada interpreta. Somos nós quem fazemos as escolhas, somos nós quem teclamos o teclado, quem clicamos com o mouse, quem escolhemos entre "ok" e "cancelar" em um formulário, quem comentamos nos blogs, quem criamos todo o conteúdo *online* e *offline*, etc. Exatamente por isso que não é pela analogia as máquinas que conseguiremos um dia compreender a existência, a capacidade de fazer escolhas, o processo de consciência, o pensamento...

Até hoje não se sabe onde está a consciência, nem do que é formada. Como falei com maiores detalhes em outros artigos, percebemos a atividade elétrica no cérebro, o baile eletromagnético do pensamento, como quem observa a eletricidade passando pelos fios em postes nas ruas (os "fios que falam", segundo o Chefe Seattle), mas não fazemos a menor idéia, dentro da ciência, da origem do pensamento, da "usina elétrica" dos fios do cérebro... Enquanto não soubermos onde está a consciência, ou o que exatamente a inicia, não teremos condições de afirmar o que, em nós, que faz as escolhas, que tecla as teclas do cérebro, que opera a máquina.

O sistema homem-máquina torna possível que o cérebro envie "sinais neurais" que podem ser decodificados para comandar ferramentas e máquinas. No ano 2000, uma equipe coordenada pelo brasileiro Miguel Nicolelis, então na Universidade de Duke, implantou eletrodos no córtex cerebral de uma fêmea de macaco-da-noite, chamada Belle: um computador decodificou a atividade neural da macaquinha e usou os sinais para mover o braço de um robô. Esse tipo de experiência é um grande feito científico, pois tais pesquisas podem resultar em melhorias extraordinárias na qualidade de vida de pessoas paralisadas ou amputadas... Mas não significa que devemos nos deixar cegar pelo brilho reluzente do avanço científico. Nenhum braço robótico jamais se moverá porque quer, mas sim porque decodificou e computou informação neural, porque foi comandado a se mover. Da mesma forma, resta saber se é o cérebro quem nos comanda, se tudo o que somos se resume a reações de partículas no cérebro, ou se ele mesmo é ainda mera ferramenta, uma grandiosa máquina que nossa mente comanda todos os dias de nossa vida.

Quem poderá dizer? Talvez a computação quântica rompa a barreira do "0" e "1", e permita que os computadores computem informações de modo tão avassalador que sua imitação do ser humano vença finalmente o teste de Turing. Mas ainda assim, será mera imitação. Nem mesmo Turing se iludiu ao ponto de imaginar que um dia uma máquina de computar seria o mesmo que uma máquina de interpretar, ou em outras palavras, que uma máquina fosse capaz de tomar decisões morais.

E foram talvez por questões de "falsa moralidade" que um dos maiores matemáticos do século passado tenha se suicidado. Como homossexual declarado, no início dos anos 50 foi humilhado em público, impedido de acompanhar estudos sobre computadores, julgado por "vícios impróprios" e condenado a terapias à base de estrogênio, um hormônio feminino o que, de fato, equivalia à castração química e que teve o humilhante efeito secundário de lhe fazer crescer seios. Deprimido, em 7 de Junho de 1954, com apenas 41 anos, faleceu após ter comido uma maçã envenenada. Uma máquina não se sentiria humilhada, não se preocuparia com questões subjetivas de sexualidade, mas igualmente não seria capaz de alcançar a genialidade de Alan Turing, o homem ao qual devemos a invenção teórica que mais auxilia a evolução tecnológica da humanidade - o computador nasceu da mente de Turing. É pena que sua genialidade não tenha sido capaz de vencer a ignorância e o preconceito do ser humano.

Os três primeiros parágrafos deste artigo são quase que transcrições diretas de trechos do artigo "Pensamento eletrônico", de Yvonne Ralley, professora-assistente do departamento de filosofia da Faculdade Felican, em Lodi, Nova Jersey, e publicado na edição especial "Desevendando o cérebro" da *Scientific American Brasil* (editora Duetto, #19, Maio 2009).

A história do ouro

27.03.08

O ouro sempre representou a riqueza material para a humanidade, somente à poucos anos atrás ele passou a servir a tecnologia, mas anteriormente sempre foi associado ao luxo, a riqueza, e muitas vezes mesmo ao sagrado.

O ouro é conhecido desde a antiguidade, sendo certamente um dos primeiros metais trabalhados pelo Homem. Conhecido na Suméria, no Egito existem hieróglifos egípcios de 2600 a.C. que descrevem o metal, que é referido em várias passagens no Antigo Testamento. É considerado como um dos metais mais preciosos, e o seu valor foi empregado como padrão para muitas moedas ao longo da história.

Na época das grandes navegações países como Espanha e Portugal eram considerados riquíssimos pois trouxeram bastante ouro da América recém descoberta, com o tempo porém esse ouro foi gasto... Interessante perceber que o ouro físico tem validade enquanto riqueza, mas pode ser vendido ou derretido para formar ligas metálicas, revestir micro peças de aparelhos eletrônicos, criar jóias, etc... Ou seja, até algumas décadas atrás a riqueza de uma nação era determinada principalmente por sua quantidade de ouro.

Com a revolução industrial e os automóveis e outras máquinas, o petróleo, também conhecido como "ouro negro", surgiu como grande indicador da riqueza de um país, e em verdade até mesmo nos dias atuais ele é uma das riquezas mais procuradas em todo mundo. Não é nada surpreendente que nações pseudo-ditatoriais se sustentem a base da venda de seu petróleo, enquanto ganha a promessa de seus compradores fazerem "vista grossa" para qualquer tipo de atrocidade ocorrida em suas fronteiras. Mesmo até hoje guerras são feitas em nome do petróleo, ou seja, é a mesma história de sempre: guerras pelo domínio de riquezas.

Mas interessante também é que a modernidade nos trouxe um conceito antigo, mas aplicado de forma globalizada: a Lei da Oferta e da Procura. Baseando-se nela, os mercados deixaram de serem feitos nas praças das cidades, e para atender a nova era da informação, evoluíram a bolsas de valores, que hoje são operadas *online* de praticamente qualquer parte do mundo. Hoje, as riquezas, o ouro, o "ouro negro", o potencial de uma empresa, e muitas coisas mais as quais o homem sempre conferiu valor material, se transformaram em números na tela de um monitor... Em números que percorrem telejornais nos quatro cantos do planeta, que trafegam como *bits* de informação em *homebankings* pela internet, que aparecem impressos em quase todos os jornais.

O que determina se esses números sobem ou descem? O que determina o valor das riquezas e do ouro? Ora, a Lei da Oferta e da Procura... A diferença é que,

tanto a Oferta quanto a Procura hoje em dia são essencialmente virtuais, são essencialmente baseadas no "ânimo" dos mercados, na "análise sábia" dos gurus da economia e, em última instância, na "astúcia" dos especuladores!

Ora, qualquer semelhança entre o Culto ao Ouro e o Culto ao Deus dos Homens não é mera coincidência. Tanto em um como em outro, é o próprio homem quem determina o valor de seu deus. Em ambos, uma dada doutrina ou teoria é somente valorizada pela quantidade de seguidores que lhe adere, assim como a altura e riqueza de seus templos. Em ambos, temos gurus e profetas afirmando trazerem "segredos dos céus" e ditando o Futuro Certo e a sua Verdade Absoluta. Enfim, tanto em um como em outro, estamos falando essencialmente da fé em seu próprio deus, nunca o Deus de Todos, pois esse ouro não se reparte.

Assim como o investidor tem fé que suas ações vão continuar valorizando, e nunca desvalorizando, e assim reafirma o seu comportamento, os adoradores do Deus dos Homens tem fé que sua igreja continuará crescendo, construindo novos templos cada dia mais suntuosos, e que seu deus os trará cada dia mais riquezas, e nunca adversidades. Qual será a grande diferença entre essas duas crenças?

A mente do homem não cria apenas números e cotações e valores para a grama do ouro, ela também cria deuses e imbuí neles toda a verdade que gostariam muito, sem dúvida, que fosse a Verdade Absoluta... Mas isso vai até as bolsas quebrarem, até a fé no Deus dos Pés de Barro ser destroçada pelo seu próprio peso, aí tanto uns quanto os outros poderão perceber que o que nos cabe fazer é conhecer a nós mesmos, a nossa verdade, e não insistir em criar verdades para os outros.

A riqueza de cada um se mede pela obra que se realiza com o ouro que lhes é ofertado.

Padrão-fé

13.04.09

Numa época não muito distante, todo o sistema monetário dos países desenvolvidos era baseado num conceito conhecido como padrão-ouro, definido assim pela *Wikipedia*:

A teoria pioneira do padrão-ouro, chamada de teoria quantitativa da moeda, foi elaborada por David Hume em 1752, sob o nome de “modelo de fluxo de moedas metálicas” e destacava as relações entre moeda e níveis de preço (base de fenômenos da inflação e deflação). Cada banco era obrigado a converter as notas bancárias por ele emitida em ouro (ou prata), sempre que solicitado pelo cliente.

Em suma, toda e qualquer cédula monetária tinha um "lastro material", ou seja, tinha a garantia material e paupável de que o banco que a emitiu tinha condições de emití-la pelo simples fato de ter "ouro em caixa"... Do contrário, toda cédula monetária não seria muito mais do que um papel impresso, ao qual a fé das pessoas, ou a imposição a força dos governos, determinava o valor - valor virtual, não real.

As “regras do jogo” prevalecentes no sistema de padrão-ouro eram simples: a quantidade de reservas de ouro do país determinava, portanto, a sua oferta monetária. Se um país fosse superavitário em sua balança de pagamentos, deveria importar ouro dos países deficitários. Isso elevaria sua oferta interna de moeda, levando a uma expansão da base monetária, o que provocaria um aumento de preços que, no final das contas, tiraria competitividade de seus produtos nos mercados internacionais, freando assim, novos superávits. Já se o país fosse deficitário na balança comercial, exportaria ouro, sofreria contração monetária, seus preços internos baixariam e, no final das contas, aumentaria a competitividade de seus produtos no exterior. Isso trazia uma certa garantia de harmonia e equilíbrio na balança comercial e economia mundiais (pelo menos nos países desenvolvidos).

Após a Primeira Guerra Mundial, o padrão-ouro sofreu modificações definidas nos acordos de Bretton Woods, porém ainda existia o "lastro material" associado a moeda. Entretanto, no início dos anos 70, a principal economia mundial, os EUA, sofria a necessidade de financiamento crescente por conta da Guerra do Vietnã. Qual foi a solução miraculosa para "criar dinheiro do nada"? Abandonar o "lastro material", abandonar o padrão-ouro, e deixar a fé das pessoas determinar o quanto valia o dólar. Obviamente que a função do governo americano, e de outros países desenvolvidos, desde então, tem sido certificar-se que as pessoas acreditam que suas moedas valem mais do que o ouro que detém em seus cofres.

O padrão-fé, termo criado por este artigo diga-se de passagem, é muito simples: os bancos emitem as cédulas monetárias e dizem que tem "uma boa quantidade

de ouro para garanti-las", e como tais bancos são bancos de países ditos desenvolvidos, todos acreditam neles piamente (até porque se não acreditarem seu dinheiro valerá menos). Assim, todos crêem que os maravilhosos papéis impressos em inúmeras cores, com gravuras elaboradas e assinaturas estilosas, "valem exatamente o que valem" - ou seja, seu suposto "lastro material" em ouro, ainda que não exista mais garantia real nenhuma, nenhuma, de que esse ouro esteja lá.

Não sou economista e obviamente a definição do parágrafo anterior é um tanto superficial e mesmo falha. A realidade sem dúvida é bem mais complexa. No entanto, de uma coisa todos sabemos: se toda a população com dinheiro depositado nos países desenvolvidos correr aos bancos e retirar 100% do valor, vai faltar cédula para todo mundo, mas muito pior do que isso, vai faltar "lastro material" para todo mundo - e todos perceberão que, de certa forma, aqueles maravilhosos papéis impressos nada mais são do que... papel impresso.

Como já havia dito na "história do ouro", a economia atual, principalmente as bolsas de valores, se baseiam essencialmente em fé... Nada mais justo, já que o próprio sistema bancário deve sua origem aos "cheques de viagem" dos Cavaleiros Templários. Nada mais justo que um sistema que surgiu de um grupo de monges-religiosos-guerreiros seja hoje baseado em fé. O problema está em não avisar as pessoas disso.

Interessante que hoje passemos por uma crise financeira mundial decorrente exatamente da percepção generalizada de que a "riqueza" de certos países ditos desenvolvidos nada mais era do que um construto de fé. Porém, mesmo esse construto era sustentado por bases tão frágeis que até mesmo a fé era uma espécie de sub-fé, uma enganação, uma "fé sub-prime" - um sistema de crença que se baseava cada vez mais no que havia de virtual na economia, em uma bolha especulativa que não correspondia sequer ao PIB de cada país, quanto mais ao "lastro material" de seus bancos.

Isso não é "teoria da conspiração", não é "um mistério de Nova Era", nem mesmo apenas um devaneio deste que lhes escreve. Trata-se da realidade. Talvez de certa forma exagerada, mas realidade enfim. Basta ver os noticiários econômicos, basta procurar entender mais de economia e balança comercial, basta atentar para a "mudança de paradigma" que muitos ditos Gurus da Economia apontam para o futuro a médio-prazo. Qual o "lastro material" que nos restou? Qual a base sólida sobre a qual nossas economias serão reposicionadas? Ora, "lastro material" nunca existiu - mesmo o valor do ouro sempre dependeu da Lei de Oferta e Procura, e mesmo isso depende de fé... O que você quer comprar com o seu dinheiro? Quanto vale o seu dinheiro? Tudo depende do padrão-fé. Tudo depende de nós mesmos.

O sexto deus

30.04.09 (conto)

Era um planeta minúsculo, não mais do que 100 km quadrados, a vagar em torno de alguma estrela de alguma galáxia do universo. Mas os deuses que o habitavam não se importavam com o restante do cosmos, estavam bem atribulados com suas existências imortais. Nesse distinto mundo, contavam-se ao todo seis deuses:

O primeiro deus era o Legislador. Era quem determinava as relações entre os demais deuses, cuidando para que ninguém fosse injustiçado. Ele recebia um imposto dos demais por seu trabalho, de acordo com as condições de cada um.

O segundo deus era o Lorde. Foi quem primeiro descobriu a única mina de ouro que existia em seu planetóide, e portanto a proclamou como sua posse. Era com o ouro do Lorde que a economia girava, e obviamente ele ficava com a maior parte dele (“para o caso de alguma crise”, explicava).

O terceiro deus era o Mercador. Era o responsável pelo giro financeiro do mundo. Através dele todos os outros deuses podiam comprar e vender mercadorias, de modo que todos ficavam satisfeitos de poder fazer alguma coisa com o ouro que recebiam. O Mercador sobrevivia da taxaçoão de todas as transações comerciais. Muitos diziam que ele certamente teria mais ouro que o próprio Lorde, embora ninguém soubesse onde o escondia...

O quarto deus era o Minerador. Foi quem primeiro descobriu as técnicas para se extrair o ouro da terra, a convite do Lorde. Desde então trabalhou incansavelmente para extrair a maior quantidade de ouro possível, visto que seu pagamento equivalia a uma percentagem do que conseguia extrair. Obviamente que a maior parte ficava com o próprio Lorde.

O quinto deus era o Agricultor. Era ele quem conhecia os segredos das plantações de árvores frutíferas, folhas e legumes em geral. Apesar de imortais, todos os deuses precisavam comer para se manterem saudáveis. Estranhamente, o Agricultor era quem recebia menos ouro pelo seu trabalho, já que quase todos os outros deuses (menos o sexto) valorizavam mais o ouro do que a própria saúde. Dessa forma as frutas e verduras eram vendidas por preços ínfimos.

O sexto deus era o Sábio. Ele se recusava a trabalhar para outros deuses, e como era amigo do Agricultor, aprendeu com ele o necessário para plantar as próprias sementes. Tirando seu amigo, todos os outros deuses eram inimigos do Sábio: O Legislador não gostava dele porque quase nunca tinha qualquer imposto a pagar (já que não tinha renda alguma); O Lorde o ignorava solenemente porque abominava seu discurso de que “o ouro não é tão importante quanto à sabedoria”; O Mercador o tratava como um reles mendigo porque nunca tinha ouro suficiente

para comprar qualquer mercadoria; Já o Minerador nunca havia compreendido como o Sábio podia viver sem o fascínio pelo ouro.

Então veio uma catástrofe mundial: o ouro que havia na montanha do Lorde acabou! Não havia mais nada para se extrair, e o ouro que já havia sido extraído estava adornando as mansões e os cofres secretos dos deuses mais abastados... Mas não havia mais como pagar pelos trabalhos do Minerador ou pelas frutas e verduras do Agricultor!

De um dia para o outro, todos eram tão mendigos quanto o Sábio. Porém, ao contrário do sexto deus, que dedicou sua imortalidade a estudar a si mesmo, eles haviam relegado a existência ao estudo do ouro, e de tudo que ele podia comprar e adornar – tudo que de nada mais serviria a eles...

Após confabularem entre si, para evitar um colapso mundial de seu sistema de existência, foram humildemente pedir conselho ao sexto deus, que fora chamado a fazenda de seu amigo Agricultor. O Legislador falou por todos:

“Sabes que sou responsável por manter nosso sistema justo para todos. Sempre me pareceu que o sistema de mérito pelo trabalho era o mais adequado, e que todo mérito deveria ser pago em ouro... Mas o ouro acabou e não sabemos mais com o que pagar nossos irmãos. Tu sempre fostes alienado de nosso sistema, nunca concordou com ele. Por isso viemos lhe pedir conselho sobre o que fazer agora. Acaso durante todo esse tempo tendes pensado em um novo sistema para o mundo? Acaso havia previsto que o ouro acabaria?”

“Eu nunca previ que o ouro acabaria, mas fico satisfeito que finalmente acabou. Tu dizes que eu era contra o sistema de mérito, mas não é verdade: sou contra o pagamento em ouro. Durante todo esse tempo tenho pensado numa melhor forma de pagar pelo mérito alheio.” – Respondeu o Sábio.

“E achastes uma forma melhor?” – Prosseguiu aflito o Mercador.

“Não. Mas o que importa é que tenho sobrevivido esse tempo todo sem participar do sistema de vocês graças ao que o Agricultor me ensinou. E ele não me ensinou apenas a plantar sementes... Ensinou também a plantar amizades. Não tenho, depois de todo esse tempo, uma resposta simples para nosso sistema futuro. Mas tenho uma resposta simples para o que me manteve contente e mentalmente produtivo durante todos esses ciclos: sementes e amizade.”

Do Cosmos

Vida abundante

08.12.06 (conto)

O astrônomo queria saber o que havia no início desse universo, e com seu super telescópio, passou dias e noites, e semanas e meses, apenas observando os céus noturnos, em busca de algum resquício de luz da grande explosão que iniciou isso tudo, o Big Bang.

E quando mais achava pistas sobre ele, mas tempo passava no telescópio... Até que um dia foi recompensado, encontrara no passado distante, a milhões de anos-luz, o nascimento de uma pequena estrela nos confins de nossa própria galáxia. De uma explosão de luz, viu que do nascimento incandescente daquele pequeno sol, milhares de pequenos fragmentos foram arremessados no espaço sem fim... Um desses fragmentos era um asteroide, mas não um asteroide qualquer, porque o astrônomo sonhou que ele era parte dessa pedra viajante.

Ou talvez estivesse no sonho de alguém, mas o fato é que viu todo o percurso daquele pequeno pedaço de rocha pelo espaço... Observou muitas outras estrelas, outros sóis e seus planetas, luas, anéis de Saturno, e milhares de outros asteroides, cada qual em sua própria rota, determinada por sabe lá quem ou o que...

Até que avistou um imenso ponto negro no espaço, realmente mais negro do que o próprio espaço em si, totalmente escuro, pois que nem a luz lhe escapava. Era assustador, impossível saber o que havia em seu horizonte interno, pois sugava toda a luz, e ainda não haviam inventado um telescópio que enxergasse onde não há luz alguma... Mas nesse momento soube da inevitabilidade de sua aproximação do arauto da destruição, era impossível que aquele pequeno asteroide tivesse forças para sobrepujar a atração mortal do imenso buraco negro.

No entanto, quando estava mais próximo de sua entrada, pareceu tranquilizar-se, como quem pensa da seguinte forma: "se por acaso foi o nascimento de uma estrela que me arremessou no espaço, talvez não seja de todo mal que eu me perca para sempre na carcaça mortal de uma de suas irmãs". O buraco negro nada mais era do que uma estrela muito mais antiga que já havia entrado em

processo de auto-destruição, levando tudo a sua volta consigo, até mesmo a luz, mas não a esperança...

Pois que após vagar por incontáveis séculos pelo universo sem fim, o pequeno asteróide e seu astrônomo aprenderam uma lição. "Aqui existe vida, vida abundante, vida infinita. Enquanto uns se perdem nos horizontes escuros de um buraco negro, muitos outros são arremessados no espaço à todo momento, numa inexplicável, onipotente demonstração de amor."

E desse modo pleno de confiança, adentrou no escuro absoluto... Menos de um momento depois, já se via vagando pelo nosso sistema solar, em direção a terceira pedra do nosso sol, a mãe azul, Terra. Não sabia o que havia ocorrido dentro do buraco negro, mas sabia sim que persistia, ainda que numa outra forma, um asteróide muito maior, com diversas outras inteligências em estado bruto... "Nada se perde, tudo se transforma."

Queimou ao entrar em contato com nossa atmosfera, e caiu incandescente... Mas dor, dor não sentia... Sentia uma imensa alegria, como a de quem encontra uma casa nova para morar. E, caindo em algum lugar do Egito, a milhões de anos atrás, se transformou numa imensa montanha, e depois numa das árvores que crescia na base dela, e depois em um pequeno réptil, um gato-pardo, um gorila, um homem das cavernas e, finalmente, um homem!

Então o astrônomo acordou de súbito, houvera cochilado durante suas observações sem fim. Imediatamente pensou: "nunca sonhei um sonho tão real." E dali em diante, passou a se preocupar mais consigo mesmo do que com o universo distante... De algum modo, sentia que era ele em si, parte desse universo, e olhar para dentro de si era como olhar para as regiões mais longínquas do cosmos.

O turbilhão

04.12.06

Já dizia Santo Agostinho: "O passado já não existe e o futuro ainda não existe. (...) O presente não tem nenhuma duração, se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro." - Portanto, o que importa é o que nós somos, o que conquistamos moralmente para nós mesmos, o quanto fomos capazes de evoluir até agora... Mas, e que "agora" seria esse então? Não importa.

Não importa, porque se nossa medida de grandeza fosse baseada no quanto conseguimos juntar em nossas casas ou em cofres de bancos, ou a quantas instituições de caridade doamos todo ano, ou a quantas pessoas nos conhecem ou quantas notas saem sobre nossas vidas nos jornais todos os dias, enfim, acho que teríamos muitos grandes homens e grandes mulheres nesse mundo.

Mas, como Sócrates o fez, é preciso aprender a julgar quem é sábio e quem apenas se julga como tal... Não exatamente pelos outros, mas antes por nós mesmos. Aprender o que é realmente a sabedoria nos aponta o único caminho pelo qual deveríamos estar sujando nossas botas de lama. São vários os caminhos para a sabedoria, e todos, guiados por nosso próprio amor ao saber, levam para dentro de nós mesmos.

Como estamos sempre em trânsito, nessa viagem quase que eterna de nossa pequena Via Láctea pelos confins do cosmos, tudo a nossa volta também é dinâmico, está sempre em movimento. Não adianta querer guardar quinquilharias nas gavetas, trajes finos nos armários, medalhas e troféus no sótão... O turbilhão que move esse universo não poupa a nada nem a ninguém, mais poderoso do que o próprio tempo, ele só cessa ante os portais que levam a algo ainda mais poderoso.

Sim, pois que nada adentra aos portais de nossa própria alma, ah não ser nós mesmos. Lá, somos onipotentes, embora ainda não possamos exercer essa onipotência em todo seu potencial... Mas mesmo assim, tudo que guardamos na alma "o ladrão não leva e as traças não devoram".

Sábio é aquele que guarda um ensinamento dentro d'alma, e não precisa vasculhar toda sua biblioteca para encontrar-lo novamente. Sábio é também quem carrega toda a sua casa sempre consigo mesmo, e prefere o som leve de uma harpa que pode carregar, do que uma sinfonia belíssima tocada em piano, mas que lhe pesa mais do que qualquer outra coisa, por ainda não poder decifrar-la. Sim, mesmo aqueles que guardam seus amores a sete chaves dentro de seus corações não podem ser censurados, pois que não há coisa mais valiosa do que um amor, e é perigoso deixar um amor perdido enquanto se corre atrás de outro.

Mas, acima de tudo, sábio é aquele que não se preocupa em decorar tantas orações, pois que sabe que diante de tamanha imensidão, a única coisa que pode dizer ao descobrir que dentro de si mesmo existe uma imensidão ainda maior e mais bela, é somente isso mesmo...

"Obrigado".

Você e o copo

01.11.08 e 04.12.08

Parte 1

Está interessado em uma experiência existencial interessante? Bem, basta não ler se não estiver.

Pegue um copo, pode ser qualquer tipo de copo, e coloque em cima de uma mesa a no máximo um metro de distância. Certifique-se que está em um ambiente iluminado, seja pela luz do sol ou pela luz "artificial" de uma lâmpada, por exemplo; Depois sente-se em uma cadeira e observe atentamente o copo por alguns momentos...

Agora me permita fazer algumas perguntas, e lhe trarei as respostas ao final. Portanto, não as leia se ainda estiver pensando na resposta:

1. O copo é real?
2. O copo é visível ou invisível?
3. De que forma você vê o copo?

Bem, vamos às respostas:

1. Sem dúvida, tudo o que é percebido faz parte da realidade.
2. Absolutamente invisível, assim como qualquer outro objeto ou ser que não emite luz.
3. Nosso órgão de visão consegue perceber o copo pelas partículas de luz que interagem com ele (no caso, refletem-se, já que ele não emite luz) e nos alcançam. Não vemos o copo diretamente, portanto, vemos a luz que interagiu com ele.
A luz na forma como a conhecemos é uma gama de comprimentos de onda a que o olho humano é sensível. Trata-se de uma radiação eletromagnética pulsante ou num sentido mais geral, qualquer radiação eletromagnética que se situa entre as radiações infravermelhas e as radiações ultravioletas.
Por isso, quando olhamos o céu à noite, estamos vendo o passado, a luz que veio de algum lugar muito distante para nos trazer informações visuais. Decerto se alguém observou algum copo parecido a bilhões de anos, alguma partícula de luz refletida na experiência pode estar passando pelas imediações de nosso sistema solar nesse exato momento.

Nessa experiência percebemos que a matéria, por mais sólida que seja, é absolutamente invisível como este copo que observamos. Nós só vemos "as coisas ao redor" porque elas interagem com a luz, pois tudo o que vemos são partículas de luz (fótons).

Segundo a teoria da Matéria Escura, a matéria convencional, essa que forma "as coisas ao redor", corresponderia a míseros 4% da matéria do universo... Portanto, podemos ser perfeitamente materialistas, contanto que percebamos o "quão pequeno" é esse mundo da matéria, e o quanto falta ainda para o homem descobrir, detectar, e desvendar.

Na próxima experiência com o copo, iremos avaliar se a matéria (ou o copo) é tangível e palpável. Até lá.

Parte 2

Retornemos a experiência do copo:

Pegue um copo, pode ser qualquer tipo de copo, e o apalpe com as mãos por alguns momentos. Sinta a pressão em seus dedos, de acordo com a força com que os pressiona contra a superfície do vidro... Mas cuidado para não quebrar o copo e machucar a mão!

Agora me permita fazer algumas perguntas, e lhe trarei as respostas ao final. Portanto, não as leia se ainda estiver pensando na resposta:

1. O copo é real?
2. O copo é sólido?
3. De que forma você sente o copo nas mãos?

Bem, vamos as respostas:

1. Sem dúvida, tudo o que é percebido faz parte da realidade.

2. O copo tem volume e forma definidos, e seus átomos têm uma ordenação espacial fixa: apesar de ainda se moverem, este movimento é imperceptível aos olhos humanos. Dessa forma, e nesse sentido, o copo é "sólido".

3. Através do sentido do tato, conseguimos perceber a pressão que nossos dedos exercem sobre o copo.

No entanto, é interessante imaginarmos que se, por algum momento, os átomos que estão na ponta de nossos dedos se chocassem com os átomos do vidro que forma o copo, teríamos uma potencial reação de fusão nuclear, tornando a experiência potencialmente letal, não somente para nós, como para todo o planeta...

O que há de realmente "sólido" no vidro do copo (assim como em nossos dedos) são átomos, que em suas "superfícies" são formados por elétrons. Quando elétrons são aproximados uns dos outros, eles se repelem mutuamente, pois possuem a mesma carga (como dois ímãs de mesma carga, por exemplo). Quando tocamos a matéria "sólida" (o vidro do copo), é a força de repulsão eletrostática (entre os elétrons) que nos transmite a sensação de pressão através das terminações nervosas em nossos dedos (tato). Dessa forma, nada de realmente "sólido", nada que contenha massa, nunca se choca, a não ser nas reações nucleares.

Quando caminhamos sobre o solo do planeta, estamos na verdade flutuando sobre ele. O fato de "acreditarmos" que estamos realmente tocando o solo (seja com os pés descalços ou não) se deve a forma tradicional com a qual entendemos a matéria sólida: o solo, o copo, nossos corpos, um trem bala, a Lua, etc... É preciso um certo conhecimento de física para que nosso cérebro se acostume a interpretar o que realmente ocorre quando caminhamos; E mesmo assim, trata-se de uma simulação de nossa imaginação, pois não temos sentidos apurados o suficiente para perceber átomos e elétrons bailando pelo Cosmos à nossa volta.

Nessa nova experiência percebemos que toda matéria é, portanto, intangível. Tudo o que "tocamos" é o vazio entre os elétrons, e sua repulsão eletrostática.

Segundo a teoria da Matéria Escura, a matéria convencional, essa que forma "as coisas ao redor", corresponderia a míseros 4% da matéria do universo... Portanto, podemos ser perfeitamente materialistas, contanto que percebamos o "quão pequeno" é esse mundo da matéria, e o quanto falta ainda para o homem descobrir, detectar, e desvendar.

Desvios na estrada

07.02.08

Há quem diga que toda nossa história, todo o passado e futuro por vir no espaço-tempo, está já determinado. Como uma estrada a qual todos os obstáculos já foram postos, aquele que conhecesse a posição de todas as partículas do Universo em um determinado momento (como o fez o Demônio de Laplace), poderia prever com exatidão o desenrolar delas, e conseqüentemente, o futuro exato de todas as coisas.

Ora, e o que seria isso senão a onisciência divina? A grande totalidade dos que acreditam em Deus aceitam de bom grado que ele é onisciente, e que nada, sequer um fio de cabelo nosso que cai, está livre de seu conhecimento. Quanto menos a nossa própria consciência está livre do olhar de Deus... Portanto, como algumas teorias físicas sugerem (para saber mais consultar o livro "O tecido do cosmo", de Brian Greene), o espaço-tempo poderia sim estar todo definido, tanto em espaço como em tempo, e todo o desenrolar do tempo, que não necessariamente passa, mas que percebemos como algo que vai do passado para o futuro, estaria definido como um filme.

Nesse filme, seríamos nós apenas atores "coadjuvantes", seguindo um roteiro divino ao qual não temos a possibilidade de alterar nem uma vírgula sequer? Será que cada decisão que tomamos e tomaremos em nossas vidas foi na verdade determinada por um "Mestre dos Bonecos" universal... Enfim, seríamos apenas "fantoques" nas mãos desse Senhor?

Ora, nessa história eu acredito que teríamos algumas "opções", como ocorre nos livros-jogo ou *Role Playing Games* (jogos de interpretação), em que o leitor escolhe o caminho à seguir na história lida, ou os personagens da peça teatral escolhem por si próprios como lidar com os desafios do roteiro... Afinal, isso em nada implicaria a anulação do conceito de onisciência divina.

Deus a tudo pode ver e sabe de nossos anseios e escolhas antes mesmos de serem tomados, porém, onde pressupõe-se que ele interfere nessas decisões?

Foi criado um mundo, um espaço-tempo, um Universo, acima de tudo inteligente, ordenado e, ainda que ainda não consigamos ver totalmente, perfeito. Um sistema perfeito não precisa de remendos, de intervenções divinas para qualquer tipo de "reparo no script ou roteiro". A criação não é uma série televisiva que depende de audiência, e que pode ser alterada a bel-prazer por roteiristas esquizofrênicos para que possa dar um "pico" no próximo feriado... Deus não interfere, mas da eternidade, de onde está e onde não há nem tempo, nem espaço, nem espaço-tempo, ele se "movimenta" e emana-se a si mesmo para todo o cosmos. Em cada partícula do Universo há a impressão digital de Deus, e se pelo lado material elas podem ter um destino pré-determinado, no lado espiritual essas partículas estão

antes a serviço do lapidar das consciências, das almas que evoluem a partir de suas próprias escolhas.

Não que fôssemos inteiramente livres. Nós decidimos sem dúvida, porque temos consciência de fazer tais escolhas, de existir... Mas decidimos a partir do que nos é dado. Temos uma estrada a seguir, e por mais que uns caiam em buracos lamacentos e outros consigam pegar desvios e atalhos, ninguém, absolutamente ninguém, pode sair dessa estrada.

No entanto, muitos sábios do passado dedicaram suas vidas a estudar essa estrada, a conhecer as curvas vindouras e mapear todos os buracos que já abocanharam homens... Estudaram anos a fio e nos passaram senão um mapa, ao menos um guia de como percorrer esse caminho. Seja no Bhagavad Gita, no Livro do Caminho Perfeito, na Bíblia, no Livro dos Espíritos, muitos sábios vieram em nosso auxílio para tornar nossa via até a perfeição mais curta e o menos dolorosa possível.

Uns acatam tais conselhos e procuram conhecer a si mesmos, outros não, e estão ainda sujeitos a tantos percalços e armadilhas dessa estrada, as mesmas que tem afetado milhares de homens em milhares de anos de homens... No entanto, por mais que a estrada possa ser sofrida, ela não nos tira a nossa mais preciosa capacidade, que é ao mesmo tempo nosso maior presente, e nosso maior peso:

A capacidade de escolha.

Criando o futuro

13.09.07

Já fazem alguns anos, mesmo décadas, que a física "esbarrou" na beirada de um outro mundo, um mundo onde a noção de passado, presente e futuro é no mínimo bizarra, quando comparada com nossa experiência cotidiana. No estudo da física quântica, descobriu-se que para algumas partículas muito pequenas, do mundo microscópico, como elétrons e fótons, não se pode nunca definir sua localização no espaço ao mesmo tempo que sua velocidade. Ao medir sua localização, a velocidade é indefinida. Ao medir sua velocidade, a localização é indefinida. Nesse último caso, descobriu-se que essas partículas tem um "campo de probabilidade" de estarem em algum lugar. É como se uma única partícula, ao passar por um espelho que a redirecionasse para a esquerda ou a direita (com 50% de chance para cada lado), não tenha ido para a esquerda ou para direita, mas sim para ambos os lados, cada qual com um probabilidade de ocorrência.

Apenas quando examinada, quando detectada, a partícula realmente se define por esquerda ou direita. Lógico que não tenciono explicar física quântica aqui, portanto, para saber mais fica a minha dica do livro "O tecido do cosmo", de Brian Greene. Mas o fato é que, após inúmeras experiências, se comprovou que realmente no mundo quântico as partículas funcionam dessa maneira. Em realidade, tudo funciona assim, mas no mundo macroscópico, as coisas tem uma probabilidade esmagadoramente grande de seguir o curso normal, definido por nossa experiência cotidiana. Portanto, a lua tem 100% de chance de ainda estar na Via Láctea amanhã, ou daqui a 100 anos.

No entanto, não sabemos se a lua está lá porque a observamos todo dia, ou se porque a realidade realmente é assim... Nada na física garante que as coisas são como são quando não observadas por ninguém. Fica comprovado, portanto, que o fato de observar, que o observador, o ser vivo, exerce alguma influência no mundo a sua volta, mesmo que microscópica, apenas por estar vivo, consciente, e observando o mundo.

Mas não é só isso. O fato de observar essas partículas faz com que elas se definam por um caminho ou outro, enquanto antes ambos os caminhos eram válidos, ambos tinham sua probabilidade de ocorrer. Mesmo um fóton que tenha sido refratado por um quasar a milhões de anos-luz, quando passa pela Terra, se for observado, define um caminho percorrido, o que até então não tinha sido feito... Isso equivale a dizer que, o passado percorrido por esse fóton não foi alterado, mas se conformou a uma escolha, a um caminho, porque foi observado no presente, aqui na Terra.

Nunca pararam para pensar que nossos sonhos, quando realizados, seguem este mesmo padrão? Quando finalmente conseguimos aquilo porque tanto batalhamos, é como se todo nosso passado houvesse sempre sido conformado, direcionado

para isso... É como se, mesmo quando crianças, já soubéssemos que iríamos nos casar, arranjar um bom emprego, ou não. Nem sempre nosso passado se conforma, nem sempre parece que nossa vida faz sentido, e vou explicar por que...

Somos nós quem criamos nosso futuro. Mas precisamos construí-lo com muito trabalho, e muita vontade de que ele realmente ocorra... Sonhar por sonhar, não leva a nada, pois nesses sonhos baratos de se alcançar fama ou riqueza, não nos imaginamos efetivamente trabalhando por ela. Sonhamos com o resultado já conquistado, como uma dádiva divina, uma sorte grande, que pode nos aparecer a qualquer momento. A realidade, no entanto, não funciona dessa maneira.

Ao sonharmos com um conquista, mas nos imaginando trabalhando por cada passo dela, cada degrau em sua direção, estaremos mais de acordo para que a probabilidade dessa conquista se aproxime de 100%. Um brilhante médico que, ao entrar para a faculdade, já se imaginou estudando horas a fio, já se imaginou estagiando em hospitais e realizando cirurgias difíceis, não se surpreenderá tanto quando, no futuro, perceber que realmente se tornou um grande médico; e seu passado fará todo sentido, suas escolhas estarão todas conformadas com esta observação futura de que ele é sim, um bom profissional. De que adianta sonhar com o final do caminho, quando não apenas a graça, mas a realidade da vida em si, está exatamente em cada passo dado nesta ou naquela direção?

Portanto, a física quântica não parece assim tão bizarra quando analisada dessa forma. Pelo contrário, ela parece mais de acordo com a realidade do que as leis que dizem que uma maçã irá se espatifar na grama quando se desprender de um galho de árvore. Ali, só existe a gravidade. Aqui, existe a criação consciente de nossa própria realidade, nosso próprio destino. Lembrem-se, a vida é uma grande probabilidade de imenso aprendizado.

Creia nisso, ou o caminho do meio

09.05.07

Porque crer em Deus? - Há de me perguntar o materialista, que acredita que o *Big Bang*, a “explosão” que iniciou esse universo em que estamos a bilhões de anos, ocorreu apenas porque havia muita matéria densa concentrada num ponto único do espaço... E que "espaço" era esse? E que "matéria" era essa? Será a mesma matéria primordial que forma os blocos indivisíveis dos atomistas da antiguidade? Será que tudo se explica por processos físicos, fisiológicos, orgânicos, etc... Será enfim que nosso pensamento é fruto apenas de reações químicas causadas por nossas experiências sensoriais. Será que somos o observador que altera a própria matéria a sua volta nos experimentos de física quântica? Possibilidades inúmeras...

Porque crer em Deus? - Assim como os físicos não conseguiram ainda achar esse tal observador que teoricamente estaria dentro de nosso cérebro, o materialismo não pode se basear somente na matéria, pois essa mesma sequer existe segundo alguns mesmos físicos. No campo do "muito pequeno" as leis físicas "normais" se alteram, átomos são enormes bolhas de elétrons viajantes que mal param no lugar, o próprio núcleo fica mais tempo "em algum lugar" do que na nossa "realidade material"... Literalmente, tudo o que existe é relativo, tão sólido quanto um imenso balão de ar quente, tão "material" quanto um pensamento ou emoção...

Porque crer em Deus? - Ora, os humanistas vieram nos trazer a boa nova de que não há "salvação" ou "punição eterna", de que somos os responsáveis por nós mesmos. Se é que existe Deus, ele não interfere diretamente, as suas leis são imutáveis e tudo o que podemos fazer é estudar-las, e estudarmos a nós mesmos, para evoluir enquanto entendemos mais acerca do universo como um todo, incluindo nosso próprio universo interno. Sim, o ser humano é uma máquina maravilhosa, mas não só máquina, como "algo a mais". Não fomos criados perfeitos, se é que nossa criação tende a perfeição... Mas só poderemos ser destinados a seguir passo a passo rumo a essa perfeição, quase como se estivesse escrito no nosso "manual de utilização": "Vai e se torne perfeito!"

Porque crer em Deus? - Se ele não interfere diretamente, qual a diferença entre crer ou não crer? E, se no final, na hora de nossa morte, não existir Deus? Não existir nada além do grande e eterno Nada? - Ora, se não existir nada, não estaremos mais aqui para nos preocupar com isso... Mas, se existir sim "algo a mais", não seria muito mais recompensador sabermos que vivemos nossa vida com a leve e consoladora esperança de que tudo o que aqui está foi criado com um propósito? Que assim como as marés e os planetas estão sempre atados a leis universais de gravidade e energia, nós também fazemos parte disso? Que o Tudo não poderia ter simplesmente saído do Nada? E finalmente, que nesse grande universo, nada se perde porém tudo se transforma?

Porque crer em Deus? - Porque não basta estarmos limitados aos princípios da ciência materialista, que se baseia na premissa de que tudo o que existe é "matéria"... Não basta para nós nos limitarmos no campo do visível, é preciso sim se aventurar no invisível, sempre! Sem dogmas, sem doutrinas, sem pecados, mas com a responsabilidade ética de nos comprometermos com nossas próprias ações, que tudo o que somos, que o lugar onde estamos, social, financeiro ou moral, depende e sempre dependeu apenas de nós mesmos... Há que se seguir o glorioso caminho do meio, nem muito na matéria pela matéria, nem muito no dogma ou doutrina que não nos oferece por ora explicação racional.

E então sua religião será seu próprio pensamento, sua igreja estará edificada em seu coração, sua vida cobrirá vastas páginas de sua própria bíblia, e Deus será seu amor. - E onde está o amor? Será que você pode vê-lo, agora mesmo, a sua volta? Claro que não, mas você sabe que ele existe, só você sabe... *Creia nisso.*

Do Espiritual

Alguém tem de estar errado

25.04.09

Quando analisamos as doutrinas das maiores religiões mundiais, percebemos que nem todos podem estar certos. Para muitos cristãos, Jesus foi uma espécie de avatar de Deus; Para os muçulmanos Jesus foi mais um na linhagem de profetas, porém apenas homem; Já para certos judeus Jesus não passa de um herege... Nós poderíamos prosseguir com inúmeros exemplos, seja dessas religiões majoritárias, seja de tantas outras doutrinas pelo mundo: Uns afirmam que a teoria de Darwin-Wallace é um equívoco e que a história de Adão e Eva é a descrição mais fiel da realidade do surgimento do ser humano na Terra, enquanto outros aceitam (com ou sem ressalvas) o evolucionismo dentro de sua doutrina; Uns afirmam que Buda atingiu o nirvana e foi o maior sábio a passar pelo mundo, outros desdenham dizendo que a meditação budista não serve para nada; Uns afirmam que é possível se comunicar com espíritos sábios e receber instruções profundas de conduta moral, outros dizem que não passa de misticismo fajuto ou comunicação com entidades demoníacas; Uns afirmam que Deus não pode ter criado o mal e que um inferno eterno não existe, outros fazem ameaças dizendo que aqueles que não aceitam ou temem ao mesmo Deus serão condenados ao inferno; Uns afirmam se comunicar com Deus todos os dias, outros dizem que é impossível termos qualquer tipo de compreensão aprofundada de Deus (se é que ele existe)... É, acho que já deu para ter uma idéia da confusão não é?

Decerto existem muitos que gostam de trocar idéias e aceitam (com ou sem ressalvas) a crença ou descrença alheia - Porém há que se admitir que é bem mais fácil encontrar os radicais, em maior ou menor grau, que se tornaram "especialistas" na arte da super-simplificação: ou uma doutrina está totalmente correta, ou totalmente errada. Pior ainda são aqueles radicais que colocaram na cabeça que a sua doutrina, ou a sua verdade, deve ser espalhada pelos sete ventos, pois "certamente todos seriam mais felizes seguindo-a". Pode-se pensar que esse grupo é composto apenas de evangelizadores religiosos; mas não: existem alguns ateístas ou cétricos radicais que acreditam piamente que devem "converter" os outros a "luz da razão" - Mas, e quem julga o que é racional, factível, verdadeiro?

Alguns séculos antes do nascimento de Jesus, o método experimental surgia na ilha de Samos, na Grécia. Enquanto o grande Pitágoras descobria os fundamentos da física, da matemática, da geometria, da música e outros conceitos que foram depois classificados como esotéricos, outros sábios da mesma ilha inauguravam o método experimental: observavam a natureza antes de confirmar qualquer teoria, e não mais se limitavam apenas ao campo das idéias (mental). Aristarco de Samos foi uma dos primeiros a prever que a Terra girava em torno do Sol, e não muito longe de Samos, em Alexandria, Eratóstenes já provava que a Terra era uma esfera com o auxílio de dois gravetos expostos a luz solar - e de um ajudante dedicado... De lá para cá o método científico avançou de forma avassaladora, hoje a ciência já explica o nascimento do espaço-tempo até seus minutos iniciais, e investiga minuciosamente o próprio código que nos faz humanos - o genoma.

Mas é o próprio "amigo inseparável" da ciência que afirma que não teremos tão cedo (talvez nunca) o conhecimento completo da realidade - detectada ou não. Os dados corroboram com o ceticismo: é verdade que a gravitação de Newton juntamente com a relatividade especial e geral de Einstein provaram ser capazes de medir com extrema exatidão a órbita da Terra e outros planetas em torno do Sol... Porém, a medida nunca alcança a exatidão máxima, pois é impossível prever os desvios provocados pelos campos gravitacionais de certos planetas minúsculos, luas, cometas, etc. Tudo bem, podemos afirmar que esses desvios serão mínimos; mas em sistemas binários ou trinários, onde temos mais de uma estrela orbitando juntas no centro gravitacional do sistema, ainda é impossível obter uma boa aproximação da órbita desses planetas, pois as equações tornam-se demasiado complexas. Da mesma forma, existe ainda muita coisa acima do céu, e do outro lado do véu, que a ciência não faz ainda vaga idéia de como exatamente funcionam: o problema difícil da consciência, a matéria escura, a unificação das forças fundamentais da natureza, o surgimento da vida na Terra, os diversos fenômenos ditos paranormais que ela não explica, mas também não prova como fraude - e, aqui também, a lista seria interminável...

Isso não é ruim. Significa apenas que não obtemos o conhecimento pleno da natureza. Que não podemos bater no peito e dizer: "aqui está, esta é a verdade absoluta!" - Ah meu ver, a vida perderia muito de sua graça se isso fosse possível. Ainda temos muito para descobrir, investigar, compreender, evoluir em nosso conhecimento. Santo Agostinho dizia uma frase profunda, que explica a si mesma: "crer para compreender, compreender para crer." Toda jornada em busca de conhecimento é tão infinita quanto o céu noturno ou o olhar de uma criança recém-nascida. Este é o espanto, isto é o sagrado, é isso que sempre moveu o ser humano e os grandes sábios e gênios da humanidade.

E será que algum deles encontrou a verdade absoluta? Provavelmente não. Buda chegou ao nirvana e Jesus aparentemente tinha uma forte conexão com Deus, mas nenhum deles disse que havia chegado ao final do caminho. "Vocês farão tudo o que faço, e muito mais" - dizia aquele que muitos afirmam ser Deus. Ora, então nosso futuro será extraordinário - seremos deuses, faremos coisas que um deus faz e ainda muitas coisas mais. Para tal, não me parece necessário buscar

apenas um caminho, apenas uma doutrina, apenas um sábio. Se é verdade que alguém tem de estar errado, também é verdade que muitas vezes alguém estará certo... Passo a passo, com a pequena vitória de cada um, caminhando juntamente com Newton "nos ombros de gigantes", sem dúvida o futuro me parece bem promissor. Qual é minha religião? Meu pensamento. Qual é minha ciência? Meu bom senso.

Você pode afirmar que "preciso escolher um lado", que "não posso ficar em cima do muro"... Mas eu não me alistei para lutar em uma guerra. Eu fui chamado para um banquete de amigos no jardim de Epicuro - a minha felicidade na existência é buscar, é amar a sabedoria. Se por "em cima do muro" você quer dizer que eu não escolhi nenhuma igreja ou comunidade científica para defender... Direi que tem toda a razão. Mas acaso o "em cima do muro" signifique que reconheço o ecumenismo de toda crença e toda descrença, a liberdade sublime de cada ser fazer o que quer através da própria vontade, e de toda beleza que existe em tal sistema - então lhe direi que estou equilibrado em cima deste muro. E esse muro se chama Tao.

O problema do mal

02.05.07

Desde o início do cristianismo uma questão assola os fiéis: "Se Deus é bom, ele não pode ser todo-poderoso. Se Deus é todo-poderoso, ele não pode ser bom." - Pois para muitos, o fato de existir o mal no mundo significa que existe uma força oppositora a bondade de Deus, de modo que ele não pode ter realmente poder sobre tudo, do contrário não permitiria que o mal existisse.

Diz-se que mesmo antes de Adão e Eva e do primeiro pecado do homem, já havia no mundo a tal serpente... Diz-se também que Lúcifer foi expulso do paraíso muito antes do homem ser criado, e que portanto a representatividade do mal já existia antes sequer de chegarmos a esta terra. Pois bem, me parece que o homem em sua fé infantil mais peca pela ignorância da realidade divina do que por falta de fé na onipotência de Deus.

De fato, se a intenção de Deus era que todos nós vivêssemos em paz e felicidade eterna, existindo somente no solo fértil e florido da bondade *desde o princípio*, seria muito estranho, no mínimo, que ele tenha permitido atrocidades como as fogueiras da Inquisição, as Cruzadas, as Guerras Mundiais, as Bombas Atômicas e os atos de Terrorismo... Só para citar algumas. Ocorre que, é teoria comum entre as mais variadas correntes de misticismo das mais variadas religiões que, efetivamente, Deus não quis que fôssemos criados perfeitos, como autômatos, robôs que já saíram de fábrica sabendo tudo e agindo de forma perfeita... Deus quis que nós aprendêssemos a perfeição, passo a passo, numa longa jornada da qual aparentemente estamos apenas no princípio...

A maldade que há no mundo é tão somente o reflexo da maldade que há na própria raça humana, ainda ignorante do grande destino para o qual foi realmente criada: a perfeição! E, se essa perfeição pode se assemelhar a uma equação muito complexa, como aquelas que muitos de nós tiveram grandes dificuldades de resolver quando estudamos matemática ainda jovens, Deus interfere com pequenas mensagens de apoio, que muitas vezes nos apontam um caminho a seguir, *mas que nunca irão resolver a equação para nós*.

Com suas leis imutáveis, o universo não permite passes de mágica, estamos todos subordinados as leis da física... É verdade que muitas dessas leis ainda estamos por descobrir, mas também é verdade que Deus não irá aparecer no meio da terra e resolver nossos problemas para a gente. Se antes nós íamos a estádios ver gladiadores lutando até a morte, hoje ao menos vamos apenas ver esportes inofensivos... Estamos numa lenta ascendência moral, mas nossas conquistas se devem a nós, e somente a nós. As dicas, as pequenas mensagens de apoio, Deus nos enviou através de seres proféticos como Lao Tsé, Buda, Jesus ou Santo Agostinho... Mas o principal, a evolução moral em si, depende somente de nós.

Antes interpretar as poucas mensagens que recebemos do Alto e nos guiarmos no caminho certo da consciência de si mesmo, do que nos atermos a alegorias infantis ou esperarmos de Deus exatamente aquilo que *ele não quer e não irá nos dar: a salvação*. A salvação, se é que existe ou é tão necessária, se faz pela evolução interna, o lento progresso moral, ao qual estamos destinados a percorrer, quer queiramos ou não, por longos e longos séculos de vidas e vidas. O que fazemos hoje, para esta terra e para nosso próprio povo, é o que fazemos a nós mesmos, é a herança que deixamos, pois não teremos outra casa para habitar por um bom tempo. Cuida bem da terra, da natureza e do seu próprio coração, porque quem espera a salvação há de se desiludir mais cedo ou mais tarde. Tudo o que tu és e há de ser, dependerá apenas de si mesmo.

O Grande Mercado de Almas

03.03.08

Há quem diga e pregue como verdade última que o grande sentido em nossas vidas é a obtenção da salvação. Mas o que seria a salvação, ou melhor:

"Amamos para sermos salvos, ou somos salvos porque amamos?"

Para responder essa pergunta, precisamos antes definir o por que das doutrinas cristãs nos encaminham para o amor... Ora, é através do amor que conseguimos entrever a verdade, aquela mesma verdade última que cientistas como Einstein buscaram em sua utópica Teoria do Tudo. Em suma, se podemos explicar todas as coisas, todo o universo, através de uma só teoria, talvez possamos achar a felicidade que tanto buscamos, a paz de consciência de nos acharmos em um sistema onde tudo tem sua razão de ser.

Muitos continuam achando que isso é uma utopia, que seja, mas é a única razão pela qual tanto sábios quanto cientistas buscaram inspiração para continuar a desvendar os mistérios do cosmos: Nós temos a necessidade, a angústia e a vocação para compreendermos a nós mesmos e nosso papel no universo. O que somos, para onde vamos, porque aqui estamos... É isso tudo que buscamos saber.

A salvação não se consegue numa busca direta a ela, a salvação se conquista através de esforço da compreensão do cosmos e do amor perene que permeia a tudo. Em suma, ninguém conquista a salvação buscando por ela, pois ela é apenas um conceito. Quem chega à salvação, chega porque antes buscou a sabedoria e a vivência no amor universal. Ela é, por assim dizer, apenas um "diploma" que se dá aos que se graduaram no conhecimento do cosmos. O que foi sempre buscado e almejado é o conhecimento, e não um mero "diploma", que nada significa para quem chegou lá.

Achariam vocês que os espíritos angelicais que chegaram ao "nirvana", que venceram seu próprio ego e hoje navegam pelo amor infinito do cosmos, estariam satisfeitos apenas em ficar "admirando" esse amor, como nos dizem as doutrinas cristãs? Achariam vocês que os anjos ficariam satisfeitos em se "divertirem e descansarem" no céu, enquanto tantos ainda ardem no inferno?

Ora, se foi pelo amor que eles chegaram aos céus, como poderiam deixar de serem amorosos e se transformarem em egoístas insensíveis em lá chegando? Se foi através do trabalho árduo que conquistaram o conhecimento da verdade final, como poderiam desprezar tal conhecimento e ficarem lá, apenas encarando ao sagrado, ainda que face a face?

Faz-se necessário, pela pura lógica, antes pensar que tais seres não descansariam sequer um segundo antes que pudessem passar seu conhecimento e seu amor para todos os outros abaixo, ainda ignorantes dele... Que quem foi "salvo" não liga para a salvação, nunca ligou, e exatamente por isso a conseguiu.

As doutrinas cristãs que defendem que só amando obteremos a salvação esquecem de anunciar o amor ainda antes da salvação, e não a salvação como único caminho para se escapar dos lagos de enxofre eternos... Através dessas crenças, antes fazem de suas doutrinas, pelo medo, um Grande Mercado de Almas, onde tudo vale para se livrarem dos infernos e alcançarem a salvação nos céus, tudo, inclusive o escambo de ouro!

Soubessem esses seres que não deveriam se preocupar com a salvação futura, e sim com sua situação atual, não entrariam em delírios fantasiosos e assustadores que justificariam todo dízimo e toda benção dada ao Reino do Padre. Não pode o analfabeto pensar na graduação acadêmica antes de passar pela alfabetização. Não pode o rude e animalesco pensar no amor incondicional antes de, passo a passo, ir aprendendo a amar da maneira possível, da maneira que pode hoje, e não amanhã.

Sem medo nem terror dos lagos de enxofre, e tampouco acreditando que tão cedo estarão nos céus que sequer podem conceber (acreditam mesmo que lá não existe trabalho)... Passo a passo, hão de amar, para através do amor sempre ascendente, alcançarem um dia a verdade, e a salvação que emana naturalmente dela.

Pedras no caminho

28.05.09

"Crer para compreender e compreender para crer" - pode-se dizer que esse era mesmo o lema de Sto. Agostinho. Há muitos que irão discordar, dizer ser algo impossível, mas fato é que a fé racional, ou fé raciocinada, é não somente algo possível e plausível, como o grande objetivo de todo sábio - a harmonia do caminho entre aquilo que já compreendemos e aquilo que nos falta compreender, entre o que já sabemos e nos falta saber, entre nossa doce convicção e o amargo desconhecido.

Dirão os que discordam, enfurecidos em si próprios: "mas e qual homem conseguiu tal objetivo?" - Nenhum! Nenhum conseguiu e talvez nenhum consiga, pelo menos no estágio em que é conhecido por "homem". Mas da mesma forma a bactéria não se tornou peixe, e depois réptil, e depois mamífero, e depois homem, da noite para o dia. O caminho! É isso o que importa... Importa chegar para depois partir, e partir com o horizonte em nossa mente. Importa amar a possibilidade de caminhar sempre à frente, até o infinito, ao invés de resmungar e dizer "que todos os que pensam em tais mistérios são tolos". Ora, os maiores tolos são exatamente aqueles que crêem que mistérios não existem, que são falsos de antemão. Como se o seu próprio pensamento fosse o mero agitar aleatório de partículas no cérebro, como se as leis naturais tenham permanecido simétricas e precisas por bilhões de anos apenas porque "é assim que as coisas são".

Entretanto, é preciso controlar a imaginação, e não permitir que gere por si mesma as imagens mentais, que explique o mundo sem interagir com o mundo. Não é somente meditando no topo da colina que o sábio se fez sábio, mas sim conhecendo a si próprio, a seus próprios pensamentos, para que ao lidar com o mundo não fosse contaminado pelo dogma alheio. O dogma é como um rio represado: enquanto não arrebentarmos a represa ele pode permanecer estático, satisfeito em sua própria ignorância, acomodado na mais falsa das suposições - a de que já descobriu todas as verdades do mundo... Ora, e o dogma existe tanto para o crente quanto para o descrente. A paralisia do pensamento não é exclusividade daqueles que crêem sem raciocinar, pois há também aqueles que descrêem sem raciocinar - e igualmente, ambos estão paralisados.

Mas o sábio atira a pedra e ela rompe as represas: não é o sábio quem muda o ignorante, mas o ignorante que muda a si próprio, entusiasmado pela doce leveza da sabedoria quando essa lhe aparece sem os diversos véus e as diversas máscaras em que as doutrinas dogmáticas lhe disfarçaram! E mesmo o próprio sábio percebe o perigo de cair nas viagens intermináveis da imaginação que gera a si mesma, alheia ao mundo; ou da negação *a priori* do pseudo-cético que, por medo do que lhe é desconhecido, prefere negar a tudo que lhe incomode as idéias. Por isso também o sábio segue a natureza: quando está aprendendo a nadar, permanece no raso da praia, e ainda não se arrisca no oceano profundo; e

quando está aprendendo a voar, primeiro plana com a brisa, e somente depois arrisca vôos mais altos e cansativos.

Pois é assim que se constrói o conhecimento humano. Muito diferente do que os adeptos da negação defendem, não é somente a ciência que explica o mundo. De fato, a ciência antiga não era muito diferente da religião: que o digam Hermes, Sócrates, Pitágoras, ou mesmo o Pórtico de Atenas, a biblioteca de Alexandria ou a Meca da ciência islâmica - Al-Andalus! Mas hoje tudo isso foi destruído pelos homens ignorantes que, seja no lado da crença ou do ceticismo, sempre pretenderam ser os únicos detentores da verdade. É por isso que uns queimaram mártires e papiros, e outros mais elegantes, se contentaram em relegar ao ostracismo histórico todo dito cientista que se opunha a um materialismo dogmático. Mas não nos delonguemos na ignorância humana: fato é que a ciência nunca pretendeu explicar sozinha ao mundo, nunca pretendeu sair do estudo do Mecanismo da natureza para o estudo de seu Sentido. Por isso mesmo temos ainda duas lentes que precisam ser usadas em conjunto para regular o grau de visão da natureza: ciência e religião. Uma descreverá o Mecanismo. A outra descreverá o Sentido.

Ou será que somos todos como pedras no caminho de um deus ausente, que se comporta como uma entidade que ignora a sua própria criação, e mesmo sem querer chuta-nos enquanto se move de um lado para o outro, em algum lugar, sabe-se lá pensando no que! Então a terra surgiu por aglomeração de pedras-partículas, e a vida surgiu na terra porque uma pedra-asteróide aqui adentrou... E toda a evolução da vida foi decorrente de um descuido aleatório do grande deus ausente, *o chutador de pedras*.

Mas o que é o aleatório? Onde na natureza esse mecanismo se encontra? Onde, dentre simetrias espaciais e temporais, dentre mecanismos sutis e elegantes, encontra-se uma única pedra que se moveu sem ter tido causa? E se teve causa, ela não poderia ser aleatória... Ou seria absolutamente tudo aleatório, mesmo nossos pensamentos e vontade? Se assim for, de nada adianta nos delongarmos nessa ou em qualquer outra discussão. Mas, se as leis, as delicadas geometrias da natureza, seguirem alguma verdade misteriosa que se encontra atrás do próximo horizonte, então é para lá que o sábio deve seguir!

Nossos ancestrais descobriram a muito custo que certas pedras, ao se chocarem, apenas tiravam lascas umas das outras. Mas havia outras que produziam faíscas! E assim se fez o fogo... Nós somos as pedras, e o que está em cima é como o que está embaixo: não percamos nosso tempo em tirar lascas um dos outros, em denegrir um a "verdade" do outro. Mas construamos juntos uma mesma fogueira divina, e talvez flutuando em sua fumaça possamos um dia ser levados pelas brisas, através do oceano, ao reino da verdade e do conhecimento de todos os belos mecanismos da natureza. *Levantai uma pedra, e lá estará o reino de Deus.*

Potencialidade e personalidade

09.07.09 (da série Reflexões sobre a reencarnação)

O reencarnacionismo é uma crença que data dos primórdios das civilizações egípcia e orientais, estando entre nós por bastante tempo. Não é muito complicado compreender o princípio básico da reencarnação: somos espíritos que habitam corpos durante o período em que estão aptos a receber um espírito; Quando as leis naturais fazem com que o corpo humano não consiga mais sustentar a vida orgânica, o espírito então se desliga, pois de nada lhe adiantaria continuar habitando um cadáver. Por analogia, é simples compreender se pensarmos em um distinto senhor que troca de roupas toda a vez que elas estão gastas e puídas - não lhe convém comparecer ao trabalho, ou a alguma festa, com uma roupa inapropriada. Da mesma forma, espíritos trocam de corpos como este senhor troca de roupas. Porém, lembremos que isso é apenas uma analogia. Importante é, entretanto, lembrar que não há nada de sombrio na morte do corpo: é exatamente ela que permite a vida. Sem morte física não existiria vida física, pois no universo tudo está em constante mudança, e o sistema da natureza é todo encadeado em sutis e elegantes leis de causa e efeito. O que não tinha vida, no entanto, continuará não tendo: o espírito sopra onde é chamado, e habita os corpos e orbes que o seu nível de evolução, a sua potencialidade espiritual, lhes permite.

Há muitos espiritualistas que crêem que o espírito é imaterial, mas isso não parece ser a verdade, ou pelo menos não é o que os espíritos dizem. Através da codificação do célebre Livro dos Espíritos, na pergunta #82 formulada por Kardec, temos a resposta de que os espíritos são incorpóreos (não possuem um corpo físico), mas não imateriais, pois que tudo é formado por matéria; Muito embora a matéria que forme o espírito seja fluida, e ainda não detectada pela ciência (talvez porque não interaja com a luz, à semelhança de aproximadamente 96% da matéria do universo, segundo postula a teoria da Matéria Escura).

Também há muitos desinformados que atribuem a reencarnação crenças anedóticas como, por exemplo, a possibilidade de reencarnarmos em um porco, ou uma vaca, ou um inseto, etc. É verdade que a metempsicose postula sobre essa possibilidade, mas não a reencarnação. A reencarnação está associada a evolução, e também a simetria das leis da natureza, que são as mesmas por todo o Cosmos. Nesse sentido, a teoria de Darwin-Wallace é de vital importância para o reencarnacionismo. Assim como faz todo sentido dizer que ramos científicos como a biologia perderiam todo o sentido sem a teoria da evolução das espécies, o mesmo pode ser dito em relação ao reencarnacionismo. De fato, não é à toa que um dos criadores desta teoria era reencarnacionista e espiritualista. Ora, isso porque os espíritos não reencarnam somente entre o *homo sapiens*, mas vem necessariamente reencarnando desde a formação da vida na Terra, por milhões e milhões de anos e encarnando em milhares de espécies. Ocorre que, apenas no estágio em que os espíritos adquirem a capacidade de se reconhecerem como

indivíduos, é que estarão aptos a habitar corpos de espécies onde o cérebro lhes permitirá ter um processo de consciência mais elaborado. Porém, segundo o espiritualismo, não é o cérebro quem gera a consciência, mas o espírito quem comanda o cérebro, e o corpo, através do processo de consciência.

A reencarnação não trata, portanto, apenas do homem, e apenas da Terra, mas sim de todos os seres vivos da natureza, na Terra e em outros planetas onde haja vida. Ou seja: o que tem vida, o que vivifica os corpos orgânicos, terá sempre vida. E o que não tinha vida, o que era só o corpo, continuará em seu ciclo natural. Como dizia Lavoisier, "na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma" - Ora, a vida é o que evolui, o que se transforma de forma não-entrópica, o que organiza a matéria. Aquilo que não tinha vida é o que continua a ser jogado para cá e para lá pelo turbilhão da natureza em seu movimento eterno, como a poeira estelar que possibilitou o surgimento da vida orgânica em nosso planeta.

Há que saber diferenciar, no entanto, potencialidade de personalidade.

Personalidade é tudo aquilo que distingue um indivíduo de outros indivíduos, ou seja, o conjunto de características psicológicas que determinam a sua individualidade pessoal e social. A formação da personalidade é um processo gradual, complexo e único para cada indivíduo. O termo deriva do grego *persona*, com significado de máscara, que designava a "personagem" representada pelos atores teatrais no palco. Todos somos chamados a construir nossas personalidades, a vida em sociedade pede isso. A questão está em saber diferenciar nossa essência espiritual da máscara construída por nossa mente - a máscara para a alma. Não é culpa da mente que tenhamos que usar essas máscaras, isso também é algo que faz parte da evolução natural dos seres. Ora, todo ser que se reconhece como indivíduo passa a ter a necessidade de construir este indivíduo, de saber como diferenciá-lo, como representá-lo e apresentá-lo para os outros. Ocorre que muitos de nós não estão à altura do desafio, não conseguem suportar a angústia de encarar a si próprios, de elaborar da melhor forma possível os seus próprios medos, incertezas, sua moral, etc. Então torna-se mais simples apenas seguir um padrão social, e ao invés de elaborar nossa personalidade por nós mesmos, copiar aquelas que são mais aceitas no mercado da sociedade.

O problema é que nossa essência é única, diz algo somente a nós próprios, necessita de aprendizagem que outros não necessitam, e é capaz de fazer o que outros não fazem. Copiando a máscara alheia, é capaz de termos sérios problemas. O nariz pode apertar e não permitir que respiremos direito, o material pode incomodar a pele e fazer coçar até ferir, o elástico pode arrebentar e nos deixar expostos sem uma máscara para nos proteger... Ora, máscaras são necessárias, mas somente até que compreendamos que tudo o que somos realmente é nossa essência espiritual - aí então não precisaremos mais delas, e saberemos viver a vida em paz, enxergando em todos que cruzam a nossa frente

à fagulha divina de espíritos antigos, arqueados em exaustão de tanto rodar pelas trilhas das encarnações terrenas.

As personalidades são como máscaras que usamos de encarnação em encarnação, são mais caras para nós do que nosso corpo, porém tão dispensáveis e passageiras quanto ele. Eis que trocamos de máscaras como trocamos de roupa. Já a potencialidade é diferente: ela está sempre caminhando à frente, é ela o sentido de termos de viver por tanto tempo, através de tantas vidas e tantas histórias que nos parecem ainda absolutamente desconexas. Amala e Kamala foram duas crianças selvagens achadas a oeste de Calcutá, na Índia, em 1920. Elas foram aparentemente abandonadas na floresta ainda bebês e foram criadas por lobos. Enquanto estiveram entre os homens, não se comportaram de forma muito diversa dos lobos - andavam com as mãos no chão, comiam carne crua, não sabiam pronunciar as palavras mais simples, etc. O cético irá pular de alegria e ver aí, sem muita reflexão, a prova de que o espírito sequer existe... Mas, analisando de forma mais profunda, alguns talvez compreendam que se tratam de potencialidades não despertas.

Ora, um *homo sapiens* criado por lobos talvez nunca seja muito mais do que um lobo, mas será, cognitivamente, pelo menos um ser do mesmo nível de um lobo. Já o inverso seria impossível: um lobo jamais chegaria ao nível de cognição dos *homo sapiens*, mesmo que seja educado e treinado pelos melhores adestradores de animais... Isto porque a potencialidade do espírito do lobo não se compara a potencialidade do espírito de um homem. Potencialidade cognitiva, ética, de nível de consciência e raciocínio, etc. Não sejamos ingênuos, mesmo Mozart nunca teria sido gênio se não houvesse sido apresentado a um piano ainda quando criança, imaginem então se houvesse sido também criado por lobos. As leis da natureza valem para todos, se o cérebro em nossa infância não é estimulado da maneira correta, há muito pouco que possamos fazer depois. O espírito necessita despertar suas potencialidades através da interação simbólica, intuitiva, interpretativa e amorosa com o mundo que o cerca. Se isso não ocorre, o cérebro físico não se desenvolve, a personalidade defeituosa não possibilita que a individualidade se manifeste, e a potencialidade da alma permanece adormecida, esperando uma nova oportunidade.

Não existem atalhos neste caminho: todos temos, invariavelmente, que trilhá-lo, passo a passo, vida a vida; Sempre em busca do maior desenvolvimento dessas potencialidades da alma, que se manifestam através do corpo mas não fazem parte do corpo, e que não estão em DNA algum. Entretanto, Deus não nos criou princípios inteligentes e nos largou a esmo no Cosmos, ora encarnando na segura das tribos nômades do Quênia, ora no aconchego de uma distinta família burguesa da Suécia; ora perfeitamente saudáveis, ora com doenças que limitam nossas vidas a poucos dias de vida... Não, a reencarnação não é algo que se opera de forma aleatória, ela obedece a leis bastante específicas. Sem seu correto entendimento, é talvez impossível compreender a profundidade e a lógica da justiça do reencarnacionismo.

Pela dor ou pelo amor

28.07.09 (da série Reflexões sobre a reencarnação)

Eu dizia que a reencarnação não opera a esmo, e de fato a compreensão da Lei de Causa e Efeito é a essência da compreensão da reencarnação. Primeiramente, é preciso diferenciar a Lei de Causa e Efeito do conceito de Karma: enquanto que normalmente o conceito de Karma sugere uma dívida a ser resgatada, a Lei de Causa e Efeito nos apresenta a idéia de que o futuro depende das ações e decisões do presente. Uma causa positiva gera um efeito positivo, enquanto que uma causa negativa gera um efeito igualmente negativo. Ou seja, a compreensão do Karma vem muitas vezes associada a conceitos como "punição divina" ou "destino", como se só houvesse uma forma de purificar nosso espírito: pelo sofrimento e pela quitação de dívidas morais pregressas. Já a Lei de Causa e Efeito é mais abrangente e, principalmente, mais fluida: somos nós, e somente nós, os construtores de nosso próprio destino. Nada está escrito em pedra, nenhum evento infortuno é absolutamente inevitável, pois pela mesma via com que contraímos débitos para com a harmonia de nossa própria consciência, poderemos saldar com créditos. Evolui-se pela dor, isso é certo; Mas também evolui-se pelo amor, e isso depende de nossa vontade.

Acredito que seja mais simples ilustrar tal conceito com uma alegoria. Não cabe a nós julgar o por que do sofrimento alheio, disso só mesmo sabe o próprio ser que sofre, e o Deus onisciente, mas como se trata de uma alegoria, queiram desculpar-me.

Imaginemos um padre inquisidor na época medieval que, por sua crença cega, tenha enviado inúmeras pessoas inocentes para a morte na fogueira, por acusações de "bruxaria"... Certamente este espírito que acreditava ser "extremamente religioso" há de ter tido uma inesquecível decepção quando compreendeu o resultado de seus atos com a consciência plena, seja ainda antes de desencarnar, seja após a morte. Ignoremos o tempo que tal espírito tenha passado em confusão mental ante a própria nebulosidade de sua consciência; Passemos os séculos adiante e imaginemos que tal espírito, após muito vagar a esmo pela escuridão de sua alma, tenha refletido e compreendido a extensão macabra de seus atos pregressos, e neste momento esteja por decidir (certamente com o auxílio de espíritos superiores em moral) quais eventos deseja vivenciar em sua próxima encarnação, com o objetivo de se depurar, de purificar as chagas de sua alma o mais breve possível...

Eis que os espíritos superiores lhe oferecem duas opções (lembramos que isto é tão somente uma alegoria): morrer em um incêndio, da mesma forma que matou tantos inocentes nos séculos passados, ou ser um médico da Cruz Vermelha, passando a vida a atender queimados em guerras e nas regiões mais inóspitas e pobres do planeta, sem no entanto padecer de uma queimadura sequer durante toda uma vida... O que você escolheria? Morrer queimado, porém sem muito

esforço ou responsabilidade pela própria melhora, ou passar toda uma vida praticando caridade, convivendo com o sofrimento alheio e auxiliando da melhor forma possível?

Obviamente que qualquer homem não escolheria a segunda opção. O problema, no entanto, é que não basta escolher simplesmente, é preciso arregaçar as mangas e efetivamente praticar a caridade. Oh, e quantos, quantos de nós temos falhado miseravelmente em cumprir aquilo que prometemos aos seres de luz. Em tão somente amar e tomar as rédeas de nossa vida, enquanto tantos outros se limitam a passar pela vida como um barco de papel a flutuar pelo mar. Mas eis que, quando somos postos à prova, preferimos a acomodação, o fascínio de nosso próprio ego, as promessas vãs da matéria que nada mais é do que fumaça condensada, a transformar-se eternamente.

Os estóicos diziam que devíamos nos preocupar somente com aquilo que podemos modificar. Não podemos mudar as leis naturais nem o ânimo dos homens cegos, mas podemos compreender as leis naturais e agir à seu favor - e podemos servir de auxílio para todos aqueles que seguem ainda cegos pelas estradas milenares. Mas os estóicos sabiam: nosso problema é com nós mesmos, é com nossa própria consciência. Nós somos nosso próprio mal, e não poderia ser de outra forma...

Certamente a linguagem poética e alegórica não irá agradar aqueles que desejam, meticulosamente, avaliar a Lei de Causa e Efeito como quem calcula a velocidade de um objeto arremessado pelo ar. Mas não é pela razão pura que a compreenderemos: necessitamos do auxílio da intuição... Será que podemos perceber, em nossa consciência, quando tomamos atitudes que vão contra a harmonia da natureza? Pratiquem! Será que podemos aprender, tal qual a criança no jardim de infância, a fazer caridade, talvez simplesmente por dar o primeiro passo, e visitar algum asilo ou pediatria? Pratiquem! Será que podemos olhar para trás e, analisando as escolhas de nossa própria vida, refletir sobre aquelas que nos trouxeram as recompensas realmente profundas, a sabedoria verdadeira? Pratiquem!

Já foi dito que não há lei além de faz o que tu queres, e que sob a vontade, o amor é a lei... Nada poderia resumir melhor, talvez, a Lei de Causa e Efeito. Não se trata de ajustar as contas com um *deus-que-pune-pecados*, nem tampouco sofrer egoisticamente circundando a própria culpa, mas sim ter a coragem, o ânimo e a vontade para se colocar novamente de pé e encarar, frente a frente, as próprias faltas. E tomar o remédio amargo para a melhora. Amargo, sim, mas que não deixa de ser remédio. Escolher, na medida em que conquista cada vez mais sabedoria, o caminho do amor e da caridade, e não o da dor e da tragédia. Mas, sobretudo compreender que, por bem ou por mal, pela dor ou pelo amor, caminha-se sempre à frente!

Toda e qualquer idade

02.08.09 (da série Reflexões sobre a reencarnação)

Na linguagem vulgar, um adulto é um ser humano que é considerado pelos restantes como tendo atingido uma idade que lhe permite contrair casamento e, em geral, realizar outras ações que são restritas a esses indivíduos. A definição legal de entrada na idade adulta varia entre os 16 e os 21 anos, dependendo da região. Algumas culturas africanas consideram adultos todos os maiores de 13 anos, mas a maior parte das outras civilizações enquadram essa idade na adolescência. Aqui está resumida a questão principal pela qual as pessoas insistem em classificar umas as outras pela idade; É uma questão sobretudo de padronização social, as pessoas gostariam muito de poder classificar umas as outras pelo tempo em que estão pelo mundo: "esta já pode casar", "aquela já pode trabalhar", "aquela outra já pode se aposentar". Nada mais lógico, de fato esse tipo de classificação ajuda muito na organização da sociedade em geral... Mas, será que ela é realmente determinante sobre o que uma pessoa estaria ou não apta a realizar, ou sobre o que uma pessoa deveria ou não ter a liberdade de fazer?

Sabemos, decerto, que um ser humano tem sua personalidade mais ou menos formada na época em que é considerado adulto. Isso, porém, talvez não seja verdade em algumas culturas africanas - talvez com 13 anos uma personalidade não esteja ainda muito bem formada. Será? Quem pode dizer?

Este é um dos mistérios que a ciência ainda não alcança. Porque uns levam décadas para atingir seu potencial cognitivo, não muito acima ou abaixo da média geral, enquanto outros praticamente "nascem sabendo", tem *idéias inatas*, "relembra" as coisas - ao invés de às aprender, apenas as reaprendem. Lembro que não pretendo convencer ninguém, mas para quem já acredita na reencarnação, tais exemplos são evidentes, de fato tão evidentes quanto um elefante andando no corredor de um shopping: impossível não ver. O que são então crianças, adolescentes, adultos, idosos? São espíritos milenares habitando corpos com maior ou menor tempo de decomposição. A cada dia que passa, os corpos morrem, e os espíritos se desenvolvem em suas potencialidades, desde que estejam administrando bem suas próprias existências.

Como dizia Gibran: "vossos filhos não são vossos filhos, são os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma". É evidente, corpos geram corpos, mas espíritos foram gerados há muito mais tempo. Toda e qualquer potencialidade, desde a capacidade de respirar de modo inconsciente até a capacidade de, conscientemente, controlar a própria respiração a níveis refinadíssimos, foram construídas, desenvolvidas, desveladas pelo próprio espírito a navegar pelo turbilhão de eras cósmicas. Se um Mozart tem "facilidade" para a música, isso decerto não foi um "dom divino" nem uma "configuração fortuita de partículas no cérebro" - que Deus não distribui "dons" a bebês que por ventura lhe pareçam

mais simpáticos a cada dado nascimento, assim como não é de uma combinação aleatória de partículas que este nasce um gênio e aquele um néscio. É o espírito milenar quem toca as teclas do cérebro, quem comanda a sinfonia do corpo, quem orquestra a valsa de sua própria vida.

E, perto de tantas vidas, perto de tantas eras e civilizações dos homens, o que é a idade senão um número que consta em um registro de cidadãos de algum país? Talvez mais uma informação "relevante" para as revistas de celebridades...

Aliás, o que diabos é um país? Quem já viu uma fronteira? Se viu, por acaso fotografou, tem a prova? Até agora as únicas "fronteiras" que eu vi me pareceram mais como muros e grades com tamanhos variados, freqüentados por homens de farda e outros que crêem piamente que uma barreira de pedras pode separar um homem de outro. Então os homens cercados por muros acreditam que todos aqueles que estão "de um lado do muro" pertencem a um mesmo grupo, e devem torcer para a mesma seleção de futebol, e cantar o mesmo hino, e venerar a mesma bandeira... Todos os que estão "do outro lado do muro" podem ser inimigos, não fazem parte do mesmo grupo, e muitas vezes o comandante de um grupo irá até mesmo convencer alguns de seus membros a invadir o muro alheio, e matar qualquer outro homem fardado (isto é, com a farda estrangeira) que por ventura se interponha em seu caminho.

Mas o passado é uma nação estrangeira. A história foi escrita pelos vencedores das guerras por fronteiras ilusórias dentro de um mesmo pedaço de pedra chamado Terra... Quem será que pode nos trazer a visão da história dos perdedores de guerras? Dos mutilados por hordas de bárbaros e dos torturados por não aceitarem os dogmas de fé? Talvez, nós mesmos. Que o vento do espírito sopra onde é enviado por seres com muito mais conhecimento e sabedoria do que nós. Ora podemos ser o invasor, ora o invadido. Ora aquele que mata, ora aquele que morre. Desde épocas já esquecidas pelos livros de história, o próprio sistema da natureza, e sua Lei de Causa e Efeito, tenta nos passar uma mensagem adiante - todos somos espíritos.

Qual minha nacionalidade? O Cosmos. Qual minha raça? Um corpo de alguma espécie adequada á potencialidade de meu espírito. Qual minha idade? Milhares, milhões de anos, quem sabe. Qual o meu time de futebol? Torço para o time dos filósofos gregos. Sim, estou apenas querendo fazer você refletir sobre como são relativos tais conceitos...

A lógica da reencarnação nos traz uma visão muito mais abrangente da existência, mas não me parece que ainda tenhamos uma compreensão plena dela. Em suma, não a vivemos em plenitude. Reflita sobre isso, quando se pegar pensando que "está ficando velho", ou que não deveria mais freqüentar este ou aquele lugar, ver este ou aquele filme, ler este ou aquele livro, por não serem adequados a sua idade. Que é idade? Que conceito é esse que nos tortura? A natureza nos presenteia a cada dia, diante de nossos olhos pouco atentos, uma imensidão de ciclos de mortes e renascimentos. Não existe vida sem morte, nem

morte sem vida, mas a vida é atemporal, um caminho do qual não vemos o final, e a morte é apenas um momento que se repete algumas vezes durante o longo percurso. Diante dessa infinitude de vidas e de seres, toda e qualquer idade não poderia ser nada mais do que a idade em que o ser se coloca, a idade que ele acredita ter.

Ó reencarnacionista, qual é a sua idade... De verdade?

Sobre ciência e religião

08.01.09 (da série Porque simpatizo com o espiritismo)

Esse é um depoimento de crença pessoal. Por mais que minha crença seja baseada em evidências e experiências de vida, essas são todas puramente subjetivas. Não tenho intenção de provar nada que afirmo a seguir, e tampouco tenho certeza absoluta de nada disso, nem acredito que tenha encontrado a verdade "final" acerca de tais assuntos. Estejam avisados.

Eu costumo dizer que minha religião é meu pensamento. Não quero, com isso, me esquivar de críticas ao que acredito. De fato, eu tenho constantemente buscado uma visão equilibrada (ao mesmo tempo cética e espiritualista) acerca da religião. Religião é meramente "re-ligação a Deus ou ao Cosmos", efetivamente o significado da palavra (do latim "*religare*") nunca teve quase nada a ver com muito do que é atribuído a ela: xamãs, rituais, igrejas, templos, padres, pastores, médiuns, gurus espirituais, etc... Nesse sentido, tanto um monge budista que procura desvendar os mistérios da meditação transcendental quanto o neurologista que estuda estados enigmáticos da consciência estão, essencialmente, atrás dos mesmos mistérios da Natureza, independente dos motivos que levaram cada um a sua busca, independente de este estar correto e aquele equivocado: no fim, é tudo questão de opinião.

No entanto, certamente não podemos ignorar que o método científico tem se mostrado bastante efetivo para nos descrever a realidade da Natureza. Como disse Einstein, "toda a nossa ciência, comparada com a realidade, é primitiva e infantil - e, no entanto, é a coisa mais preciosa que temos." - Eu não entendo a ciência (que significa "conhecimento") como algo dissociado da religião. De fato, se unirmos os dois significados originais, teremos algo como "O Conhecimento do Cosmos" ou, para dar mais ênfase à idéia: "O Conhecimento de Deus". Acredito que, como dizia Sto. Agostinho, precisamos "crer para compreender, e compreender para crer". Por muito tempo, ciência e religião andaram de mãos dadas, eram simplesmente a Sabedoria (e Filosofia, diga-se de passagem, significa "amor ao saber"). Depois das incursões em métodos experimentais na ilha de Samos, na Grécia antiga, é que se começou a separá-las: alguns sábios afirmavam que a experimentação na Natureza era o caminho essencial para se conhecer o funcionamento da mesma, enquanto outros (não menos sábios) afirmavam que qualquer experimentação poderia ser realizada tão somente no campo das idéias, ou seja, do pensamento puro... Tratava-se tão somente de duas lentes para se ver a Natureza, era preciso de ambas para se chegar a algum lugar, e ainda é preciso.

Portanto, ao invés de ficarmos nos degladiando (ciência vs. religião), era interessante, a meu ver, que ouvíssemos novamente a Einstein: "A ciência sem a religião é parálitica - A religião sem a ciência é cega..."

Dito isso, posso passar a explicação do porque simpatizo com o espiritismo. Primeiro, é interessante detalhar sobre qual espiritismo estou falando, pois o que mais se vê no Brasil são seitas e doutrinas espiritualistas se dizendo "espíritas", talvez porque esteja na moda (?), provavelmente apenas porque vende bem. Segundo Kardec, o codificador da doutrina espírita, o espiritismo "é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal." - Onde se lê "ciência", deve-se lembrar que Kardec era antes um cientista cético, e tratou das manifestações de inteligência nas pretensas comunicações dos espíritos (através dos médiuns franceses de sua época) pelo método científico de observação dos fenômenos, e posterior teorização da lógica dos fatos. Não se trata da ciência oficial, na medida que esta não comprovou experimentalmente (em processos replicáveis e falseáveis) a existência dos espíritos, mas se trata, sem dúvida, de uma teoria lógica acerca desses fenômenos, muitos dos quais até hoje a ciência oficial também não explica (não me incomodo que chamem a ciência espírita de pseudociência, portanto).

Onde se lê "mundo corporal" é preciso compreender que na época de Kardec muitas das descobertas da ciência moderna acerca da natureza da matéria (por exemplo, sua intangibilidade) ainda não haviam sido realizadas. Dessa forma, era comum na época tratar do mundo corporal como mundo "da matéria", e do mundo espiritual como algo essencialmente "imaterial" (ainda que na pergunta #82 formulada por Kardec no Livro dos Espíritos, temos a resposta de que os espíritos são incorpóreos, mas não imateriais, pois que *tudo é formado por matéria*).

Hoje, a natureza do mundo corporal é compreendida pela Física Quântica como algo tão "virtual" (ou bizarro) quanto a mais psicodélica das teorias espiritualistas milenares. A diferença é que a Física Quântica trata de partículas detectadas em laboratório. Uma das teorias que defendo é a de que tudo é feito de matéria, inclusive o corpo espiritual (em espiritismo chama-se "*perispírito*"): um corpo fluídico nada mais seria do que um corpo formado por partículas ainda não detectadas pela ciência, do tipo que não interage com a luz (parte da chamada Matéria Escura).

Posso adiantar que não se trata de espíritos "de filmes ou histórias de assombração", de "demônios" ou de algo infantil como "gente que teve um karma ruim e reencarnou em um porco"... Trata-se do estudo lógico de um fenômeno, ou melhor, uma possibilidade: "a possibilidade de consciências extra-corpo se comunicarem com consciências [dentro do corpo, normais] de forma inteligente, ou seja, sem que a troca de informações possa ser originária de delírios ou alguma forma obscura de telepatia, pois as informações são muitas das vezes desconhecidas dos médiuns que as transmitem." - Um médium, no caso, não seria alguém "paranormal" ou dotado de um "dom divino", mas alguém como eu ou você, apenas com a capacidade de se comunicar com essas consciências extra-corpo mais desenvolvida, visto que segundo o espiritismo todos são médiuns, embora em graus variados (assim como todos podem compreender matemática, em graus variados).

Os espíritos nada mais são do que os seres inteligentes, ou com potencial de desenvolver a inteligência, por todo o Universo. Filhos da Natureza (embora se possa atribuir o advento dos espíritos a uma "aleatoriedade" tão grande quanto a que possibilitou a vida [de forma geral] no Universo, normalmente se atribui sua origem a um Criador), nascem como princípios inteligentes, e vivem em diversos planos vibratórios (pode-se entender como dimensões/branas, para quem conhece a Teoria M) ao longo da idade do Universo, seguindo toda a lógica evolucionista de Darwin-Wallace: apenas se propõe que o princípio que anima os seres orgânicos, da vida mineral a animal, evolui da mesma forma por etapas, ou reencarnações sucessivas, ora coletivas (na animalidade), ora individuais (no advento da consciência de si mesmo, em alguns animais mais evoluídos, e sem dúvida no *homo sapiens*). Assim como Wallace (um dos co-autores da própria teoria evolucionista) indiretamente defendia, o espiritismo nada mais faz do que explicar como a capacidade moral e cognitiva humana é transmitida adiante. Porque uns nascem criminosos e imorais, outros geniais e amorosos: é que estão em etapas diferentes de uma longa escada evolutiva, que se opera em absoluta independência dos genes, que nada mais fazem do que definir proteínas que determinam características físicas, como a cor dos olhos, ou a eficiência do sistema imunológico.

Importante frisar que os espíritos "falam apenas do que sabem", e nada mais. A grande parte das "desilusões" que se tem ao procurar a comunicação com espíritos provém da crença de que, em sua maioria, são seres de adiantado grau de conhecimento e moral, quando para os casos de contato mais comuns na mediunidade, ocorre exatamente o oposto (não são poucos os "avisos" nos livros de Kardec acerca de espíritos sombrios e zombeteiros que só querem causar confusão). Portanto, uma vez admitida à possibilidade da mediunidade ser real, mesmo assim é preciso estar preparado (talvez com o kit de ceticismo de Sagan) para as inúmeras fraudes, ou comunicações atribuídas a espíritos zombeteiros, que iremos nos deparar pela frente.

Isso dá, acredito, um apanhado geral do que vem a ser o espiritismo real, codificado por Kardec (mas não de sua "autoria"). Para informações mais detalhadas, recomendo que consultem O Livro dos Espíritos.

A lógica de um criador

09.01.09 (da série Porque simpatizo com o espiritismo)

Muitos podem estar se perguntando - "tudo bem, você acredita que espíritos podem ser consciência extra-corpo formados por partículas que não interagem com a luz, mas dado o fato que essas nunca foram detectadas pela ciência, não é meio ilógico e arriscado crer em algo assim?" - Ao que respondo - "Arriscado sem dúvida, a vida é arriscada. Ilógico, não."

A lógica é o ramo da filosofia que cuida das regras do bem pensar, ou do pensar correto, sendo, portanto, um *instrumento do pensar*. Entendo particularmente a lógica como um conjunto de idéias ou conceitos que interagem uns com os outros, e que mesmo considerados em conjunto continuam fazendo sentido. Para mim é lógico que um pensamento nada mais seja que um estímulo elétrico navegando pelos neurônios do nosso cérebro, mas é ilógico afirmar que esse estímulo é "aleatório", ou convenientemente ignorarmos que todo estímulo se deve a uma "origem". Será que algum neurologista descobriu de onde exatamente no cérebro isso vem (não estou falando de estímulos de origem não consciente)?

Seguindo uma lógica parecida, podemos afirmar que todo efeito consciente tem uma causa na consciência, ainda que não saibamos ainda exatamente o que é a consciência, sabemos que ela é obviamente a origem de um efeito consciente, ou uma ação qualquer originada de um ser que tem a consciência de si mesmo, de sua individualidade (certos religiosos atribuem suas ações ao "determinismo divino" ou a "sedução do Diabo", mas isso é uma outra história). Se "voltamos no tempo", chegamos aos fatos: um homo sapiens é fruto da evolução das espécies na Terra, a vida na Terra originou-se de um "evento fortuito" que provavelmente se deveu a combinação de elementos químicos (como o Carbono) presentes na atmosfera do planeta (muitos chegaram por asteróides, nem estavam aqui originalmente) que "de algum forma" deram origem a vida orgânica; Esses mesmos elementos (principalmente o Hidrogênio) são fruto do Big Bang - a "explosão" que deu origem ao Universo. A ciência não tem uma idéia suficientemente elaborada sobre o que ocorreu nos milissegundos iniciais do Big Bang, e muito menos sobre o que havia antes dele.

Mas o fato é que do Big Bang surgiu o Universo. E nesse mesmo Universo, partículas que formaram certos elementos químicos ainda relativamente "logo após" ao Big Bang, possibilitaram posteriormente não só o surgimento da vida na Terra, como o advento da consciência no *homo sapiens* (e provavelmente em outros animais). Daí retiramos a lógica de que *todo efeito tem uma causa, e todo efeito consciente, ou que gera a consciência, tem uma causa consciente*. Aqui está, pura e simples, toda a lógica que divide aqueles que acreditam em um Criador daqueles que acreditam na aparente aleatoriedade do Universo (tudo bem, existem as Leis da Natureza que estão muito distantes de serem aleatórias,

mas o evento que criou tais leis foi aleatório para os ateus, visto que não o vêem como algo "orquestrado", nem com "algum propósito específico").

Bem, eu pessoalmente não sou ateu, mas nada tenho contra eles (inclusive além de ter diversos amigos ateus, aprecio sua capacidade lógica, embora não concorde com sua defesa da aleatoriedade do Universo).

Seguindo com meu encadeamento lógico: se existe um Criador, é porque ele é a soma de toda a sua criação, e algo a mais. Não estamos falando de um cientista que cria vida artificial manipulando organismos que já existiam, ou do poeta que escreve sobre uma Natureza que já estava aqui muito antes dele, estamos falando sobre um Criador que criou *tudo* - cada partícula, cada bit de informação de um RNA, cada código simples e elegante da Natureza, cada sutileza assombrosa da Gravidade e outras leis naturais. Então, *esse Criador é pela lógica - Onisciente* (sabe de cada canto e cada segundo do Universo, em todos os tempos, em todos os pensamentos), *Onipotente* (a soma de tudo o que é possível na Natureza, do buraco negro ao amor de mãe e filho) e *Onipresente* (uma condição óbvia da Onisciência, visto que não estamos nos atendo a um "corpo físico divino" [nem muito menos a um "velho barbudo nos céus"]).

Até aqui, não temos muitas discordâncias entre as religiões: que existe um Criador. O problema, porém, se mostra muito mais complexo quando nos perguntamos "mas como será exatamente esse Criador? Qual o seu plano para o Universo? Ele intercede em suas próprias leis naturais? Ele criou o mal? Ele nos julga, ou julgará?" - Não pretendo aqui me ater a essas perguntas, prefiro focar na pergunta principal: "Poderemos um dia compreendê-Lo?".

Ao contrário de muitos religiosos que já se julgam incapazes de antemão a compreender "qualquer detalhe que seja" de um Criador, ou daqueles outros que seguem fielmente um Livro Infalível e atribuem todas as contradições aos "mistérios de Deus", penso que é nosso dever, e possibilidade real, compreender todas as nuances do Criador. De fato, a união de ciência e religião, como falei anteriormente, trata exatamente disso: do conhecimento, passo a passo, do Universo, do Cosmos, e analogamente, de seu Criador. Não tenho a ingenuidade de pensar que seremos capazes tão cedo de desvendar sequer metade de Seus mistérios, mas assim como na ciência os sonhos e ficções se tornam rapidamente realidade, ao vislumbrar a longa trilha que temos pela frente eu não vejo razão para acreditar que somos incapazes de "passar de certo ponto", mesmo que esse ponto esteja ainda a milhões de anos da compreensão de nossas consciências.

Ninguém chega a lugar algum sem dar os primeiros passos...

O criador justo

12.01.09 (da série Porque simpatizo com o espiritismo)

Como vinha dizendo, uma coisa é crer na possibilidade de um Criador, outra muito distinta é compreendê-lo. Em todo caso, poderemos começar por uma lei da Natureza para a qual tanto os céticos quanto os espiritualistas não criam objeção a primeira vista: a lei da evolução. Evolução não significa que os organismos na Terra evoluem aleatoriamente com o passar do tempo, peixes que "decidem" ir viver na terra firme, símios que "decidem" ir viver em cima das árvores, ou girafas que "de alguma forma" esticam seu pescoço até que consigam comer as folhas das copas das árvores... Evolução significa que genes já existentes na espécie são privilegiados ou descartados, de acordo com sua função, até que certas características físicas (determinadas por esses genes) possibilitem uma melhora na capacidade da espécie sobreviver: peixes que tinham mais chances de sobreviver em terra firme se transformam lentamente (ao longo de várias espécies e milhões de anos) em criaturas desse tipo, símios que sobrevivem mais nos galhos das árvores evitando predadores no solo se transformam em mestres das árvores, girafas que vislumbram a possibilidade de encontrar pasto acima das árvores (onde não há muita concorrência com outros herbívoros) se transformam em criaturas pitorescas de pescoço alongado.

Se existe um plano para tudo isso, pela lógica devemos considerar que todas as criaturas vivas tem igual oportunidade na Terra, e que a Natureza, muito antes do homo sapiens chegar, proporcionou um vasto campo de experiências para essas espécies, onde simples bactérias evoluíram lentamente para todo tipo de animal sobre a Terra: uns bem sucedidos na sobrevivência, outros mal sucedidos ou extintos. A Natureza não faz um drama disso tudo: ela apenas propicia que espécies evoluam fisicamente, até estarem de acordo com a capacidade de abrigarem consciência. Se considerarmos toda a história da Natureza na Terra, como um todo, teremos um maravilhoso exemplo de luta feroz pela sobrevivência, mas também do lento afloramento daquilo que nos é mais precioso: a capacidade de sermos conscientes de nós mesmos, e então passarmos a decidir nosso próprio futuro; Sermos morais ou imorais, sábios ou ignorantes, amorosos ou indiferentes... Agora, não dependemos apenas dos instintos animais, não precisamos mais ser governados por eles.

Por mais que nos seja complexo definir conceitos como a Justiça, me parece que toda a história descrita acima pelo menos nos leva a uma idéia de "igual oportunidade". Pois, se Deus criasse os espíritos no ato da concepção, e os "enviasse" as mães, como poderíamos ver Justiça quando uns nascem em terras áridas africanas, enquanto outros nascem em celeiros de riqueza europeus? Quando uns nascem numa era de tecnologia, anestesia e direitos civis, e outros nascem no passado tribal ou na época negra medieval? Quando uns nascem

perfeitamente saudáveis, e outros nascem com doenças terminais ou disfunções desastrosas?

Na minha modesta opinião, *um Criador só poderia ser realmente Justo se nos houvesse criado todos iguais*, princípios de consciência ancestrais, que vieram evoluindo ao longo de diversas espécies, e diversas encarnações, até que a consciência enflorasse, e pudéssemos então guiar a nós mesmos, obedecendo a uma simples Lei de Causa e Efeito: *tudo o que sua consciência inflige de mal, estará para sempre gravado nela própria*. A única forma de evoluir moralmente, portanto, é nos expurgarmos desse mal, lapidando nossa alma lentamente, também ao longo de milhares de anos... Não existe punição nessa Lei, a "punição" está de acordo com a ignorância de cada espírito para com os segredos de sua própria consciência. Melhor aquele que matou pessoas na fogueira vir como enfermeiro de queimados, do que ele mesmo morrer queimado... No entanto, existem espíritos ignorantes que ainda seguem a lei do Talião, e mesmo aqueles que se recusam de antemão a qualquer prática de caridade. Mas, aqueles que têm algum conhecimento de si mesmos, e do Amor que nos liga a todos em uma teia divina, trata de trabalhar sempre para que sua consciência se veja livre de toda culpa, o quanto antes melhor!

Seguindo a mesma lógica, teremos uma elegante explicação para a evolução da cognição humana. Genes, como já disse, determinam apenas características físicas. Não se sabe que espécie de genes determinam características cognitivas (como em gênios precoces da música ou matemática), morais (como nos grandes sábios e seres amorosos) ou mesmo culturais (embora os cientistas tenham chegado a vaga teorias dos Memes). Ora, é que esses tais "genes da cognição" nada mais são do que a capacidade cognitiva desenvolvida pelos espíritos ao longo de inúmeras encarnações. São como "potencialidades da alma" que se encontram adormecidas, e podem ser afloradas ou não, dependendo da "sorte" de cada um na vida atual, ou seja: do que se propuseram a vir realizar de construtivo para si mesmos (e todo restante do planeta).

Dessa forma, o médico que precisa desenvolver sua moral, poderá ter uma potencialidade para a prática da medicina nunca desenvolvida, e quem sabe ser um mero faxineiro do hospital: para este, o aprendizado não vem mais de cirurgias, e seu jaleco de faxineiro o trará todo o tipo de provas que o fará "forçosamente" encarar os problemas morais em seu espírito; Poderá, no mínimo, aprender a respeitar a todos como iguais, cirurgiões ou faxineiros. E nos livros de Kardec, exemplos como este não faltarão.

Por isso também é que a grande maioria se esquece de suas vidas passadas, é que elas não desempenham papel tão preponderante assim: não precisamos "saber" o quanto fomos imorais para praticar a moral. Não precisamos "fazer regressão" para despertar nossa capacidade de amar... Ela já está aqui, dentro de nós, e o espiritismo nos passa sempre essa mesma recomendação de trabalho na melhora gradual de nós mesmos. É tão somente isso que os espíritos de luz desejam para nós, pois que ninguém evolui sozinho, e a evolução não anda para

traz. Certamente que antes, quando íamos ao Coliseu ver feras devorando homens, quando achávamos normal a escravidão e a idéia de que mulheres e animais não tinham alma, éramos decerto menos evoluídos moralmente... Daí a lógica de que procurar saber de nosso próprio passado espiritual quase nunca é passo necessário para que evoluamos aqui e agora, no único presente ao qual nos foi dado decidir o que fazer.

Nascer, morrer, renascer ainda, e progredir sempre. Tal é a lei (essa frase se encontra na lápide de Kardec, na França).

O que diabos é magia?

08.06.09 (da série Uma breve história da magia)

No mundo atual, quando crianças, aprendemos que magia é basicamente um poder sobrenatural que somente magos e seres fantásticos possuem. Há algumas décadas Tolkien nos trouxe o grande mago Gandalf, em seus livros épicos *O Hobbit* e a trilogia *Senhor dos Anéis* - de lá para cá nem sempre temos tido a sorte de encontrar personagens tão interessantes na ficção. Hoje em dia os livros e filmes do estudante de magia Harry Potter dão a esperança de que toda criança pode aprender magia: se estudar no lugar certo e, principalmente, se não perder sua varinha mágica em algum lugar.

Há também quem confunda magia com truques de mágica, para esses gente como Houdini e, mais atualmente, David Blaine e Chris Angel, são os grandes magos de nossa época... Para muitos magia nada mais é do que o fruto do chamado pensamento mágico, que basicamente é um nome mais bonito para superstição - prática ritual de religiosos que perderam o compromisso com a realidade das leis naturais, e crêem piamente no sobrenatural; ou de loucos que caminham na contra-mão da ciência, por exemplo: alquimistas que ainda tentam transformar chumbo em ouro (literalmente, é claro).

Com tanta ignorância espalhada aos sete ventos, não é de se admirar que o verdadeiro significado da magia tenha se perdido há muito dentre o chamado conhecimento popular. Na falta de um nome melhor, vou chamar a definição dada nos dois parágrafos acima de magia fantástica. Não quero, no entanto, induzi-los ao erro: decerto Tolkien sabia muito bem o que pertencia a mitologia e suas metáforas profundas, e o que era criação de sua mente, quando compôs Gandalf e outros seres fantásticos da terra média; assim como, mesmo no conhecimento popular sabe-se muito bem que os truques e ilusionismos de mágicos como Houdini e Blaine nada tem a ver com rituais de magia (ainda que não se saiba exatamente o que diabos é magia).

Pois bem, se quer saber o que é magia, se quer saber se já participou inadvertidamente de alguma espécie obscura de ritual mágico, eu lhe digo que não somente certamente participou, como certamente é um mago, ou magista, em maior ou menor grau, ainda que nunca tenha percebido... Todo ser dotado de mente pensante é um mago, e pratica magia, em maior ou menor grau. A magia não é privilégio de sociedades secretas, de ocultistas ou escritores de auto-ajuda: um ator de teatro que consegue levar a platéia às lágrimas atuando em um drama, é um mago mediano; um poeta que consegue passar inúmeras imagens e pensamentos através de símbolos escritos em versos, é um bom mago; até mesmo um pastor evangélico que, através de sua interpretação fervorosa da leitura bíblica, consegue incitar grande fé em multidões de seguidores fascinados por sua oratória, é um grande mago!

No documentário "*The mindscape of Alan Moore*", o célebre escritor e magista inglês resumiu de forma contundente o que é magia (e não é necessário chamá-la de outro nome senão o original): "Magia é a arte (a arte original), a ciência de se manipular símbolos, palavras ou imagens para se alcançar estados alterados de consciência". Aí está resumido todo o real significado de magia. Não se trata de rituais que pretendem criar efeitos sobrenaturais na natureza, mas da cuidadosa manipulação da simbologia compreendida pela cognição humana no intuito de incitar na consciência um estado alterado, onde se pode compreender a realidade de uma forma mais direta, talvez se pudesse dizer: menos racional e mais espiritual ou sentimental. [1]

A maioria dos alquimistas nunca pretendeu um dia realmente transformar, literalmente, chumbo em ouro. Porém, mentalmente e metaforicamente, essa é a mesma transformação que um budista talvez procure em suas meditações transcendentais, ou um católico fervoroso procure em sua comunhão com Deus, ou mesmo um xamã ou pajé em sua relação direta com a natureza e seus espíritos - transformar chumbo em ouro é transformar uma mente fechada em aberta, uma consciência restrita em abrangente, um conhecimento limitado em virtualmente infinito. Nesse e em muitos outros sentidos, a magia sempre foi o mecanismo pelo qual se realizou o *religare*, a re-ligação a Deus, ou simplesmente a religião.

Entretanto, obviamente nem toda magia é boa, assim como nem todo pensamento ou estado de consciência é construtivo. Da mesma forma que pensamentos sombrios brotam nas mentes presas em sentimentos de culpa, ódio e vingança, a forma pela qual tais pensamentos são guiados através de manipulações da simbologia mágica é igualmente sombria, ou o que muitos conhecem popularmente como magia negra. Mas aqui, novamente, não é a cor que importa: é a intenção.

Magia é essencialmente vontade. Não há como realizar boa magia sem ter o controle e a compreensão da própria vontade. A vontade, no entanto, nem sempre é construtiva ou visa a evolução espiritual dos seres. Por isso também se diz que *o amor é a lei, o amor sob a vontade...* Que isso seja levado sempre em conta a todo aspirante a magista.

[1] O termo "racional" se refere à razão destituída de qualquer espiritualidade, como é compreendida no meio acadêmico moderno. Acostumamos a interpretar esse termo como uma analogia a racionalidade e inteligência do ser humano, porém em sua origem, no *logos* grego, ele significava algo a mais (retirado da *Wikipedia*): "significava inicialmente a palavra escrita ou falada - o Verbo. Mas a partir de filósofos gregos como Heráclito passou a ter um significado mais amplo. *Logos* passa a ser um conceito filosófico traduzido como razão, tanto como a capacidade de racionalização individual ou como um princípio cósmico da Ordem e da Beleza". Essa interpretação do *logos* como "uma razão conectada ao Cosmos" atinge seu ápice na filosofia estóica. Nesse sentido de *logos*, a

compreensão seria ao mesmo tempo racional e espiritual, e portanto, adequada ao contexto utilizado em nosso pequeno estudo.

A evolução da simbologia mágica

09.06.09 (da série Uma breve história da magia)

Uma das maiores conquistas evolutivas do *homo sapiens* é a capacidade de reconhecer e interpretar símbolos. O termo "símbolo", com origem no grego σύμβολον (*sýmbolon*), designa um elemento representativo que está (realidade visível) em lugar de algo (realidade invisível) que tanto pode ser um objeto como um conceito ou idéia. Um símbolo pode ter representação gráfica (bidimensional ou tridimensional), sonora e até mesmo gestual - sendo o catalisador da linguagem e da cognição humana. Como diz o ditado: "uma imagem vale mais do que mil palavras"; No entanto, mesmo as palavras nada mais são do que símbolos elas mesmas.

A simbologia, tendo estado presente na evolução humana desde a pré-história, obviamente surgiu antes da escrita, que nada mais é do que um código de interpretação de símbolos bidimensionais (palavras). Quando nossos ancestrais pintavam animais nas cavernas, não estavam representando somente o animal em si, mas toda uma gama de conceitos simbólicos que hoje em dia talvez não possamos desvendar, mas provavelmente envolvia o animal em si, o espírito do animal (simbolicamente o conceito ou essência do animal), uma celebração pela oportunidade da caça do alimento, um pedido aos deuses pela abundância da caça, e talvez muitos outros conceitos. Não nos importa, para esse pequeno estudo em específico, procurar compreender as condições de nossos antepassados no horizonte tribal, mas sim o mecanismo peculiar pelo qual nossas mentes evoluíram na capacidade de interpretação simbólica.

Um mero símbolo, fosse um gravura na caverna, um escultura de pedra ou metal, um grito de guerra ou o gesto de um xamã, representava por si só uma série de conceitos e idéias entrelaçadas e encadeadas, que de certa forma evoluíram conosco ao longo das encarnações, não exatamente porque de alguma forma obscura nossos genes passaram essas informações adiante, mas simplesmente porque nós mesmos, ou nossas mentes, estavam lá - vivendo no horizonte tribal, caçando e sobrevivendo na imensidão do mundo. Não que seja impossível compreender a evolução da simbologia humana de outra forma, mas principalmente dentro do estudo da magia e do ocultismo, a reencarnação sempre foi um conceito chave, muito embora tenha sido mal compreendido ao longo dos tempos.

Além disso, a prática de magia surgiu primordialmente através da figura do xamã, uma espécie de mediador entre a tribo e os espíritos da natureza. A palavra xamã vem do russo, *tungue saman* corresponde a práticas dos povos não budistas das regiões asiáticas e árticas, especialmente da Sibéria. Outros povos lhes darão outros nomes, como o pajé indígena da América do Sul ou o seiðr dos povos vikings da Europa, mas o que importa é que provavelmente foram os primeiros magistas da espécie humana. Há muitos célticos que atribuem o surgimento dessa

mediação entre o xamã e os espíritos a crenças religiosas antigas de homens que, por não conseguirem compreender a natureza, atribuíram-lhe o mecanismo à função de seres sobrenaturais. Porém, o estudioso do oculto saberá muito bem distinguir o que era animismo e o que representava simplesmente o contato ancestral dos povos primitivos com os guias espirituais que, de uma forma ou de outra, sempre estiveram velando pela evolução terrestre. Nesse vai e vem de tribos e seres, a evolução espiritual se entrelaça e confunde com a evolução da cultura humana, e certamente não poderia ser diferente. Fato é que não há povo de caçadores-coletores que não seja guiado, em última instância, por um xamã (e toda nossa espécie surgiu desses povos).

Já a religião correu por caminhos ainda mais estreitos e obscuros. O horizonte tribal já havia passado, e com a agricultura surgiu o horizonte agrícola... Quase 3 mil anos antes de Cristo, na grandiosa cidade de Uruk, na Suméria, o templo de Ishtar dominava a civilização da primeira grande cidade. Ishtar, entretanto, era apenas mais um nome dado a Grande Deusa, que era adorada então por muitas outras culturas na Terra. Nada se comparava ao poder da mulher. Toda a vida provinha dela e sem seu alimento nenhuma vida sobreviveria. A Mãe era a vida. A Terra era a Mãe. Deus era Mulher. Deus era a Lua. O matriarcado e o canibalismo dominaram grande parte do período em que se cultuou a Grande Deusa, e o nascimento era o grande mistério.

Porém, o homem antigo continuava evoluindo, já compreendia melhor o mecanismo do seu nascimento (físico), e acabou por compreender que sem a luz do Sol, o solo não poderia ser fértil: em realidade o Grande Deus era o Sol. Ele passou a ser adorado por diversos nomes por todas as partes, sendo Osíris o nome mais relacionado ao estudo do oculto, pois foi durante seu culto que muito do que se estuda até hoje em ocultismo surgiu no Egito antigo, através da grande mente de Hermes Trimegisto, *o três vezes grande*. Essa nova "iluminação" resultou em avanços sem precedentes para a civilização. Armados com o conhecimento solar dos ciclos das estações, os lavradores começaram a organizar o culto das lavouras. Cidades surgiram e com elas as economias e os exércitos dos grandes Estados-nação. O patriarcado superou o matriarcado e as deusas de inúmeras culturas se tornaram "esposas" de novas divindades masculinas. O Sol, no entanto, "morria" todas as noites e "ressuscitava" todos os dias, sua morte era o novo mistério. E assim os deuses dos grandes cultos - Orfeu, Hércules, Dionísio e até mesmo Cristo - foram assassinados e ressuscitados. A narrativa de Perséfone nos Mistérios de Elêusis é um exemplo perfeito da evolução da simbologia da Grande Deusa para a simbologia do Grande Deus.

Foi necessária a compreensão científica de que o Sol era "apenas" uma esfera incandescente em volta da qual a esfera terrestre fazia viagens anuais, de acordo com a gravitação universal, para que o grande mistério da morte fosse lentamente sendo deixado de lado. Não havia mais necessidade de temer as trevas, nem a morte. Para quem nunca compreendeu a Deus, e cultuava um "deus da barganha", que enviava os seres para o Inferno ou para o Céu, de acordo com

seus pecados, a questão da existência retornou em plena força: nada mais estaria garantido sem a acomodação dessa crença vazia da barganha de nada por coisa alguma e, portanto, a transição não foi pacífica - que o digam as fogueiras medievais. Desde esses novos tempos temos visto a queda do colonialismo e a destruição dos últimos vestígios do domínio patriarcal dos reis europeus, juntamente com o poder da Igreja. A simbologia do culto a Grande Mãe (violentamente reprimida durante o culto solar) foi transformada pela evolução da consciência humana, e ressurgiu na forma de movimentos relacionados ao meio ambiente, ecologia e a emancipação das mulheres na sociedade moderna.

Nessa nova época, a que muitos chamam de Nova Era, a consciência espiritual da humanidade desperta aparentemente subitamente, como se doutrinas a exemplo do espiritismo e da umbanda sagrada fossem completamente novas, revelações divinas; O estudante do oculto, entretanto, percebe claramente o encadeamento da teia da vida e da lenta evolução humana, passo a passo em direção ao infinito. Ação e reação, causa e efeito. Um turbilhão de símbolos a girar pelo universo imenso e abrangente - o que a consciência humana é capaz de perceber e compreender hoje, pagou com o sangue e o suor de milhões de anos de evolução. Nós temos percorrido um longo caminho, cheio de armadilhas e passadas em falso, cheio de ignorância e incompreensão, cheio de doutrinas míopes, porém certamente não absolutamente cegas... O Deus que buscávamos no mistério do ventre da Terra-Mãe, que tateamos na escuridão das noites aflitos pela ausência do Sol-Pai, e que hoje temos a chance de compreender a fundo através do estudo meticuloso dos mecanismos da natureza, é o mesmo do qual nascemos, o mesmo ser-substância eterno e imutável para a qual inevitavelmente iremos um dia retornar, senão fisicamente, decerto espiritualmente. *O que está em cima é como o que está embaixo*, mas nunca estivemos "longe" ou "fora" de Deus: essa é a grande fórmula mágica, a grande compreensão, o grande mistério do existir.

Ritual da irradiação mental de certas cores para a auto-cura de certas enfermidades

12.06.09 (da série Uma breve história da magia)

Sei que havia prometido um ritual mágico na terceira e última parte desse breve estudo, mas é necessário que antes eu defina alguns conceitos:

1. Por *ritual* entendo, em última instância, uma série de procedimentos mentais que, de acordo com nossa definição de magia - "a ciência de se manipular símbolos, palavras ou imagens para se alcançar estados alterados de consciência" - visa à indução de nossa própria consciência a um estado alterado. Não é estritamente necessário o uso de indumentárias (físicas) como mantos, velas, imagens de santos, etc; Isso pôde ser comprovado inclusive por magistas renomados como o próprio Aleister Crowley, que já completou certos rituais, por força das necessidades, apenas pela disciplina da mente, por assim dizer. Obviamente que certos rituais são muito complexos para que nossas mentes consigam realizá-los sem nenhum auxílio de simbologia através de itens materiais, mas felizmente o ritual que apresento é muito simples e pode ser feito apenas com o pensamento corretamente direcionado.

2. Por *irradiação mental* entendo uma espécie de mentalização de certos símbolos, em certos contextos, e em certos graus de foco mental (quanto maior o foco, maior a eficácia, mas isso requer obviamente maior disciplina e experiência com a prática). Não se trata, certamente, de nenhuma irradiação no sentido físico-científico do termo. Inclusive neste ritual em específico a irradiação estará direcionada ao próprio corpo do ativador do ritual.

3. Por *cores* entendo exatamente nossa interpretação simbólica das cores. Pela ciência sabemos que cores não existem, e sim espectros da luz, pois que tudo que chamamos de "cor" são frequências específicas de onda dos fótons (quantas de luz, ou do eletromagnetismo). Nossa interpretação – se poderia dizer, subjetiva – dessas cores é essencialmente uma simbologia mental. Qual a vermelhidão do vermelho? Isso não pode ser medido objetivamente, depende da subjetividade de cada um. Além disso, para os daltônicos o vermelho certamente será algo muito distinto dos que não tem esse tipo de característica na visão. Disso se tira que o importante é o conceito que aplicamos mentalmente a uma cor, e não a cor em específico. Neste ritual o *azul* é o catalisador da cura, mas contanto que utilizem o mesmo conceito ao pensarem em qualquer outra cor, podem usá-la no lugar do azul sem problema algum (o azul seria apenas a cor tradicional utilizada para esse efeito, segundo a cromoterapia).

4. Por *auto-cura* entendo a própria capacidade natural da mente e do corpo de curarem a si próprios. Como dizia Hipócrates, pai da medicina: "tuas forças naturais, as que estão dentro de ti, serão as que curarão suas doenças". Por isso

também *nenhum médico promete cura, e sim tratamento*. Este ritual visa o tratamento por "mentalizações de certos conceitos em forma de certas cores"; Não poderia ser resumido de melhor forma, acredito eu... A pergunta cética "é preciso acreditar para que funcione?" sequer faz sentido aqui, pois antes é preciso compreender para que funcione. É a própria compreensão de si mesmo, o próprio foco mental, que catalisa a cura. Se você já não acredita, de antemão, que o ritual possa trazer-lhe qualquer efeito benéfico, é melhor nem tentar realizá-lo. No entanto, talvez o estudo do *efeito placebo*, conceito científico, lhe traga maior luz sobre o que ocorre aqui - visto que, para a ciência, a mente tem o poder de cura quando acredita nesse poder; Falta-lhe, entretanto, a compreensão do mecanismo pelo qual o efeito placebo funciona exatamente.

5. Finalmente, vale dizer que aprendi esse ritual inicialmente com a médium Narci Castro de Souza (lembrem-se que minha definição de ritual mágico é abrangente, conforme dito anteriormente, e engloba desde o xamanismo às missas cristãs). Porém, adaptei-o a minha maneira, de modo que provavelmente pouco tem a ver com o original, exceto pela essência do que pretende realizar.

O ritual passo a passo

(Vale lembrar ainda que rituais mágicos não devem servir de "comprimido" para qualquer mero desconforto ou pequena enfermidade. Mesmo em se tratando de remédios físicos [como um anti-inflamatório], a dosagem exagerada fará com que o organismo não reaja mais a química do remédio; O mesmo ocorre na prática exagerada, e conseqüentemente sem o foco devido, de rituais mágicos)

A. De preferência, encontre um local (físico) tranqüilo para a prática. Pode ser algum lugar sem ruídos de sua própria casa, algum jardim ou parque bucólico, uma praia vazia, etc. Não é necessário o uso de música, mas se está acostumado a usá-la para meditar ou relaxar, tanto melhor.

B. Feche os olhos e respire profundamente por algum tempo (depende de sua capacidade de relaxar, assim que conseguir esquecer "o mundo lá fora" por alguns instantes, estará bom). Imagine (mentalize com o devido foco mental) que está se transportando para um lugar de natureza exuberante, onde as "energias" que movem a natureza estão em estado puro. Se estiver em uma praia, imagine a essência de uma praia: a areia que erodiu ao longo de milhões de anos, a água mais pura e cristalina, o Sol que brilha e acalenta sem queimar, etc.

C. Imagine o céu em azul límpido, com nuvens passageiras (aqui já estamos ativando a cor azul, como disse pode usar alguma outra, contanto que siga a essência do ritual - que é a irradiação da cor natural para dentro de si próprio). As aves que flutuam sem esforço nas brisas, e cantam para saudar o visitante conhecido (você mesmo). A mesma brisa que move as nuvens e sustenta as aves também passa pelo seu corpo, e te envolve com a leveza de uma carícia.

D. Pense, brevemente, no motivo pelo qual está aqui: na enfermidade que deseja tratar. Lembre-se que na natureza não há garantia de cura, mas que ainda assim nos curamos inúmeras vezes de inúmeros males e enfermidades ao longo da vida. Pense: "tomara que esta seja mais uma vez". Então comece a respirar (apenas respirar ainda, sem expirar) e imagine que o ar que respira é o próprio azul do céu, que desce e se irradia pelo seu corpo através da respiração.

E. Direcione este azul que entrou em seu corpo pela respiração para o local exato de sua enfermidade. Aqui, quanto maior for seu conhecimento biológico do corpo humano, e do mecanismo da respiração, tanto melhor. Se já estudou o que os remédios fazem para tratar certas enfermidades, imagine este azul como a essência da química curativa de tais remédios. Quanto maior a compreensão e conhecimento do que ocorre em um tratamento, melhor a eficácia do foco mental e da catalisação do tratamento em si. Porém, o conceito essencial é o de que este azul, vindo diretamente do céu, está irradiando sobre sua enfermidade e absorvendo as células enfermas (ou a própria enfermidade em si), lentamente transformando-se em vermelho (novamente a cor não importa, o vermelho seria a enfermidade em si).

F. Agora expire, sem pressa, este vermelho. Imagine que a enfermidade é lentamente dissipada nas consecutivas respirações (do azul de tratamento) e expirações (do vermelho da enfermidade). O vermelho expelido não prejudica a natureza à volta, lentamente se dissipa ao se misturar com o ar. A enfermidade não deve ser encarada como punição, mas como um estado não natural do organismo, que em essência é naturalmente saudável. Viver traz enfermidades pois na natureza tudo se transforma, mas a essência da vida em si é saudável e infinita. Isso tudo são pensamentos que podem ser levados em consideração nessa hora.

G. Então agradeça a possibilidade de fazer uso das "energias" que movem a natureza. Agradeça aos animais que o saudaram, agradeça a possibilidade de viver. Então se despeça de todos que lá estão e imagine que está se transportando de volta ao local físico onde iniciou a meditação.

H. Abra os olhos e diga ou pense "graças a Deus", ou ainda "graças ao Cosmos", etc.

Nota: se eventualmente algum evento estranho ao passo a passo descrito ocorrer durante o ritual, aproveite-o apenas na medida em que se sentir bem. Se em algum momento sentir-se mal, seja por influência do que for, interrompa o ritual imediatamente passando diretamente para o passo H. Se esse mal-estar ocorrer freqüentemente durante outros rituais, você poderá simplesmente deixar de os realizar, ou procurar alguma casa de estudos ocultos, ou alguma igreja onde se sinta bem, até que isso não mais ocorra durante os rituais.

Do Ceticismo

Tudo pode ser?

03.01.09

Em seu livro "O mundo assombrado pelos demônios" Carl Sagan nos traz um conjunto de informações históricas acerca da relação entre mitos, lendas, credulidade, ceticismo, religião e ciência. Obviamente, Sagan se mostra ardoroso defensor da ciência e do método cético de análise dos fenômenos da Natureza (o "kit de detecção de mentiras"). Alguns cétricos consideram esse livro, não sem razão, uma espécie de "bíblia" do ceticismo, enquanto que alguns não-cétricos tecem sobre o mesmo livro alguns comentários, não sem razão, bastante críticos.

Interessante que, me parece, em ambos os casos, as pessoas não tenham compreendido Sagan da maneira correta. Sagan era um homem deslumbrado com a Natureza, num sentimento que muitos poderiam confundir por religioso, e não falava absolutamente sobre o que não havia previamente estudado extensivamente. Era um profundo conhecedor de religiões, principalmente as Abraâmicas, e profundo estudioso de relatos de seqüestros por alienígenas que ficaram tão comuns nos EUA do século XX. Sagan não era agnóstico porque leu um livro que condenava a crença e a fé num "ser superior", era agnóstico porque estudou extensivamente as religiões e não encontrou, em nenhuma delas, evidências suficientes para que ele, e *apenas* ele, pudesse tirar qualquer conclusão acerca desse Ser. Sagan não era cético acerca dos relatos de alienígenas aparecendo pela Terra porque achasse ridícula, de antemão, a suposição: ele mesmo cita que "gostaria muito de poder analisar um artefato alienígena, uma evidência física qualquer que tenha sido deixada em um desses milhares de casos", mas não houve um caso sequer, um artefato que tenha chegado em suas mãos.

Obviamente que um homem de ciências, profundamente lógico, não pudesse abraçar nenhuma outra causa que não a materialista, em se tratando de tantas e tantas fraudes encontradas ao longo da história... E, de fato, é isso o que qualquer espiritualista com um pingote de ceticismo percebe: que de cada 100 casos chamados "paranormais" ou "sobrenaturais", pelo menos uns 90, decerto, são fraudes, e a grande maioria delas, infelizmente, fraudes *intencionais*.

Não quer dizer que a ciência materialista tenha a resposta para todos os fenômenos, sequer que ela tenha a ambição de ter essa resposta. Decerto a ciência explica como a evolução não se dá de forma aleatória, mas sim pelo "descarte" de genes e espécies que não "funcionam", favorecendo as mais aptas a sobrevivência; Porém, está um tanto distante de explicar o *porque* de isso tudo funcionar assim, a ciência busca explicar *como* ocorrem os fenômenos da Natureza, e não seu sentido, se é que existe algum. Decerto a ciência tem teorias muito sólidas para a origem do Universo, como a do Big Bang (a radiação de fundo cósmica demonstra claramente que continuamos "dentro de uma explosão"), mas é incapaz de explicar como o Universo pode ter surgido aparentemente "do nada", ou porque os eventos encadeados fizeram com que asteróides caíssem no pálido ponto azul, um planeta que chamamos de Terra, e possibilitassem a suposta recombinação de elementos químicos que deu origem a vida. Decerto a ciência tem explicações lógicas para fenômenos extraordinários como o de crianças que se lembram de endereços e conhecidos em vidas passadas, que subitamente "se lembram" que sabem falar aos 2 meses de idade (e escrever aos 4), que têm sonhos aos 4 anos de idade e passam a pintar realisticamente e compor poesias de profundo conteúdo espiritual, e muitos outros casos de crianças prodígios. Ou para garotos orientais que meditam por dias sem comer nem beber e não ressecam a pele ou sequer esboçam qualquer reação física. Ou para médiuns de cirurgias físicas que operam à anos sem assepsia e nunca foi relatado caso de contaminação, apesar de o pretenso médium não ter sequer o segundo grau completo, muito menos saiba o básico do básico da medicina geral; No entanto, essas explicações são tão ou mais fantásticas do que as explicações reencarnacionistas, principalmente a explicação espírita (que muitos confundem com espiritualista ou "da Nova Era", quando muito pouco tem a ver, a começar pelo fato do codificador da doutrina espírita, e muitos de seus amigos e divulgadores, terem sido cientistas).

Convenientemente, Sagan passou ao largo de diversos fenômenos "sem explicação científica" em suas análises, mas não o podemos culpar: assim como todos nós, Sagan estava apenas defendendo o que de fato acreditava de coração, a sua forma de ver o mundo. E, de toda forma, por mais que as evidências do parágrafo acima sejam consideravelmente mais fortes dos que as inúmeras listadas em seu livro, *ainda* não nos trazem, de forma alguma, uma prova cabal, experimental, científica, da existência da vida após a morte, de espíritos, curas pela fé, e muito menos de Deus.

Acredito que tudo possa se resumir em que *a ausência de evidência não é prova da ausência*, e que o ônus da prova cabe a quem afirma, e não a quem prefere não concordar, ou acreditar. O importante, portanto, não é impor a nossa "verdade" aos outros, ou convertê-los a nossa opinião sobre a vida, mas sim encontrar uma forma em que todos possamos crer ou descrever no que quisermos, sem no entanto atropelar os direitos alheios, nos ofender, ou simplesmente nos matar, o que é infelizmente o mais comum na história da humanidade.

Da mesma forma, ler os livros de Sagan, e principalmente "O mundo assombrado (...)" deveria ser essencial para todo e qualquer espiritualista e/ou religioso: porque nos esquivar dos críticos, senão por não termos convicção de nossa própria fé? Porque aceitar dogmas e ignorar uma revisão consciente e equilibrada de nossa crença, senão porque já perdemos qualquer compromisso com a realidade? Porque temer perdermos qualquer tipo de "consolo" religioso ao lermos críticas céticas, senão por termos uma compreensão errônea de que a religião é tão somente "um consolo para o sofrimento humano"? - Aquele (espiritualista) que se esquivava de encarar o ceticismo opera da mesma forma que o cético que se esquivava de analisar e/ou tentar explicar fenômenos que não foram classificados como fraudes, e mesmo assim não são explicados pela ciência... *É mais fácil se esquivar e não encarar o pensamento contrário, sejamos espiritualistas ou céticos.*

É exatamente por isso que admiro Sagan, independente de concordar com ele ou não. Ele nunca se esquivou de ir à fundo no estudo dos fenômenos ditos "sobrenaturais". Felizmente (ou infelizmente) nunca parece ter se deparado com um fenômeno realmente complexo, e algumas vezes apelou para explicações esdrúxulas (sonhar que estamos caindo pode ter a ver com a época em que "dormíamos em árvores", o que me parece interessante, apenas falta explicar como genes, que determinam características meramente físicas, podem nos "relembrar" de quando nossos átomos formavam símios, e não homens); Mas de modo geral foi profundamente corajoso, metuculoso, bem-humorado e generoso em suas pesquisas e conclusões. Nota-se que não quis ofender ninguém, mas antes demonstrar o porque de crer no que crê: de que nada somos além de poeira de estrelas, até que se prove o contrário, apesar de que sermos poeira de estrelas seja, por si só, "suficientemente extraordinário".

Tudo poder ser? Provavelmente, para quem crê no que lhe parece aprazível. No entanto, para quem precisa "crer para compreender, e compreender para crer", como dizia Sto. Agostinho, a realidade precisa exercer papel mediador para toda e qualquer crença, materialista ou espiritualista, científica ou religiosa... Me parece que o "sobrenatural" é apenas o natural ainda não compreendido pela ciência. Tomara que um dia ambas, ciência e religião, se reencontrem, e caminhem novamente juntas. Pois Ciência é tão somente Conhecimento, e religião é tão somente Re-ligação ao Cosmos. Que nosso Conhecimento do Cosmos ande sempre junto do bom senso, do ceticismo sincero, da moral e do amor... Tomara que sim.

O ônus da prova

04.07.08

Em se falando de crenças ou teorias conceituais, as pessoas parecem se dividir entre as que têm certezas e as que têm convicções.

As pessoas que tem certezas, ou acreditam ter, acham que a verdade sobre a realidade da Natureza, ou ao menos boa parte dela, já foi esquadrinhada e perfeitamente compreendida e explicada por um livro, um profeta, um alienígena ou mesmo uma "entidade espiritual". Essas pessoas geralmente se acham no direito de "divulgar" essas certezas para os outros, e acreditam que estão com isso fazendo um "grande bem", visto que, na sua opinião, de nada adianta continuar buscando a verdade: ela já foi encontrada e agora precisa ser divulgada a toda humanidade, de preferência o mais breve e insistentemente possível. *Em suma, acreditam que sua verdade está provada e não pode ser questionada.*

As pessoas que tem convicções, de certo admitem que nem toda verdade sobre a realidade da Natureza foi encontrada, em realidade, muitas acreditam que compreendemos apenas uma ínfima parte dela. Essas pessoas sabem que, exatamente pela verdade não ter sido totalmente compreendida, não seria sábio nem razoável pretender que suas crenças sejam abraçadas pelo restante da humanidade: melhor esperar que as pessoas se interessem pela crença por si mesmas, antes de ir atrás das pessoas com a promessa de que encontraram para elas a verdade, exatamente porque qualquer promessa desse tipo seria falsa. Ainda que concordem que sua crença possa vir a explicar muito do que ainda não foi compreendido ou comprovado, *sabem perfeitamente que absolutamente tudo o que acreditam não está livre de questionamento, e tampouco está provado.*

Pois bem, enquanto as primeiras são dogmáticas, essas últimas são antes de tudo, racionais: afinal, sabe-se que o ônus da prova cabe e caberá sempre a quem procura afirmar alguma coisa, e não a quem apenas se recusa e acreditar enquanto nada estiver comprovado.

Ora, e recorrendo a experimentação científica, os cientistas comprovaram que a Terra não é plana, que não está no centro do Universo (que aliás não tem centro definido espacialmente), que orbita o Sol e que essa órbita é constante (não poderia, portanto, parar de um minuto para o outro), que absolutamente toda matéria na Terra é feita da combinação de algumas dúzias de elementos químicos, que as espécies animais evoluem ao longo dos milhões de anos pelo mecanismo da seleção natural, etc. - Entretanto, apesar dos religiosos terem parte da teoria de um Universo criado aparentemente do "nada" comprovada pelo Big Bang, não tem-se comprovado cientificamente a existência de Deus, se ele seria um ser consciente, se existem espíritos, se existem alienígenas visitando a Terra, se existem realmente os chamados "fenômenos paranormais", etc.

Apesar de tudo isso ser definitivamente importante de ser levado em consideração, também vale considerar, da mesma forma, que *em lugar algum está escrito que um cientista não possa ser religioso, ou que um religioso não possa ser cientista...* Afinal, o próprio estudo do Genoma Humano comprovou que na Terra só existe uma espécie de seres humanos, o homo sapiens, e não vem escrito em seus genes que eles precisam, ao nascer, escolher entre um caminho e outro, excluindo e ignorando totalmente um deles.

A princípio, nada pode comprovar hoje que quem afirme que existem pequenos dragões de Matéria Escura voando pela noite em uma dada cidade esteja equivocado: não se pode detectar a Matéria Escura, e mesmo que se pudesse, talvez ao fazer as medições na cidade em questão os dragões tenham se mudado para uma outra, e será difícil comprovar se existem, mas da mesma forma será impossível comprovar que não existem.

Portanto, há que se baixar a guarda, desfazer os nós, e admitir: "em princípio, toda crença tem sua chance de estar absolutamente correta, por mais improvável que possa parecer a primeira vista"... Até porque, foi exatamente com essa abordagem que os gênios da ciência observaram o que ninguém havia se arriscado a observar na Natureza, e dessa forma, nos ombros de gigantes, um seguido do outro, mudaram a nossa forma de ver o mundo, por mais religioso que cada um de nós possa ser.

Há que se tentar analisar a crença de cada um, e se for o caso de fazer julgamentos, julgar antes de tudo as conseqüências morais de cada crença: se um religioso pratica a caridade, a abnegação, o auto-conhecimento, a crença em um futuro melhor para a humanidade, construído de preferência pela própria humanidade em conjunto, e não por um Deus *Ex-Machina* no Fim dos Tempos, não importa se os motivos de suas boas ações se baseiam num Manual da Verdade Absoluta, na Mensagem Divina de um Profeta ou mesmo na Instrução de Espíritos de Luz, *o que importa são suas obras e não suas crenças.*

Da mesma forma, se um religioso encontra em sua crença razão para crer que existem castas de seres humanos, uns evoluídos e outros nem tanto, uns programados por Deus para serem portadores de toda a verdade, e outros portadores de todo mal; Ou ainda que use de sua crença para afirmar que este ou aquele será condenado, este ou aquele será salvo, que este ou aquele tem alma, e este ou aquele é apenas um "construto de Deus" para nos servir, e finalmente, se através de sua crença nega veementemente o que a ciência já comprovou em experimentações, e se acha no direito de tentar afastar as pessoas do "mal do conhecimento", da mesma forma, julguemo-os pelas suas obras, e não pelas suas crenças.

Ninguém de certo conhece toda a verdade do mundo, mas em nossa consciência trouxemos, ou nos foi dado, o bom senso. Apesar de tudo, acredito que ele ainda é, e sempre será, o nosso melhor guia em meio ao aparente caos de crenças que

nos parecem inóspitas, julgamentos que nos parecem precipitados, e seres humanos que nada vêem e nada sentem.

Quando o ceticismo é bom?

03.03.09 (da série Reflexões sobre o ceticismo)

Ceticismo: é a doutrina que afirma que não se pode obter nenhuma certeza a respeito da verdade, o que implica numa condição intelectual de dúvida permanente e na admissão da incapacidade de compreensão de fenômenos metafísicos, religiosos ou mesmo da realidade. O termo originou-se a partir do nome comumente dado a uma corrente filosófica originada na Grécia Antiga.

À primeira vista o ceticismo nos parece algo cinzento e sem brilho: "não podemos obter nenhuma certeza a respeito da verdade, somos incapazes de compreender a realidade". Ora, mas que tipo de afirmação é essa? Será que tudo o que conhecemos, e mesmo a realidade, é algo falso e incompreendido? Esse tipo de pergunta ocorre para todos aqueles que, geralmente, de tão apegados a sua noção de realidade, tratam qualquer tipo de "afronta a sua realidade" mais ou menos como a loba que protege seus filhotes de estranhos, mostrando os dentes afiados.

Esse pensamento precipitado, quando estendido ao ceticismo científico, nos leva a crer que "como os próprios cientistas afirmam que não conhecem a verdade, então não devemos dar ouvidos a eles. Daremos ouvidos a quem afirma que à conhece, como a Bíblia." - obviamente que esse tipo de pensamento é bem arcaico e não se aplica a maioria dos religiosos dos dias atuais (será mesmo? espero que não se aplique), mas considerando nossa história religiosa, e de como foram necessários séculos de ciência para que modificássemos finalmente algumas de nossas noções mais básicas da realidade (como por exemplo, a de que a Terra gira em torno do Sol, e não o oposto, como acreditamos na maior parte de nossa história), poderemos entender como um cético hoje tende a ser "mau-visto" por aquelas pessoas que "tem certeza de que compreendem a realidade".

Felizmente, a Natureza nos mostra que não precisamos compreender a realidade para viver nela. Ou melhor: não precisamos compreender cada aspecto e detalhe das leis naturais, para que estas funcionem, e para que vivamos conscientes da maravilha que é a Natureza, ainda que talvez nunca a compreendamos devidamente. Vale então um outro pensamento: "mais vale avançar a passos curtos e cortando grama e galhos de ilusão, na trilha da Verdade, do que permanecermos alegres e felizes com o que já conseguimos, no vilarejo da Ignorância" - ou seja, tudo bem que não compreendamos toda a verdade ou toda a realidade, isso não nos impede, de forma alguma, de prosseguir nessa trilha de descobertas.

Será que só deveríamos nos sentir "seguros o suficiente para caminhar adiante" quando trazemos conosco, abaixo do braço, um Manual da Verdade Absoluta? Ou

será que é perfeitamente possível seguir adiante, observando e desvendando a natureza, sem que tenhamos a "segurança aparente" de uma ou inúmeras Verdades? - o problema com essas perguntas é que elas envolvem uma certa dose de risco: se vamos seguir adiante no ceticismo, é possível que muito do que consideramos a Verdade hoje esteja errado lá na frente, é possível que todo nosso trabalho de reflexão e análise dessa "verdade aparente" se perca, pois no futuro pode ser provado como falso; Por outro lado, se abraçarmos as verdades de algum Manual, e também essas se provarem falsas, teremos nos enganado duplamente - uma, em relação a nossa "verdade aparente" que se provou falsa, e outra em relação a crer que algum livro poderia ter nos trazido a Verdade Absoluta de mão-beijada.

O ceticismo não é inimigo da religião. Religião é apenas a forma que os homens encontraram para alcançar alguma forma de compreensão da Natureza de forma mais sentimental do que racional, mais no sentido do Amor do que da Razão. Não significa que um religioso não possa ser cético, não possa ser cientista, não possa unir todas as potencialidades humanas em prol de um conhecimento mais abrangente da Natureza. Significa apenas que um religioso precisa aprender a deixar de se apegar a este ou aquele dogma. Pois um dogma, enquanto "verdade já encerrada em si mesma", é a antítese da busca por conhecimento, busca essa que ocorre na religião (porque não?) tanto quanto em qualquer outra área de conhecimento humana. Talvez a busca religiosa seja mais interna do que externa, mais sentimental do que racional, mas continua sendo válida: não existe espaço na Natureza em que possamos "estar fora dela", portanto mesmo a busca interna não deixa de ser uma busca "dentro da Natureza".

Também podemos dizer que nem todo cientista será necessariamente cético (ainda que acredite piamente que o seja): ciência é conhecimento, é observação e compreensão racional das leis naturais. A ciência não é materialista nem espiritualista, ateuísta ou teísta, ciência é apenas ciência, se baseia em fatos comprovados experimentalmente, e novas teorias que surgiram através deles, a ciência nunca teve a pretensão de "validar" ou explicar toda a realidade (nisso ela se assemelha ao ceticismo). O cientista que baseia toda a sua visão de realidade apenas na ciência, está no mínimo "vivendo pela metade", esquecendo-se de tantas outras coisas que a realidade nos traz, e que não podem ser medidas ou equacionadas... para não estender muito a lista, fiquemos apenas no Amor.

Como físico, Max Planck observou em seu livro "*The Philosophy of Physics*" [A Filosofia da Física], de 1936: "uma importante inovação científica raramente faz seu caminho vencendo gradualmente e convertendo seus oponentes: raramente acontece que 'Saulo' se torne 'Paulo'. O que realmente acontece é que os seus oponentes morrem gradualmente e a geração que cresce está familiarizada com a idéia desde o início". O ceticismo pode, portanto, tornar-se vicioso e sua prática deve ser balanceada. É importante que o cético mantenha-se neutro, tenha consciência de sua posição e evite um ceticismo descontrolado que possa vir a transformar-se num fanatismo tecnológico ou numa espécie de fundamentalismo onde se pretende "evangelizar o ceticismo científico" como única compreensão

válida da realidade (quando o próprio ceticismo exatamente nos afirma que não podemos compreender a realidade por completo).

Quando o ceticismo é bom? A resposta é: quando ele é usado como ferramenta e não como fim. O ceticismo não é um fim em si mesmo, não é uma ideologia. O ceticismo é uma ferramenta para auxiliar na racionalização da realidade, e que leva em consideração a falibilidade humana acima de tudo. Ou, como nos diz R.T.Carrol sobre "em que os cétricos acreditam":

"O ceticismo não é um conjunto de crenças, assim pode não haver muitas convicções mantidas por todos os cétricos. Até mesmo se houvesse, tais convicções poderiam não revelar nada sobre o ceticismo, já que estas mesmas crenças podem ser mantidas por muitos que não sejam cétricos."

Quando a quântica deixa de ser física

04.03.09 (da série Reflexões sobre o ceticismo)

Mecânica quântica: é o estudo dos sistemas físicos cujas dimensões são próximas ou abaixo da escala atômica, tais como moléculas, átomos, elétrons, prótons e de outras partículas subatômicas. A Mecânica Quântica é um ramo fundamental da física com vasta aplicação. Para compreender melhor este artigo é recomendado ver esta animação explicando a dualidade onda/partícula pelo experimento de fenda dupla: <http://tinyurl.com/mqfendadupla>

Para começar nossa história, vamos trazer a informação deste artigo da Superinteressante sobre o livro mais antigo do mundo:

"Os físicos do século 20 descobriram que as partículas que compõem a matéria estão em perpétua transformação: prótons se convertem em elétrons que se convertem em nêutrons, e assim por diante. O Universo não é algo estático, mas uma massa de energia em constante transformação, uma teia de processos infinitos e dinâmicos – ou mutações. E mais: o fluxo de metamorfoses que domina o mundo subatômico e forma tudo o que existe é regido pela dança de opostos. Os elétrons de carga negativa giram em torno dos núcleos de carga positiva, formando o átomo e o Universo.

Niels Bohr, um dos pais da física quântica, ajudou a derrubar a noção de que as leis que regem o Cosmos são independentes da matéria – em vez disso, hoje se acredita que essas leis emanam da própria energia em mutação que forma o mundo. Idéia que pode ser resumida no seguinte lema: 'As leis naturais não são forças externas às coisas, mas representam a harmonia e o movimento inerente às próprias coisas'. Note bem: essa frase não saiu de um livro de física. É um trecho do I Ching."

Na história dos grandes gênios da ciência, engana-se quem imagina que encontram-se apenas gênios racionais, porém absolutamente materialistas. Como dito anteriormente, a ciência não é materialista nem espiritualista, é apenas um método racional de observação e compreensão da Natureza. Ora, Niels Bohr foi genial, um dos pais da física quântica, mas não usou apenas sua razão para chegar à criação e comprovação dos ramos científicos pelos quais é reconhecido: sem dúvida, não apenas ter lido o *I Ching* e pesquisado doutrinas espiritualistas, como também não ter tido receio de usar sua própria imaginação, decerto o ajudou imensamente, talvez tanto quanto o próprio estudo do cálculo em si.

Não é materialista quem crê na existência da matéria, fosse esse o caso alienado seria aquele que não fosse materialista. É materialista aquele que acredita que somente a matéria existe, e que tudo pode ser explicado através dela, incluindo a consciência... O problema não é crer especificamente que somente a matéria

existe, mas crer que essa matéria se resume aquela matéria já detectada, do tipo que interage com a luz (fótons) - assim como crer que todos os mecanismos por detrás da formação e funcionamento dessa matéria já foram desvendados pela ciência (por exemplo: classificar de absurda por antemão uma teoria que afirme que "a alma" pode ser formada de "matéria desconhecida"). Se Bohr houvesse se limitado pelo que "já se sabia" sobre a matéria, teria sido materialista, teria ignorado o *I Ching* possivelmente, e seria um completo desconhecido na história da ciência.

Porém, não foi através do *I Ching* que Bohr compôs suas equações. O *I Ching*, a exemplo do que falamos sobre o ceticismo em si anteriormente, foi uma *ferramenta* e não um meio em si próprio: nesse caso, a espiritualidade e imaginação de Bohr o auxiliaram em suas descobertas científicas - porém, o que ele alcançou dentro da ciência, foi somente através do método científico. O problema está, obviamente, em se misturar os conceitos e os métodos.

Ultimamente a física quântica tem sido vítima dessa confusão. São livros, documentários e outras mídias que afirmam que "somente a consciência causa o colapso de onda, então a realidade física só existe porque a observamos", e que não param por aí, dizem mais adiante que "se podemos causar o colapso de onda, podemos moldar nossa própria realidade". Em suma, uma extrapolação não apenas da ciência, mas também de diversas noções espiritualistas, extrapolação esta que afirma que em última instância "as coisas a nossa volta ocorrem porque pensamos nelas, ou as desejamos."

Segundo a teoria da Redução Objetiva Orquestrada, dos cientistas Stuart Hammeroff e Roger Penrose, a consciência é fruto de processos quânticos no cérebro, e nossas decisões nada mais são do que "colapsos de onda de estados cerebrais" - essa teoria de que pensamentos e decisões podem ser explicados pela Mecânica Quântica é não apenas de uma lógica elegante, como também resolve o problema da ausência de livre-arbítrio nas teorias que afirmam que absolutamente tudo, mesmo nossas decisões morais e sentimentos, são fruto de reações químicas do cérebro, que são por si mesmas já determinadas.

Muitos cientistas e espiritualistas viram essa teoria como uma forma de ligação entre o que diz a ciência e o que diz a espiritualidade. Amit Goswami é um físico polêmico que, à partir dessa teoria, chegou a inúmeras conclusões das quais infelizmente uma análise cética nos traz muitos poucos resultados, ou mesmo nenhum, que possam ser considerados à luz da ciência. Mas pelo menos Goswami partiu de uma teoria científica, infelizmente não precisamos nem de muito ceticismo para perceber que muitas outras teorias pseudo-científicas acerca da Mecânica Quântica e da consciência não passam de uma espécie de mistificação da espiritualidade, também sem nada de realmente científico.

Analisemos a teoria mais comum em muitos desses livros, que diz que "querendo muito podemos modificar a realidade a nossa volta": imaginemos duas ruas transversais, um cruzamento com um sinal para cada uma, e um motorista em

cada uma delas, dirigindo seus respectivos carros em direção ao cruzamento, ainda um pouco distante. O *motorista A*, usando dessa teoria, pode imaginar que o sinal deve ficar verde enquanto ele está cruzando. O *motorista B* fará o mesmo. Então, o que diabos vai ocorrer? Será que a Natureza irá "medir" quem está "desejando mais forte" que o final fique verde, e julgá-lo o ganhador? Ou pior, será que a Natureza não fará absolutamente nada e ambos se encontrarão em um acidente estúpido? Ou um dos motoristas, reconhecendo "sua falta de fé", irá frear o carro bem a tempo? Qual o "segredo" nessa teoria? O "segredo" é que ela é ilógica, injusta, e portanto não serve nem para a ciência nem para a espiritualidade (tudo bem, muitos espiritualistas até tem uma visão utópica de que "pela fé tudo conseguimos", mas se isso significa prejudicar o direito do próximo, de que vale uma "fé que favorece a injustiça"?).

Nesse sentido verificamos que o ceticismo é uma poderosa ferramenta para que julguemos de forma responsável e justa teorias científicas e espiritualistas. Pode ser que o ceticismo às vezes nos leve a lugares sombrios, mas enquanto estiver baseado na lógica, na ponderação e coerência de pensamento, ainda assim será um poderoso aliado nessa jornada pela selva dos mistérios da Natureza. Nosso facão para cortar as matas da ilusão, mas também para formar uma trilha coesa em direção as maravilhas que a Natureza ainda nos esconde.

Quando a energia gera a si mesma

06.03.09 (da série Reflexões sobre o ceticismo)

Energia: é o potencial inato para executar trabalho ou realizar uma ação.

Quando falamos em energia, as pessoas podem ter as mais variadas concepções. Para um físico energia é "a propriedade (um atributo) de um corpo ou partícula. Não existe sentido em dizer que algo é energia pura"; Já para um devoto de Saint Germain, energia também pode ser "espiritual, com as qualidades de misericórdia, perdão, justiça, liberdade e transmutação, e podemos invocá-la em nome de Deus, para que essas qualidades sejam transmitidas momentaneamente a nós"; Para os que entendem energia como *Ki*, *Chi* ou *Qui*, "ela pode ser associada de um modo bem amplo ao conceito ocidental de energia: diferentes ideogramas com este mesmo som (da pronúncia da palavra '*Ki*') representam em chinês a energia dos alimentos, do ar e a energia pré-natal".

O grande problema das definições não-científicas de energia é que elas são, na grande maioria, pouco específicas acerca do que pretendem definir. São muito mais um conceito, uma idéia, do que parte de um sistema lógico de compreensão do mundo físico. Se a energia é entendida como "potencialidade", não faz mesmo sentido falarmos em "energia positiva" ou "energia negativa" - não é a energia que é positiva ou negativa, mas o uso que fazemos dela. Mesmo essa classificação como positivo ou negativo depende de nossos próprios conceitos do que vem a ser "positivo" e do que vem a ser "negativo"... Interessante que existe uma analogia a isso na ciência: quando falamos em pólos magnéticos positivos ou negativos, estamos usando termos definidos pelos cientistas que servem apenas para definir os pólos que se atraem (opostos) ou se repelem (idênticos).

Então, da mesma forma que poderíamos chamar a energia eólica de "positiva", pois pode nos auxiliar a reduzir o aquecimento global (visto que outras formas de energia contribuem muito mais para o aquecimento do globo), se chamarmos o ódio de "energia negativa", estaremos apenas atribuindo um julgamento a um sentimento humano, sentimento este que pode ser "forte", mas que será sempre "negativo", já que tende a prejudicar ou machucar as pessoas (inclusive a própria pessoa que sente ódio).

Tudo isso é muito filosófico, mas passa longe de uma análise mais cética, que pretende definir com mais clareza o que é energia enquanto conceito científico (um atributo das partículas) e o que são a miríade de energias espirituais: sentimentos, entidades, seres imateriais, forças metafísicas? - Por mais que essas definições embrulhem o estômago de alguns céticos, o ceticismo não pretende ignorá-las, mas apenas compreender o que realmente modifica a nossa realidade física, e o que não passa de mito ou imaginação.

Da mesma forma, para os espiritualistas, compreender a energia de forma científica me parece um bom caminho para classificar melhor as diversas teorias envolvidas, utilizando do ceticismo como ferramenta para julgar quais merecem maior crédito de estudo, e quais se apresentam absurdas de antemão. Se ouvirmos falar em "seres de energia", precisaremos nos perguntar então "de onde vem sua energia"? Toda teoria que diz que a energia gera a si mesma, que é uma entidade in-criada, ou que existe desde o início do Universo, deve ser analisada e re-analisada, pois vai no sentido oposto de muito do que temos observado acerca da Natureza nos últimos séculos...

Não me parece que a consciência, ou alma, ou espírito, seja imaterial. Pelo contrário, diversas teorias espiritualistas modernas, como o espiritismo, ou milenares, como o *I Ching*, afirmam exatamente que a energia vem das coisas em si, não de fora delas, e que não é a energia que opera a matéria, mas a matéria que irradia energia... Se essa matéria interage com a luz (fótons), se já foi detectada em laboratório, se assemelha-se mais a ondas eletromagnéticas do que a partículas determinadas no espaço, aí sim é uma outra história. Porém, essa "outra história" passa a não soar tão absurda a luz de um ceticismo responsável, por mais que possa soar absurda a um materialista convicto.

Como disse Lavousier, "na Natureza nada se cria e nada se perde, apenas se transforma" - Imaginarmos que "raios de energia espiritual" podem se formar no Universo, apontados para nós, porque "de alguma forma os invocamos por nossa fé em Deus", pode até soar confortador e nos ajudar bastante quando estamos nos sentindo depressivos, porém usarmos desses conceitos metafísicos ao pé da letra para explicar os sistemas naturais ao nosso redor me parece um extremo exagero, no mínimo um atentado ao ceticismo.

Por outro lado, continuarmos estudando a consciência humana e outros fenômenos ainda além das cartilhas científicas, valendo-nos do ceticismo, me parece, no mínimo, uma promessa de estudo dirigido pela lógica... Até onde a ciência nos explica a Natureza, saudemos a ciência. Nos limites do horizonte onde ela ainda não chega, valemo-nos da lógica, do bom senso, e de um ceticismo como ferramenta de ajuda, e não de cegueira.

A viagem “mística” de Sagan

09.04.09

Carl Sagan foi um dos maiores divulgadores de ciência da história. Cientista, físico, astrônomo, cético: isso não o impediu de ser um profundo conhecedor de religiões (embora agnóstico), e um ser humano de muita imaginação, além de uma estranha intuição acerca da espiritualidade. No filme *Contato*, baseado no livro homônimo (escrito por Sagan), temos um roteiro adaptado escrito pelo próprio Sagan em parceria com sua esposa, Ann Druyan - O filme fala, dentre outras coisas, sobre uma possibilidade "mais realista" do contato com inteligências extra-terrestres, além de ser o pano de fundo para um interessante debate das relações entre Fé e Razão.

O que irei analisar aqui, entretanto, é o quão enigmático foi Sagan ao descrever a "viagem" realizada pela protagonista (interpretada por Jodie Foster) em direção a uma espécie de "buraco de minhoca dimensional" que a levou a algum canto do Universo, onde ela teve um contato - quase uma espécie de sonho lúcido - com uma inteligência extra-terrestre. Do ponto de vista de seu célebre livro, "O mundo assombrado pelos demônios", podemos afirmar que o próprio Sagan defendia que os relatos "místicos" de encontros com Seres Mitológicos, Anjos e Espíritos estavam nos dias atuais sendo "substituídos" por encontros com ETs - Talvez ele tenha incorporado um pouco dessa sua teoria no roteiro do filme, mas fato é que a viagem "mística" de Sagan nos revela muitos paralelos com idéias espiritualistas profundas:

1. *Uma outra dimensão*: a cápsula que a personagem usa para viajar por um "buraco de minhoca" nos invoca a idéia de uma espécie de viagem dimensional, uma forma desconhecida da ciência atual de entrarmos em contato consciente com outra dimensão, ou outro ponto longínquo do Universo. O fato da viagem necessitar de um veículo no filme não impede a analogia clara com viagens de projeção da consciência e experiências similares.
2. *"Eles estão vivos"*: a personagem verifica que existem civilizações inteligentes em outros planetas. Essa é uma idéia que permeia a humanidade a tempos, e que está longe de ser exclusiva da Ufologia... Afinal, Jesus já dizia que "na casa de meu Pai existem muitas moradas". Muitas teorias espiritualistas sustentam que espíritos habitam diversos planetas em nosso horizonte cósmico. No caso do filme, no entanto, a idéia é claramente ufológica: a vida extra-terrestre é física e não espiritual.
3. *"Um evento cósmico (...) Eu não tinha idéia (de como é bonito) (...) Deveriam trazer um poeta"*: essas falas da personagem ao vislumbrar a imensidão cósmica sustentam a idéia de espiritualidade de Sagan: um sentimento de deslumbramento em relação a Natureza e o Cosmos. Não há referência clara a um sentimento religioso, mas a idéia é tão próxima que praticamente se confunde - e é

exatamente onde Sagan defende a convergência de Fé e Razão, Ciência e Religião, para um objetivo conjunto de edificação moral da humanidade.

4. *O contato é um "sonho"*: ao encontrar seu falecido pai, a personagem logo percebe que estava numa espécie de "sonho lúcido", e que a inteligência extra-terrestre se valeu de sua memória para construir um "ambiente" de comunicação favorável, onde a personagem não tivesse um choque muito grande pelo contato direto com o desconhecido. Aqui a analogia com contatos espirituais é assustadora: as teorias espiritualistas sustentam exatamente que muito do que vivemos em nossos sonhos (ou projeções), quando algumas vezes o espírito se desprende do corpo, é filtrado por nossa consciência ao acordarmos (ou pouco antes disso), e somente algumas memórias persistem - ocorre que o contato com um "mundo desconhecido" poderia ser um choque muito grande para nossa consciência, acostumada a realidade "mundana". Permanece também a analogia de que não importa a "aparência" ou "forma" do ET ou Espírito, e sim sua moral, sua intenção, e a informação a que está autorizado a passar adiante.

5. *"Pequenos passos"*: a personagem pergunta ao ET "o que vai ser daqui para frente?", esperando obviamente uma grande revolução do conhecimento na Terra. Ao que o ET lhe responde que tudo é feito com pequenos passos, e tem sido assim por milhões de anos. No decorrer do filme sabemos que quase ninguém acredita que a personagem realmente entrou em contato com ETs e, portanto, a "grande revolução" se torna apenas "um primeiro passo"... A analogia com os contatos com espíritos superiores (principalmente em conhecimento) não poderia ser mais clara. Muitos céticos se perguntam: "se existem espíritos superiores, porque não aparecem para nós e resolvem nossos problemas? Solucionam nossas dúvidas científicas?" - Ora, exatamente pela mesma razão que a civilização tenta não interceder nas poucas tribos "virgens" das florestas tropicais, pela mesma razão que uma civilização extra-terrestre não iria querer intervir na nossa evolução social, cultural, científica e moral: é que a lei do Universo é clara - pequenos passos, pequenos passos, porém sempre a frente.

A cena (infelizmente só encontrei sem legendas em português):

<http://tinyurl.com/cenacontatosagan>

Nota: Gostaria de deixar claro que essa é *minha interpretação* do filme e dessa cena em específico. Duvido muito que Sagan concordaria comigo, mas não posso deixar de admirá-lo pelo que considero uma "intuição fortuita", principalmente vinda de um homem que foi cético e agnóstico toda a vida. Independente de espíritos existirem ou não, o legado de Sagan merece ser admirado por todos, sem distinção de crenças ou não-crenças...

2012: Nova data marcada

05.05.09

Os cétricos sempre reclamam que as revelações do fim dos tempos nunca estabelecem uma data marcada. Já outros defendem que o fato de várias civilizações no mundo terem apresentado narrações apocalípticas sugere que estas têm uma origem comum e ancestral (supostamente revelada ao homem por um ser dotado de inteligência superior, entre outras teorias) que foi sendo deturpada pela transmissão oral. Esta visão assume, por vezes, um caráter ecológico, ao propor que a mensagem do apocalipse se refere à capacidade que o homem civilizado tem para destruir o mundo.

A literatura apocalíptica tem uma importância considerável na história da tradição *judaico-cristã-islâmica*, ao veicular crenças como a ressurreição dos mortos, o dia do Juízo Final, o céu, o inferno e outras que são ali referidas de forma mais ou menos explícita. O Apocalipse de João, último livro da Bíblia, apresenta a previsão para o fim dos tempos, numa forma de escrita que ironicamente lembra em muito a mitologia pagã. A maior parte do livro é escrita em linguagem simbólica, e, por isso, dá margem a diversas interpretações pelos diversos segmentos cristãos.

Em 130 d.C. Justino, o Mártir acreditava que Deus estaria a atrasar o fim do mundo porque desejava que o Cristianismo se tornasse uma religião mundial. Por volta do Século III a maioria dos profetas cristãos acreditava que o fim dos tempos ocorreria depois de suas mortes. Em 250 d.C. Cipriano, Bispo de Cartago, escreveu que os pecados dos cristãos eram um prelúdio e prova de que o fim dos tempos estava próximo. Alguns, recorrendo às Tradições Judaicas, fixaram o fim das eras na Sexta Idade do Mundo. Usando este sistema, o fim foi anunciado para 202 d.C. mas, quando esta data passou, foi fixada uma nova data. Na época de Clóvis I, considerado o fundador da França e que se converteu ao catolicismo após ser entronizado como rei em 481 d.C., alguns escritores católicos haviam apresentado a idéia de que o ano 500 d.C marcaria o fim do mundo. Depois de 500 d.C., a importância e a expectativa da vinda do fim do mundo ou das eras como parte dos fundamentos do Cristianismo foi marginalizada e gradualmente abandonada. Apesar disso, surgiu um temporário re-avivamento dos temores relacionados com o fim dos tempos com a aproximação do milésimo ano do nascimento de Cristo. Muitos acreditavam na iminência do fim do mundo ao se aproximar o ano 1000... *Pode-se perceber aqui um padrão*. De fato, há relatos de comoção popular ante a iminência do fim dos tempos em praticamente todo final de século desde a época de Jesus. Mais recentemente, a última promessa que tivemos de um "grande desastre mundial" foi chamada de *Bug do milênio*, e apesar de ter sua base em argumentos lógicos, acabou não passando de mais uma previsão que não se cumpriu (o *bug* foi praticamente inofensivo).

Os céticos poderiam então pensar que estavam livres desse tipo de previsão por praticamente mais um século, mas não foi o que ocorreu. A última "moda" em apocalipse se chama "2012":

Em diversas culturas ancestrais o ano de 2012 é marcado nos calendários como o "apocalipse", o "fim do mundo", "o juízo final", "o fim de um ciclo" e, nos mais otimistas, "o ano em que esta era terminará e outra, melhor, será iniciada". Maias, Egípcios, Celtas, Hopis, Nostradamus e diversos profetas, Chineses e Budistas, WebBots, Cientistas e Religiosos das mais diferentes crenças afirmam que algo extraordinário ocorrerá em nosso planeta em 2012 (ou antes). Nunca antes uma data foi tão importante para muitas culturas, para muitas religiões, cientistas e governos.

Na cosmologia Maia, há 5 grandes ciclos, cada um com cerca de 5.125 anos. Quatro já passaram. " Os 4 ciclos anteriores terminaram em destruição. A profecia maia do juízo final refere-se ao último dia do 5º ciclo, ou seja, 21 de dezembro de 2012." diz Steven Alten. Portanto o 5 e atual ciclo também terminará em destruição. O que irá desencadeá-la? A resposta pode estar em um raro fenômeno cósmico que os maias previram a mais de 2.000 anos. "A profecia maia para 2012 baseia-se em um alinhamento astronômico. Em dezembro de 2012, o sol do solstício vai se alinhar com o centro de nossa galáxia. É um raro alinhamento cósmico. Acontece uma vez a cada 26.000 anos" diz John Major Jenkins, autor do livro Maya Cosmogenese 2012.

A cada 26.000 anos o sol se alinha com o centro da Via Láctea. Ao mesmo tempo ocorre outro raro fenômeno astrológico, uma mudança do eixo da terra em relação a esfera celeste. O fenômeno se chama Precessão. A data exata disto tudo é 21 de dezembro de 2012. "A Terra oscila lentamente sobre seu eixo mudando nossa orientação angular em relação a galáxia. Uma precessão completa leva 26.000 anos." diz John Major Jenkins.

O texto dos últimos três parágrafos (destacados em itálico) foi retirado do site porque2012.com, que tem uma extensiva quantidade de informações acerca do assunto. Veja a continuação do texto aqui.

Pois bem, então temos uma nova data marcada para o fim dos tempos... E dessa vez vem "respaldada" por diversas profecias e, mais especificamente, pelo que previu o calendário maia. Não quero aqui discutir a relevância de tais previsões, quero entrar em uma área mais profunda de análise: *será que por "apocalipse" devemos entender realmente um "fim do mundo", ou mesmo uma mudança brusca e radical em nosso sistema de existência?*

Muitos católicos rejeitam a idéia do "fim do mundo", sendo que para eles, a expressão apenas indica um estado de mudança das atuais condições do mundo para condições novas, tal como o mundo já teria sofrido outras metamorfoses no passado. Interpretam a passagem do Evangelho de João, no capítulo 14, versículo 12: *"Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê em mim fará também as*

obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas, porque vou para junto do Pai." como um sinal de constante desenvolvimento e aperfeiçoamento infinito do homem.

Se os católicos moderados são perfeitamente capazes de compreender que a Bíblia, e especificamente o Apocalipse, são livros em sua maior parte escritos em linguagem simbólica, cheios de metáforas comuns a tantos tratados espirituais da humanidade, porque temos a necessidade de criar tanta comoção em torno de um fim do mundo literal, sempre que uma data em específico se aproxima? Seria porque alguns de nós estão cansados do mundo? Seria porque esperamos que "Deus desça e mude o mundo para nós"?

Dentro das teorias espiritualistas reencarnacionistas, temos a distinta idéia de que os seres espirituais vêm e vão deste mundo, como gotas de chuva que caem e depois evaporam de volta aos céus. Segundo esse preceito, é necessário que os seres espirituais vivam inúmeras vidas, interpretem inúmeros papéis de si mesmos, para que apurem lentamente sua moral, seu amor e seu conhecimento. A palavra de ordem, nesse caso, se chama *gradualmente*: nada no universo ou na natureza opera de maneira brusca, radical, do dia para a noite. Assim como foram necessários milhões de anos para a formação da vida na Terra, não foi do dia para a noite que os seres se tornaram conscientes, e não será do dia para a noite que uma nova era de moral, amor e sabedoria se estabelecerá pela Terra.

Sob esse ponto de vista, de certa forma "2012", ou a chamada Nova Era, iniciaram-se a muito tempo, provavelmente na Revolução Francesa. Ou acaso achamos que os princípios universais, que a liberdade, a igualdade e a fraternidade (da frase de Rousseau) estão desde aquela época instaurados no mundo? Claro que não... A evolução moral da humanidade opera lentamente, a passos de tartaruga talvez, mas sempre à frente. Analisando dessa forma abrangente, talvez não tenhamos a expectativa de um fim do mundo repentino e, quem sabe, mais "excitante"... Mas nossa análise moderada talvez se aproxime muito mais da realidade, do que afinal observamos na natureza e no avanço das sociedades.

Existiram decerto civilizações que "sumiram do mapa" de forma brusca. Mas não podemos dizer que isso foi obra do acaso ou da natureza: isso foi antes de tudo obra da ignorância do próprio homem, que sempre exterminou a si mesmo nesse mundo, em busca de riquezas ou de satisfazer teologias tolas... No entanto hoje estamos globalizados. Hoje somos forçados a ver o mundo de forma abrangente. Não podemos mais aceitar que o fim do mundo previsto para um povo será o fim dos tempos de todos nós. Assim como não podemos mais aceitar que Deus traga revelações apenas para um povo, e não para *todos nós que aqui estamos*. Deixemos a natureza seguir o seu curso. O nosso "fim do mundo" sempre decorreu de nossa ignorância da natureza e da teia que encadeia todos os acontecimentos, não apenas aqui, mas em todas as moradas do universo.

(o início do artigo contém textos retirados diretamente da *Wikipedia*)

O caçador de médiuns

17.01.09

"Houdini... Houdini... Houdini..."

Ele estava imerso nas águas de um rio com a superfície congelada. Quando foi jogado por um dos buracos no gelo, estava preso por diversas correntes e cadeados, e trancafiado em um baú. Livrar-se das correntes e sair do baú, mesmo debaixo d'água, foi um dos truques que o fez famoso mundialmente, um dos muitos truques "mágicos" de fuga em que era especialista... Porém, naquele dia Houdini havia desconsiderado a possibilidade da forte correnteza do rio o levar para muito longe do buraco na superfície congelada, por onde deveria sair após se livrar das correntes e do baú, e infelizmente foi o que ocorreu.

Com pouco tempo de consciência em um leito de rio de águas em temperaturas muito baixas, tudo que conseguiu fazer foi achar um "bolsão" de ar entre a superfície da água e a camada de gelo imediatamente acima. Eram alguns centímetros talvez, mas era o suficiente para respirar um pouco. Porém, sem saber em que direção estava o buraco no gelo, Houdini passou a considerar que aquele talvez fosse o seu truque derradeiro: um truque do qual só escaparia com a morte.

Isso foi até ouvir a voz de sua recém-falecida mãe. A voz não era um cumprimento emocionado de um mãe que talvez o estivesse esperando em algum céu, mas uma ordem para que nadasse em direção a ela... E, sem pestanejar, foi exatamente o que o mágico fez: seguindo a voz de sua mãe, encontrou a saída do túmulo de gelo e ainda teve muitos anos de glória pela frente.

Houdini, no entanto, nunca esqueceu o ocorrido. Cético, acreditava que poderia ter "fantasiado" sobre ter ouvido a voz da mãe, mas como então explicar que a voz o direcionou a saída do rio? Como explicar a certeza que sentia em seu íntimo, de que aquela era, sem sombra de dúvida, uma comunicação genuína de sua mãe falecida? - Buscando explicações, Houdini acabou encontrando em Sir Arthur Conan Doyle, célebre criador de Sherlock Holmes, um conselheiro promissor: Doyle era um intelectual, e provavelmente mais confiável do que "espiritualistas em geral".

Através de Doyle, Houdini teve suas primeiras experiências com o espiritismo de fenômenos que era ainda comum na Europa do início do século XX: "experiências com copos", "mesas girantes" ou simplesmente médiuns que "diziam incorporar os mortos". Entretanto, seguindo o próprio conselho do codificador da doutrina espírita, Houdini encarou todas essas pretensas "experiências espíritas" com extremo ceticismo. Com seus conhecimentos célebres de magia e ilusionismo, desmascarou inúmeros charlatões e falsários, a maioria dos quais cobravam por suas "apresentações" (o que é condenado pelo espiritismo). Não precisou de

muito mais do que isso para que Houdini fosse então considerado uma espécie de enganador, desmistificador, ou "caçador de médiuns", principalmente porque desde essa época a mediunidade já era atacada por duas vias: céticos que contestavam a existência de espíritos fora de um corpo, e protestantes que ligavam a mediunidade a "comunicações com demônios".

Doyle, que notadamente não era um cético por excelência, acabou rompendo sua amizade com Houdini. Obviamente que Houdini atacava somente os charlatões, e não os espíritas (que, dentre outras coisas, não cobram nada por sua mediunidade), mas o choque negativo (em relação à mediunidade em geral) que Houdini causava na mídia da época foi o suficiente para que Doyle considera-se afastar-se dele (mesmo o considerando um "grande médium", coisa que o próprio Houdini sempre desmentiu).

Ora, me parece que até aqui essa é uma história ideal para os "céticos de plantão", que aproveitam qualquer mísera oportunidade para atacar o espiritismo. Ocorre que, felizmente (ou infelizmente), esse tipo de "cético" não é muito dado e interpretações mais profundas dos fatos: sim, é óbvio que Houdini vinha desmascarando inúmeros charlatões durante os anos, mas engana-se quem acredita que Houdini fazia isso pelo puro prazer de os desmascarar, ou por alguma consciência de justiça, nada disso, Houdini estava todos esses anos tão somente tentando voltar a se comunicar com a mãe. Aquela experiência do rio *realmente* nunca lhe fugiu da memória: ele tinha a esperança clara de encontrar uma comunicação mediúnica verdadeira, pois sentia que precisava dialogar ainda com a mãe.

Mas, como dizia Chico Xavier, "o telefone só toca da lá para cá". Sem dúvida, Houdini perseguiu uma comunicação mediúnica com a mãe por boa parte da vida, mas ele a buscava pelos motivos errados, motivos egoístas. Mediunidade não é "passe de mágica", nem uma coisa que existe para nos "consolar ou satisfazer os desejos íntimos"; Mediunidade é uma lei natural que permite que espíritos trabalhem em comunhão em ambos os mundos (ou dimensões), e segue uma série de regras estritas (não cobrar é uma delas), todas voltadas para a reforma moral íntima dos médiuns, geralmente através da caridade. Quem vai atrás do espiritismo em busca de uma "comunicação" ou fenômeno espiritual, quase que sempre sairá de um centro espírita desiludido: os espíritos não se prestam a nossas necessidades, os médiuns é que se prestam as deles, de preferência aos espíritos adiantados moralmente que querem tão somente "melhorar a moral na vizinhança cósmica".

Para os céticos que ainda não acreditam que a intenção real de Houdini era ter um novo contato com a mãe, resta-nos a história bastante conhecida que nos conta que, pouco antes de falecer (sua morte foi um tanto banal), Houdini confidenciou a sua esposa (Bess) um código que serviria para que ela interpretasse qualquer comunicação mediúnica após sua morte: caso o pretense médium informasse o código, Bess saberia que era uma comunicação genuína do marido falecido. Meses após sua morte, Bess divulgou na mídia que buscava comunicações do

espírito desencarnado de Houdini, e não sem surpresa, percebeu que a maioria delas era falsa, pois não informava o código. Isso prosseguiu até que um médium chamado Arthur Ford divulgasse o tal código secreto [1]. Posteriormente, para conseguir com que um filme sobre a carreira do marido fosse rodado (o que lhe renderia bastante dinheiro), ela "admitiu" que talvez o tal código pudesse ter chegado a Ford antes de Houdini morrer (mas não deu muitos detalhes além disso, na realidade era "pré-condição" da produtora que Houdini não fosse retratado como "alguém que acreditava na mediunidade genuína", devido a razões óbvias [novamente, duas vias de ataque: céticos e protestantes]).

O fato é que, tendo ou não o tal código sido revelado anteriormente a Ford, Houdini sem dúvida tinha a crença de que era possível a mediunidade genuína (embora, sem dúvida, soubesse que a grande parte dos "médiuns" da época eram fraudes): do contrário, não teria passado boa parte da vida buscando uma nova comunicação com a mãe, e muito menos se daria ao trabalho de criar o tal código para sua esposa.

Para mim, isso demonstra que o ceticismo e a mente aberta são condições ideais para a compreensão da realidade. É muito provável que ainda existam muitos farsantes no campo espiritualista (mesmo entre os que nada cobram, mas buscam atenção, ou sofrem de auto-engano), mas ignorar a realidade espiritual do mundo pode nos limitar certas opções: *será que quando estivermos congelando no leito de um rio escuro, seguiremos a voz que nos ama?*

[1] Provavelmente o médium Arthur Ford teve acesso ao código de alguma forma tradicional (não genuinamente mediúnica), o que compromete a crença de que Houdini realmente se comunicou com a esposa após ter falecido (e dá razão aos produtores do filme). Porém devo dizer que isso continua sendo mera opinião, no cruzamento dos dados é que tenho a tendência a crer na fraude de Ford (nesse caso).

De qualquer forma continua valendo o que afirmei no texto: "O fato é que, tendo ou não o tal código sido revelado anteriormente a Ford, Houdini sem dúvida tinha a crença de que era possível a mediunidade genuína".

Lembrem-se: o paranormal é apenas o natural a ser compreendido pela ciência.

João de Deus: charlatão?

19.02.09

Este artigo visa analisar o fenômeno das cirurgias físicas efetuadas pelo médium João de Deus, a que muitos céticos encaram como charlatão ou fraude. No entanto, independente de aprovarmos ou não tais cirurgias (ao que tudo indica são os próprios pacientes que pedem por elas), devemos aqui analisá-las somente no contexto do pretenso fenômeno "paranormal" em si, sem que para isso deixemos que noções materialistas influenciem nossa visão. Este artigo pretende analisar esse tipo de fenômeno de forma verdadeiramente cética e imparcial.

João de Deus nasceu em 24 de junho de 1942 em Cachoeira da Fumaça, interior de Goiás. Muito pobre, estudou até o segundo ano primário e em seguida abandonou a escola com o intuito de procurar trabalho e ajudar no sustento dos cinco irmãos. As manifestações mediúnicas começaram quando ainda era menino. Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, teve início o seu trabalho de cura. Após uma visão embaixo de uma ponte, foi orientado a procurar um centro espírita na cidade. Lá chegando, foi recebido à porta pelo presidente do centro, que disse já estar esperando por ele. João se aproximou e subitamente desmaiou. Ao acordar, ficou sabendo que, incorporado, havia operado e atendido a diversas pessoas. Desde então não parou mais de realizar trabalhos de cura.

Em 2005 o desmistificador James Randi participou de um programa da rede americana ABC que visava analisar o fenômeno das cirurgias físicas de João de Deus. Apesar de apenas ter visto alguns vídeos sobre essas cirurgias (provavelmente imaginando que não era possível ir até lá e filmar do ângulo que quisesse), ele logo teceu alguns comentários [1] que tem como objetivo desmistificar o fenômeno apresentado, afirmando se tratar de truques de mágica "até mesmo simplórios".

Logo abaixo, iremos contrapor as suposições de Randi com um estudo médico sobre cirurgia espiritual da Associação Médica Brasileira (inclusive baseado em observações das próprias cirurgias de João de Deus) [2], do qual tiraremos algumas citações quando necessário:

1. *Sobre as tesouras enfiadas pelo nariz dos pacientes.*

Randi afirma que isso não passa de um truque de circo bastante conhecido. No entanto, se esquece de que para que o truque funcione, o mágico precisa enfiar o objeto (no caso, algum prego longo e não uma tesoura) no próprio nariz. Não se conhece esse tipo de truque efetuado em outras pessoas não preparadas. Para se conceber que João de Deus faça isso como forma de mágica, seria preciso crer que as dezenas de pessoas operadas todos os dias, incluindo os próprios pesquisadores e repórteres de dezenas de emissoras (incluindo *Discovery* e *BBC*) foram não apenas subornados para compactuar com o "show" de João, mas da

mesma forma treinados na técnica. *Como o próprio Randi admite que apenas algumas centenas de pessoas conhecem a técnica ao redor do globo, ele mesmo se contradiz.*

2. *Sobre os cortes de pele sem sangramento normal.*

João de Deus faz incisões na pele de pacientes e estes não sentem dor e quase não sangram, apesar de não estarem anestesiados (quanto ao não-sangramento, nem se conhece alguma substância química que possa causar tal efeito). Resta a Randi apelar para a explicação através de um truque de mágica mais elaborado, que ele mesmo demonstrou algumas vezes em programas de TV. Randi esquece, porém, que para tais truques funcionarem precisamos de: (A) Posição específica da câmera, proibindo certas angulações de filmagem; (B) Colaboração e participação do paciente; e (C) Espelhos, pele falsa e outros elementos de tecnologia específica da mágica. Ou seja, (A) é refutado, pois podemos filmar as cirurgias por qualquer ângulo, inclusive circundando o médium e o paciente; (B) é refutada pelo mesmo motivo da citação #1 acima; e (C) é refutada, pois até hoje não se encontrou nada parecido no "santuário" do médium.

Também vale citar a pesquisa da AMB: "*As cirurgias são reais, mas, apesar de não ter sido possível avaliar a eficácia do procedimento, aparentemente não teriam efeito específico na cura dos pacientes.*"

3. *Sobre as "raspagens de olho".*

João de Deus efetua "raspagens" de um dos olhos dos pacientes utilizando nada mais que a própria mão e uma faca de cozinha não esterilizada. Randi, não tendo muito a acrescentar ao assunto, admite que "*seria impossível tocar a córnea do paciente sem uma reação adversa imediata* (como piscar ou se afastar) do mesmo, exceto por meio de uma anestesia local aplicada sem que o paciente saiba". Bem, como não está provado que exista qualquer tipo de anestesia aplicada, e João opera dessa forma a décadas, fica difícil imaginar que se trata de fraude.

Voltando a citar a pesquisa da AMB: "*As cirurgias e raspados são reais e os materiais extraídos são compatíveis com o local de origem.*"

4. *Sobre a ausência de dor nos procedimentos citados em #1 a #3.*

Randi afirma que as "vítimas" podem estar em um "estado de choque" referente ao trauma, e que por isso não sentem dor no momento, mas podem vir a sentir alguns minutos depois. Ele afirma que a "câmera não continuou filmando o paciente, então não podemos saber" - Aqui se torna evidente que Randi se expõe ao ridículo por fazer tantas suposições sobre um fenômeno que mal conhecia. É muito simples encontrar no *YouTube* diversos vídeos dessas cirurgias onde fica atestado que os pacientes não sentem nenhuma dor, mesmo horas depois. O mesmo vale para diversos documentários, como os da *Discovery* e *BBC*.

Na pesquisa da AMB, dos 10 casos estudados, apenas uma paciente sentiu dor em uma incisão mamária com retirada de fragmento (pretensamente um nódulo benigno), mas não foi relatada uma dor forte, como seria de se esperar normalmente.

5. *Sobre a ausência de infecção (hospitalar).*

Em décadas de cirurgias físicas sem a instrumentação, anestesia e assepsia adequados, nunca foi constatado um caso sequer de infecção hospitalar nos pacientes de João de Deus, independente de ter havido cura ou não no tratamento espiritual. Randi aqui apela para a explicação "de que nem todos os procedimentos invasivos realmente cortam completamente o tecido da pele (como um ferimento exposto), e isso poderia explicar a ausência de infecções". Randi mal sabia que João também faz cirurgias extremamente invasivas, apenas estas são mais raras.

Em todo caso, a pesquisa da AMB estudou algumas dessas cirurgias invasivas, e mesmo assim confirmou que não houve casos de infecção: "não há utilização de técnica asséptica ou anestésica, mas não foi detectada nenhuma infecção e apenas um paciente referiu dor."

6. e 7. *Sobre os "trances" em que o médium "entra em contato com espíritos" e sobre as recuperações e curas reportadas por pacientes.*

Não queremos aqui analisar a crença de Randi em si. Obviamente, como cético, ele não pode conceber uma explicação espiritual para esse tipo de fenômeno. Não criticamos aqui o ceticismo de Randi, *mas o exaltamos e reafirmamos: cada um deve crer naquilo que quiser*. O problema está no julgar sem saber, como ficou claro nesse caso. Julgar fraude de antemão um fenômeno mal estudado, apenas porque vai contra sua crença (ou descrença). Nesse ponto, o ceticismo de Randi é obviamente falho. Não tiramos seu mérito de desmistificar diversos charlatões pelo mundo, mas lamentamos sua falta de critério para com esse caso em específico. Sobre as curas comentaremos a seguir.

"Médico não promete cura, promete tratamento"

Essa frase, que ouvi do célebre e amoroso médico Patch Adams (que é inclusive ateu), resume muito do que devemos considerar acerca desse tipo de cirurgia ou tratamento. Vale mencionar que "assim como outros cirurgiões espirituais brasileiros, João Teixeira afirma que as cirurgias são completamente dispensáveis, podendo os espíritos atuarem diretamente sobre os pacientes. Mas estes necessitariam ver as curas sendo realizadas no corpo físico para se convencerem da realidade do tratamento" (novamente citando a pesquisa da AMB), ou seja, lembrando Hipócrates, podemos também afirmar que "tuas forças naturais, as que estão dentro de ti, serão as que curarão suas doenças" - ou seja, entenda-se como quiser, que "a fé cura" ou que "o efeito placebo cura", o importante é que alguma espécie de cura (ou melhoria) ocorre para quem se mantém confiante e otimista, e isso é fato mesmo na medicina tradicional.

Falando do ponto de vista espiritualista, me parece óbvio que o ideal seria que João parasse com esse tipo de cirurgia física. É difícil dizer até que ponto elas lhe auxiliam em sua jornada de caridade, e até que ponto apenas lhe trazem uma exposição indesejada na mídia mundial. Decerto, é claro, lhe traz muitos inimigos céticos, que chegam até a classificá-lo como "açougueiro". Obviamente que, num

estudo mais detalhado, como o da AMB, percebemos a realidade de suas cirurgias, e o bem (direto ou indireto) que produz em seus pacientes.

Mas o fato é que, mesmo de acordo com o próprio João, as cirurgias físicas são desnecessárias para o tratamento. A matéria espiritual é fluida, e como tal, não se opera por mãos físicas, mas antes pelas mãos sutis do pensamento, ou pelo menos é mais ou menos como os espiritualistas compreendem o fenômeno em si. Nada mais sóbrio do que optar pela eventual redução desse tipo de cirurgia, até que não mais seja realizada, mesmo que as pessoas continuem lhe pedindo para tal.

Também vale lembrar que João opera gratuitamente a décadas, e que por mais que a "venda de remédios naturais a 10 reais" e o turismo da região possa até lhe trazer certa renda, não seria suficiente para garantir o funcionamento de seu "santuário", e toda a caridade que provém dele (incluindo doação de comida e alojamento aos mais necessitados, etc.). Portanto João, como todos nós, depende da caridade, mas além de depender dela, também a realiza, em abundância. Julguemo-no por sua obra.

Conclusão final da pesquisa da AMB

"Pode-se concluir que as cirurgias estudadas e os materiais extraídos são reais, não há utilização de técnica asséptica ou anestésica, mas não foi detectada nenhuma infecção e apenas um paciente referiu dor. Como não houve identificação de fraudes, o fenômeno necessita de posteriores estudos para a explicação adequada da analgesia, da não-infecção, avaliação da eficácia e por quais mecanismos a suposta cura poderia ocorrer, pois as cirurgias em si aparentemente não conduziram a esse resultado, já que usualmente não extraem tecidos patológicos.

Como vários autores relatam benefícios com os tratamentos espirituais, é fundamental um melhor conhecimento dos mecanismos e eficácia das curas espirituais. Isso possibilitaria a adaptação das formas úteis como terapias complementares à medicina ocidental, bem como desencorajaria os procedimentos danosos ou inúteis. A discussão séria de um tema não requer que compartilhem as crenças envolvidas, mas que tomemos suas implicações seriamente e não subestimemos as razões pelas quais tantas pessoas se envolvem. *Nem a crença entusiasmada ou a descrença renitente ajudarão os pacientes ou o desenvolvimento da medicina*".

[1] Veja os comentários de Randi neste link: <http://tinyurl.com/randijohnofgod>

[2] Veja o conteúdo completo da pesquisa da AMB neste link: <http://tinyurl.com/ambjoaodedeus>

Reações a João de Deus

08.05.09

Quando soube de João de Deus pela primeira vez confesso que não fiquei muito entusiasmado. Meu interesse não era exatamente nas suas práticas de cirurgias espirituais, mas sim na "fama" que adquiriu fora do país: conheci-o antes através da *Discovery Channel* do que qualquer veículo nacional de mídia... E não para por aí: *BBC*, *National Geographic*, *ABC* e diversos outros canais estrangeiros já produziram diversas reportagens e documentários sobre ele. Não se trata de um "apelo à multidão", pois certamente não creio que apenas por que centenas de pessoas o visitam todos os dias ele seria um grande médium, ou mesmo que suas cirurgias espirituais realmente favorecessem a cura das enfermidades dos pacientes; Mas me parecia um caso curioso que um médium brasileiro houvesse alcançado certa "fama" antes fora do país do que dentro, considerando-se que o espiritismo é muito mais difundido aqui do que lá fora. Além disso, obviamente o fato de João de Deus *tratar de forma inteiramente gratuita* me fez continuar a estudá-lo de forma séria.

Então soube que o médium se considera católico (às vezes, "incorporado" ele se diz espírita, mas na maioria das vezes se diz católico) e que admitia abertamente que as cirurgias físicas, invasivas, não faziam qualquer diferença no tratamento em si, que era totalmente fluido - tratava somente da "matéria espiritual" e não envolvia cortes (apenas em casos de catarata, as "raspagens de olho" fazem parte do tratamento em si, segundo o próprio médium). Ou seja: as cirurgias físicas serviam apenas para "aumentar a fé" dos pacientes, fazendo-os crer que o tratamento espiritual, invisível aos olhos, poderia funcionar (cabe lembrar que segundo o espiritismo cirurgias físicas e "incorporações" totais são *amplamente desaconselhadas* e não fazem parte dos estudos originais da doutrina, com Kardec).

A essa altura eu estava quase convencido que se tratava de charlatanismo: me parecia uma idéia idiota arriscar a saúde das pessoas apenas para que elas "possam ter maior fé no tratamento"... Inclusive considerando que João de Deus nunca cursou medicina, operava com aparelhagem tosca (ex: faca de cozinha), sem assepsia e sem anestesia! No entanto, pesquisando um pouco mais descobri que na verdade apenas uma pequena parte de seus pacientes faziam tais cirurgias, e as faziam porque pediam, não porque o médium recomendava que fizessem. Ou seja: os que não "conseguiram crer o suficiente" no tratamento espiritual, pediam por uma espécie de "placebo físico" para aumentar sua fé no tratamento. Além disso, em décadas desse tipo de operação, nunca houve caso de infecção ou piora grave de condições de saúde dos pacientes, ainda que isso desafiasse a ciência convencional.

Menos mal, pelo menos aos meus olhos o médium deixou de ser uma espécie de "açougueiro irresponsável" e passou a ser, talvez, um "pequeno charlatão" que

visava apenas aumentar a fé das pessoas no tratamento espiritual (independente de ser efeito placebo ou não, fato é que o resultado de um tratamento em que temos fé tem maiores chances de ser positivo)... Mas, novamente, eu ainda não dispunha de informação suficiente - pesquisei sobre evidências das cirurgias físicas serem ou não fraudes. Para mim surpresa, encontrei um estudo da Associação Médica Brasileira atestando que as cirurgias eram reais! Apesar de inteiramente inconclusivo acerca da eficácia do tratamento em si, a AMB provou que as cirurgias não eram fraudes.

A partir da posse dessas informações, e considerando que não nutro pessoalmente nenhuma admiração especial ou repulsa para com João de Deus, me pareceu que utilizar esse estudo da AMB em discussões no *orkut* seria uma excelente maneira de verificar uma amostragem de moderados, em oposição aos radicais, como céticos que negam qualquer prática espiritualista de antemão, ou evangélicos que as relegam a "obra de Satanás"... O fato do médium se dizer católico era ainda um detalhe relevante para observar a reação dos católicos a tais informações.

Não vou citar nomes porque não vem ao caso (cada pessoa analisada será chamada por uma letra: "A", "B", "C", etc.). Abaixo segue um breve resumo da reação de certas pessoas as práticas de João de Deus e ao estudo da AMB que *comprovou* que as cirurgias são reais:

A

Caso clássico de cético com repulsa a qualquer prática espiritualista, que considera tudo "repugnante" e "obviamente fraudulento" de antemão. Apesar de ter conhecimentos avançados em ciência e filosofia, portou-se grosseiramente, apelando sempre que possível a ataques pessoais a minha pessoa (lembrando que eu estava apenas passando às informações adiante e deixava claro que não concordava com as cirurgias invasivas). Até o final do debate, sustentou que a pesquisa da AMB era também uma fraude, e que a totalidade dos canais estrangeiros que realizaram documentários sobre João de Deus estavam sendo "subornados" por agências de turismo que planejavam trazer europeus e americanos ao Brasil (mais precisamente a uma remota cidade do interior de Goiás). Mesmo a *BBC*, notoriamente um canal que prima pela isenção de suas fontes, ficou no mesmo "bolo do suborno".

B

A princípio parecia um cético mais moderado, mas quando "ouviu falar" em espiritismo partiu para o ataque pessoal, me acusando de ser apenas "mais um crente espírita" (além do que disse acima para "A", aqui também deixei claro que não sou espírita, minha religião é meu pensamento). Apesar de eu ter dito inúmeras vezes que não defendia a prática de cirurgia invasiva, até o fim do debate ignorou solenemente essa informação, e parecia convencido que eu era "um ardoroso defensor de João de Deus", e que ele era "meu herói". Pesa a seu favor pelo menos a atitude moderada de reconhecer que o estudo da AMB era válido e que as cirurgias eram de fato reais.

C

Uma reação genuinamente cética: admitiu que o estudo da AMB era válido sem "espernear" nem apelar a qualquer tipo de ataque pessoal. No entanto, fez questão de ressaltar o que a própria AMB diz: que o estudo é inconclusivo acerca da eficácia do tratamento em si. Atribuiu todo tipo de cura por tratamento espiritual ao efeito placebo, porém não soube seguir adiante de forma sólida quando lhe indaguei sobre "o que era *exatamente* o efeito placebo?". Apesar de obviamente ser desfavorável as práticas do médium, portou-se de forma exemplar dentro de um ceticismo genuíno e responsável.

D

Católico extremamente cético (se é que isso possa fazer sentido a você), a princípio ironizou e fez chacota acerca das informações trazidas, como é de seu costume em relação a qualquer temática espírita... Porém, talvez por ter descoberto que o médium se dizia católico, procurou investigar mais (nessa época não tinha achado ainda o estudo da AMB). Mesmo antes da comprovação da AMB, admitiu que "era um caso misterioso" e que a princípio não se tratava de charlatanismo (inclusive porque o médium não cobra pelo tratamento). Alguns meses depois, após analisar o estudo da AMB, admitiu que as cirurgias são mesmo reais e que "alguma coisa desconhecida da ciência convencional" estava ocorrendo. Não apelou para ataques pessoais, mas deixou como sempre bem claro que "não acredita em espíritos desencarnados".

E

Evangélico "semi-radical", ignorou por completo as informações e vídeos postados e resumiu o assunto dizendo que "era apenas mais um charlatão espírita"... Interessante que não tenha aproveitado a deixa para atribuir suas práticas a influência de Satanás na Terra.

F

Espírita admirador de João de Deus, que inclusive já foi tratado por ele e costuma postar avisando de eventuais documentários na TV brasileira (como o SBT Repórter), a princípio não gostou do meu artigo "João de Deus: charlatão?" (este artigo está imediatamente acima deste), afirmando que "estava muito cético" e que "não destacava o aspecto moral e o amor emanado pelo médium e seus seguidores"; Expliquei que se tratava de um artigo direcionado a todos, espíritas e não-espíritas, céticos e não-céticos, e então ele admitiu "que pode ajudar, mas que duvidava muito que algum cético iria admitir que João de Deus operava milagres"... Na verdade nem mesmo eu afirmo que o médium "opera milagres", o que quer que ocorra em suas operações, deve ter uma explicação física plausível, apenas ainda não compreendida devidamente pela ciência convencional.

G

Livre-pensador e admirador da Logosofia, manteve-se à parte dos debates e apenas me aconselhou a "procurar saber por mim mesmo se as práticas espirituais do médium são reais e consistentes", e não "confiar em documentários

e pesquisas apenas, ainda que sejam genuinamente científicas". Trata-se sem dúvida de um conselho válido. Quero aqui deixar claro que nunca visitei João de Deus pessoalmente e que *não o defendo nem o repudio*, e que por isso mesmo me pareceram honestas e pertinentes as análises acima.

Conclusão

Os médicos que realizaram o estudo pela Associação Médica Brasileira provavelmente não são espíritas, mas somente seu interesse em estudar a chamada medicina alternativa com maior cuidado já aponta uma tendência clara na medicina atual, de se tornar pelo menos um pouco mais receptiva a terapias complementares como acupuntura, homeopatia, "tratamento espiritual", etc.

O fato de terem comprovado que as cirurgias são reais *de forma alguma prova como eficaz ou ineficaz o tratamento espiritual* oferecido por João de Deus. Porém, pelo fato de ele atender gratuitamente e as pessoas o procurarem por livre e espontânea vontade, devemos evitar ataques sem base a sua idoneidade. Vale destacar novamente o estudo da AMB: "Nem a crença entusiasmada ou a descrença renitente ajudarão os pacientes ou o desenvolvimento da medicina".

Placebo-Nocebo

23.06.09

Hipócrates, pai da medicina, dedicou sua vida ao estudo de formas racionais para o tratamento de doenças. Era avesso à superstição e as práticas de "barganha" com os deuses em busca de curas milagrosas. Dizia que "tudo acontece conforme a natureza", a cura "está ligada ao tempo e às vezes também às circunstâncias", e por isso mesmo nenhum médico poderia prometer cura, e sim tratamento: "Tuas forças naturais, as que estão dentro de ti, serão as que curarão suas doenças".

A medicina moderna, no entanto, parece ter a tendência a analisar o corpo como uma máquina. Fascinados pelos avanços da tecnologia, talvez tais médicos pensem que a maquinaria avançada possa fazer todo diagnóstico e tratamento quase que no "piloto automático", e que eles devem tão somente estar muito bem informados acerca das últimas descobertas das ciências médicas... Acupuntura? Homeopatia? Medicina-alternativa? Relação amorosa entre médico e paciente? Tudo isso se resume a pseudociências que não tem quase nenhum efeito no tratamento como um todo. Os poucos que admitem algum efeito, o colocam na conta do fenômeno placebo-nocebo.

Em qualquer tratamento farmacológico, os efeitos terapêuticos relacionam-se a dois tipos de fatores: *específicos* (dose, duração, via de administração, farmacodinâmica, farmacocinética, interações medicamentosas, etc.) e *não específicos* (história e evolução natural da doença, regressão à média, aspectos sócio-ambientais, variabilidade inter e intra-individual, desejo de melhora, expectativas e crenças no tratamento, relação médico-paciente, características não-farmacológicas do medicamento, etc). O fenômeno placebo-nocebo faz parte destes últimos.

Etimologicamente, o termo placebo se origina do latim *placeo*, *placere*, que significa agradar, enquanto o termo nocebo se origina do latim *nocere*, que significa infligir dano. De forma generalizada, entende-se efeito ou resposta placebo como a melhoria dos sintomas e/ou funções fisiológicas do organismo em resposta a fatores supostamente inespecíficos e aparentemente inertes (sugestão verbal ou visual, comprimidos inertes, injeção de soro fisiológico, cirurgia fictícia, etc.), sendo atribuível, comumente, ao simbolismo que o tratamento exerce na expectativa positiva do paciente.

Para muitos céticos, basta taxar toda melhora ou cura efetiva conseguida através de tratamentos da medicina-alternativa como efeito placebo (como é mais conhecido o fenômeno) para se livrarem, como que num piscar de olhos, do problema de ter de explicar tais fenômenos fora do âmbito científico tradicional. Ora, mas não basta apenas classificá-los como placebo, é preciso compreender o que *exatamente* é o fenômeno em si. Do contrário, ficará parecendo, para quem tem a compreensão um pouco mais profunda, que os céticos estão apenas

afirmando algo como: "Não fazemos a menor idéia de como isso ocorre, mas é um efeito que chamamos de placebo, e por enquanto basta-nos saber disso." - Ou seja, é a mesma coisa que não afirmar objetivamente nada.

Felizmente, também há céticos que se aprofundam um pouco mais no problema: "Médicos em um estudo eliminaram verrugas com sucesso, pintando-as com uma tinta colorida e inerte, e prometendo aos pacientes que as verrugas desapareceriam quando a cor se desgastasse. Em um estudo de asmáticos, pesquisadores descobriram que podiam produzir a dilatação das vias aéreas simplesmente dizendo às pessoas que elas estavam inalando um bronco-dilatador, mesmo quando não estavam. Pacientes sofrendo dores após a extração dos dentes sisos tiveram exatamente tanto alívio com uma falsa aplicação de ultra-som quanto com uma verdadeira, quando tanto o paciente quanto o terapeuta pensavam que a máquina estava ligada. Cinqüenta e dois por cento dos pacientes com colite tratados com placebos em 11 diferentes testes, relataram sentir-se melhor - e 50 por cento dos intestinos inflamados realmente pareciam melhores quando avaliados com um sigmoidoscópio." - Tudo isso foi retirado de um artigo cético sobre o assunto.

Um dos maiores placebos da história é aquele que diz que a vitamina C evita resfriados. Quem não toma vitamina C para evitar resfriados? Quem não conhece alguém que toma? No entanto, tudo indica que qualquer melhora nesse sentido é causada muito mais por nossa crença na melhora do que por algum fator químico da própria vitamina C. Então, após todos esses anos, será que ninguém parou para se perguntar: "Então se a vitamina C não trata a gripe comum, o que diabos trata?"

Não sabemos exatamente como o fenômeno funciona, mas temos quase certeza que seu mecanismo passa pela mente. Nesse sentido, se faz necessário voltar os olhos para a milenar medicina oriental, e sua defesa de que praticamente toda doença tem origem na mente, ou no espírito, sendo o efeito físico apenas o estágio final de um processo que conhecemos muito pouco na chamada "medicina moderna". E não seria extremamente desconcertante descobrirmos que, talvez no final, a medicina altamente tecnológica esteja apenas queimando dinheiro em tratamentos avançados para doenças que poderiam ser evitadas de formas um tanto mais simples, humanas, econômicas? Ora, era Hipócrates quem dizia que são nossas próprias forças quem curam nossas doenças, o tratamento visa principalmente, estimular nosso ânimo para a melhora... Ou, em outras palavras, "mente sã, corpo sã".

A acupuntura, por exemplo, é amplamente utilizada na veterinária. Porque ninguém questiona a acupuntura veterinária, mas questiona a acupuntura em humanos? O princípio do tratamento não é o mesmo? - Obviamente que a medicina-alternativa não serve para todo tratamento, e nem deve ser utilizada em substituição a convencional, mas em sua complementação. Na saúde pública brasileira, por exemplo, há relatos de experiências de substituição de analgésicos (para a dor) por seções de acupuntura, com enorme sucesso: os analgésicos

saem muito mais caro, e se as pessoas conseguem deixar de sentir dor apenas com acupuntura, isso é uma economia imediata da verba pública. Além disso, a acupuntura tem bem menos contra-indicação do que a grande maioria dos remédios [1].

Patch Adams, um dos maiores médicos de nosso tempo, é provavelmente quase que ignorado nos grandes centros acadêmicos. Mas sua terapia do amor é uma enorme esperança para os que defendem que a medicina seja humanizada, e passe a utilizar a tecnologia em seu favor, e não continue como que sendo utilizada pela tecnologia, confundindo homens com máquinas. Seria injusto generalizar e afirmar que toda doença tem cunho psicológico, e que nosso humor é o único responsável por nossas enfermidades. Por outro lado, sabemos que a dor é vital para a melhora, e que sem a capacidade de sentir dor, provavelmente estaríamos extintos a muito tempo. Ora, existem dores de origem claramente física, como a dor decorrente de uma contratura muscular, ou de um vírus transmitido por um mosquito, por exemplo... Mas em relação à grande maioria das dores que nos acometem na vida, não podemos afirmar se são apenas físicas, ou emocionais - e, se forem primordialmente emocionais, psicológicas, mentais, é da mente que devemos tratar primeiro, e não do corpo. Do contrário, corremos o risco de ficarmos tal qual aqueles que tentam tapar a luz do Sol com a peneira, ou retirar água do poço com um balde furado.

[1] Estudos recentes chegaram inclusive a resultados curiosos onde a acupuntura "falsa" obteve resultado mais positivo do que a medicina tradicional, e tão positivo quanto a acupuntura "real". Fonte: Acupuntura "falsa" supera medicina comum em teste (Folha de S.Paulo). Veja o link: <http://tinyurl.com/acupunturafolha>

Artigos científicos recomendados:

Bases psiconeurofisiológicas do fenômeno placebo-nocebo: evidências científicas que valorizam a humanização da relação médico-paciente. Veja o link: <http://tinyurl.com/ambplacebo>

Acupuntura: bases científicas e aplicações. Veja o link: <http://tinyurl.com/ambplacebo2>

Da Existência

Há vagas no céu

03.07.09

O sociólogo Domenico de Masi defende uma abordagem mais lúdica e prazerosa do trabalho. Segundo ele, não é próprio da espécie humana gostar de trabalhar, e os tempos modernos nos trazem a possibilidade de que todos trabalhem meio expediente, ganhando menos mas nos dedicando mais ao tempo ocioso de forma criativa, e principalmente abrindo mais vagas para quem está desempregado. Domenico apontou um ponto de convergência em todas as religiões: em nenhuma delas se trabalha no Paraíso. "Tenha o Paraíso sido criado por Deus, tenha sido inventado pelos homens, se o trabalho fosse um valor positivo, no Paraíso se trabalharia", afirma.

Especulam os analistas que em uma década terá havido uma verdadeira revolução na forma como encaramos o trabalho, como informa este trecho da interessante reportagem da revista Galileu de Julho de 2009:

"Para começar, esqueça essa história de emprego. Em dez anos, emprego será uma palavra caminhando para o desuso. O mundo estará mais veloz, interligado e com organizações diferentes das nossas. Novas tecnologias vão ampliar ainda mais a possibilidade de trabalhar ao redor do globo, em qualquer horário. Hierarquias flexíveis irão surgir para acompanhar o poder descentralizado das redes de produção. Será a era do trabalho freelance, colaborativo e, de certa forma, inseguro. Também será o tempo de mais conforto, cuidado com a natureza e criatividade.

A globalização e os avanços tecnológicos (alguns deles já estão disponíveis hoje) vão tornar tudo isso possível. E uma nova geração que vai chegar ao comando das empresas, com uma presença feminina cada vez maior, vai colocar em xeque antigos dogmas. Para que as empresas vão pedir nossa presença física durante oito horas por dia se podem nos contatar por videoconferência a qualquer instante? Para que trabalhar com clientes ou fornecedores apenas do seu país se você pode negociar sem dificuldades com o mundo inteiro? Imagine as possibilidades e verá que o mercado de trabalho vai ser bem diferente em 2020. O emprego vai acabar. Vamos ter que nos adaptar. Mas o que vai surgir no lugar dele é mais racional, moderno e, se tudo der certo, mais prazeroso."

Por ocasião dos eventos de minha vida, tenho trabalhado de casa (ou *home office*, como queiram chamar) aproximadamente desde 2005. Moro em Mato Grosso do Sul e trabalho para uma empresa do Rio de Janeiro - no entanto, o fato de trabalhar com web talvez explique o fato de eu ter, sem querer, "chegado mais cedo ao futuro". De qualquer forma, fato é que existem vantagens e desvantagens de se trabalhar de casa. Entre as desvantagens temos, principalmente, a falta de contato humano, a sensação de se estar "o dia todo enfurnado em casa", e uma maior cobrança e desconfiança de quem lhe pede o trabalho - afinal eles não estão do seu lado para ver o que está fazendo. Entre as vantagens temos, principalmente, um ambiente com menos stress para se trabalhar, o fato de não precisarmos nos deslocar fisicamente pela cidade e evitar o trânsito, e a possibilidade de desenvolver a disciplina e a qualidade do trabalho - o que reduz a desconfiança de quem lhe contrata quanto a este método ainda heterodoxo no país. Em relação a esta breve descrição, tenho duas dicas importantes: a primeira é que uma ida a cafeteria após o almoço é psicologicamente essencial, pois evita a sensação de estarmos o dia todo em casa, e faz com que vejamos o sol, vejamos pessoas, etc; a segunda é que a disciplina é vital: sem ela, ou sem a intenção genuína de desenvolvê-la, é praticamente impossível manter um emprego à distância (a não ser que o seu empregador seja realmente disperso).

Mas retornemos ao Paraíso de Domenico: será que, como ele afirma, todas as religiões compreendem que não há trabalho no céu? Não é preciso ser muito estudioso de teologia para encontrar diversos autores, e mesmo doutrinas religiosas, que defendem que há sim trabalho no céu, inclusive porque este "céu" seria, antes de mais nada, uma condição conquistada por nossa própria consciência e paz de espírito. Ora, diz-se que Deus trabalhou por alguns dias para construir todo o Cosmos, e depois descansou - mas será que ele está até agora "sentado no trono", esperando-nos para ficar lá, parados, admirando-o em êxtase por toda a eternidade? É esta a "mais profunda idéia de perfeição" que conseguimos extrair do entendimento de Deus?

Eu posso falar por mim: se entendemos toda a natureza como um sistema construído e mantido por Deus, isso significa que ele não só trabalhou naqueles dias iniciais, como decerto nunca "descansou", nunca deixou de trabalhar - afinal, as simetrias espaciais e temporais do Cosmos estão aí para nos provar isso. Se sábios disseram que "o trabalho dignifica o homem" e que "devemos ser julgados por nossas obras", porque esperar que justamente o Paraíso, *justamente o Reino de Deus*, seja um jardim onde ninguém precisa aparar a grama? Será que não existe jardineiro no céu?

Acredito eu que há duas idéias para o trabalho. Para uns, o trabalho é tudo o que fazemos para garantir o sustento e a manutenção material, uma espécie de mal necessário, talvez mesmo uma "escravidão consentida", para que possamos desfrutar de nosso tempo livre. E, como "tempo é dinheiro", marchamos apressadamente, como formigas desnorteadas em um grande formigueiro humano; Trabalhamos apressadamente, comemos apressadamente, interagimos

com as pessoas (e conosco mesmo) apressadamente. Tudo para que, lá no final, percebamos que vivemos também apressadamente: todo nosso "tempo livre" escorreu pelas mãos, e ao invés de termos realizado obras das quais nos orgulhar, tudo o que conquistamos foi, quando muito, números em uma conta bancária.

Já para outros, e talvez sejam hoje a grande minoria, o trabalho é uma obra viva. É a essência do que são, o grande objetivo de estarem por aqui. Não trabalham para acumular migalhas eletrônicas em uma tela de *home banking*, mas para realizar algo, e de preferência contribuir para que a comunidade, a cidade, o país, enfim - para que *toda a humanidade* realize algo de bom. Estes não vêem a sua frente chefes carrascos ou gerentes mesquinhos, mas apenas seres, com maior ou menor ignorância, que tocam a vida da melhor forma possível. Não trabalham para eles, não seguem ordens: trabalham para si mesmos, e para o mundo. Da mesma forma, não vêem os que lhe estão abaixo na escala salarial como seres inferiores, mas apenas como seres iguais a ele, *realmente iguais*, e extremamente importantes no contexto do sistema global. Se não existissem lixeiros, nossa vida seria um lixo. Se não existissem condutores, não sairíamos do lugar. Se não existissem pequenos comerciantes, não teríamos onde comprar. Ou seja: não é uma lógica tão difícil de ser compreendida.

Foi preciso a grande ameaça do aquecimento global para que finalmente o mundo empresarial se conscientiza-se de que a ecologia deve fazer parte do objetivo a médio e longo prazo de toda empresa. É um tanto desalentador que a humanidade ainda precise de pressões do *sistema-natureza* para que volte a caminhar na passada correta. Mas, se somos realmente um bando de preguiçosos ansiosos por achar um céu onde encostar, pelo menos a natureza nos demonstra que ainda pode, talvez por mais algumas décadas, nos esperar para essa caminhada conjunta. Deste trabalho conjunto entre *homo sapiens* e natureza, há muito mais a se comemorar do que temer. Afinal, se o homem não destruir a si próprio, é bem possível que saia dessa crise compreendendo enfim que em todo o Cosmos, em todas as suas infinitas moradas, tudo o que há é trabalho!

Será que, quando chegarmos enfim ao céu, não serão os jardineiros os grandes beneficiados? Para eles, haverá sempre vaga no céu. Para todos os outros, talvez tenham de retornar para a terra e arranjar outro trabalho. Pois que se Deus trabalha sem cessar, ele não poderia esperar que entrássemos em seu Reino de outra maneira que não de mãos dadas, cada qual sabendo sua divina função a empenhar, cada qual compreendendo que embora não passe de mais uma formiga do imenso formigueiro divino, não deixa de ser essencial para Deus, e para todo esse sistema infinito.

Tudo que sei é que nada sei

10.02.09

O célebre sábio antigo, Sócrates, nem sempre havia sido conhecido por sábio. De fato, chegou a servir como soldado e constituir família, como tantos outros atenienses. Foi somente quando leu no oráculo em Delfos o "conhece-te a ti mesmo" que teve um insight, uma iluminação interior, e resolveu dedicar o final de sua vida ao autoconhecimento.

Porém, me parece interessante que não tenha se isolado para se auto-conhecer, tanto oposto disso: preferiu dialogar com jovens atenienses, e através desses diálogos pode não somente conhecer-se melhor, mas também aprender a complexa arte de julgar "quem é sábio, e quem apenas se julga sábio".

Freqüentemente, os ditos "sábios" se entrincheiram no cume de sua suposta sabedoria, e passam a atacar todos aqueles que, ao aproximar-se, demonstram certa ignorância. Dizem eles: "Você não é digno de estar entre nós, é muito ignorante." - "Vá estudar o básico de filosofia, ciências e política, depois retorne." - "Para mim é um suplício ter de dialogar com alguém tão ignorante." - ou ainda "você está além de qualquer salvação, nunca poderá ser um sábio como nós."

Ora, e o que Sócrates descobriu? Que os ditos "sábios", nada mais eram que seres cheios de idéias pré-concebidas, ou tanto pior, conceitos monolíticos que não admitiam diálogo, verdadeiros dogmas das idéias... Descobriu que para ser realmente sábio, era preciso aprender a compreender as diversas formas nas quais a sabedoria se apresenta: no olhar atento de um jovem ainda livre de preconceitos, nas sutis e harmônicas leis da Natureza, no conceito de se estar sempre ao mesmo nível de todos - não por ser igualmente ignorante, mas antes por ser o mais interessado em aprender com tudo a sua volta...

O tão criticado "tudo que sei é que nada sei", portanto, é apenas uma fórmula para que possamos nos harmonizar com o brilho dos outros, se for o caso. Caso nossa sabedoria brilhe muito a primeira vista, pode assustar, afinal todos os ditos "sábios" costumam tratar aos "ignorantes" de forma um tanto grosseira. A sabedoria verdadeira está em, sendo sábio, reconhecer que não é sábio o suficiente para que possa ignorar o aprendizado possível, o aprendizado que se encontra nos diálogos, nas amizades, no convívio e no amor, para com todos os outros que nos cercam, sejam sábios, sejam ignorantes, sejam apenas ignorantes que se julgam "muito sábios" - não importa, todos são possibilidades infinitas de aprendizado.

O cérebro humano tem tantos neurônios quanto estrelas há no céu. Não importa para onde olhemos: para o alto, ou para dentro, tudo é sagrado. Amar o saber, antes de mais nada, é reconhecer que nunca saberemos o suficiente, que não

possamos aprender algo a mais. Sócrates sabia. Sócrates não se "julgava sábio", ele o era, realmente, e não se preocupava em alardear isso aos quatro ventos.

Como será o amanhã?

08.01.07

Essa é uma pergunta recorrente de todas as épocas da humanidade... Mas, principalmente nas últimas décadas, ela tem gerado muito mais apreensão do que esperança. Vejamos uma breve lista do que o amanhã nos espera, segundo a mídia globalizada:

1. Violência crescente nos grandes centros urbanos, gerada muitas vezes pelo mercado de drogas, que é ironicamente financiado exatamente pela classe que mais teme essa violência.
2. Terrorismo crescente no mundo, devido a incompatibilidade de fanáticos religiosos que querem continuar no passado medieval e progressistas disfarçados de grandes ícones da sabedoria do dito mundo civilizado, que querem trazer um futuro a força, ignorando culturas e, principalmente, destruindo economias.
3. Aquecimento global e conseqüente aumento das mazelas da natureza, o que é apontado por muitos como uma espécie de vingança da mesma contra a ocupação predatória do homem sobre a Terra, assim como alguns atos de ignorância extremada (vide Hiroshima e etc.)
4. Aumento crescente do desemprego, assim como do abismo social entre as classes ricas e pobres, principalmente nos países do hemisfério sul. Mesmo nos países do norte, há também a bomba relógio da previdência social, o que teoricamente consumirá boa parte dos recursos que os governos precisariam investir em outras áreas, inclusive para geração de mais empregos.
5. A tragédia da África, o continente de onde boa parte de nossas civilizações surgiu, e que ironicamente hoje vive um caos social, inclusive nos países onde o número de homens e mulheres com AIDS beira os 50%.

Bem, com certeza não são perspectivas muito promissoras... Mas será então que antigamente, bem antigamente, as coisas eram melhores? Será que na Grécia antiga os homens não precisavam se aborrecer com muita coisa e podiam passar seus dias filosofando nos jardins? Será que na época em que Jesus caminhou pela Judéia todos eram felizes apenas por saber que um grande profeta estava entre eles? Será que na época das grandes cruzadas os homens eram esperançosos por acreditarem que no futuro todos os bárbaros do sul que um dia foram seus invasores seriam convertidos ao catolicismo e, portanto, seus mais novos e amados irmãos? Será que na Alemanha de Hitler, as pessoas estavam mais tranqüilas por acreditarem que as raças impuras seriam varridas do mundo e que seu grande líder os levaria a serem os perfeitos herdeiros da Terra?

Vocês devem estar refletindo sobre essas diversas perguntas. E, admitamos, sempre existiram mazelas e miseráveis na humanidade, assim como sempre existiram pequenas elites que se fartaram com o bom e o melhor que a vida lhes poderia oferecer na época... Ocorre que, mesmo desconsiderando os avanços da medicina, da eletrônica e do saneamento básico, será que, moralmente e a nível de esperança, o mundo antigo era melhor do que o atual?

Será que, antigamente, o que se via no Coliseu (homens lutando até a morte ou devorados por feras) era melhor do que o que se vê hoje em estádios de futebol ou de esportes em geral? Será que a violência em vilarejos perdidos nas fronteiras de reinos, onde mulheres podiam ser estupradas e vilas invadidas e massacradas por invasores, era ela menos brutal do que a violência de hoje? Será que os homens e mulheres que arderam em fogueiras humanas por defenderem a ciência acreditam que hoje nossas leis são piores do que as daquela época? Será que os índios que foram massacrados em todos os cantos da América, e que viram a natureza ser tratada como moeda de troca pelos grandes colonizadores europeus; acreditariam eles que hoje o homem respeita ainda menos a natureza do que antigamente?

Não.

Definitivamente, a humanidade anda para frente... Devagar e a passo de anta, talvez, mas sempre adiante. Hoje melhor do que ontem, e amanhã, com certeza, melhor do que hoje.

Aqueles que não acreditam ou tentam achar uma explicação para o baixíssimo nível de esperança ante ao futuro na humanidade de hoje, deixo uma simples reflexão:

Os homens sempre foram assim, sempre reclamaram de barriga cheia. Há muitos que vem a Deus pedir por bênçãos e rumos a tomar, mas muito poucos que se preocuparam em achar esses rumos por eles mesmos, e a Deus tudo o que fizeram foi agradecer profundamente por esse universo maravilhoso onde todos têm a oportunidade de evoluir, sempre.

A grande diferença é que hoje o conhecimento está mais difundido. Pela inabilidade de lidar com tal conhecimento e viver num mundo verdadeiramente globalizado, os homens ficam aterrorizados com quase tudo, desde um acidente de trem na Índia a um assassinato na Inglaterra. A mídia globalizada nos trás tudo o que queremos ver, e infelizmente muitos de nós, por falta de opinião própria, continuamos fixados apenas nas tragédias. Voltemos para a luz, que hoje, mais do que nunca, existe em abundância nessa Terra.

Os dias da grande virada estão sempre "por vir", talvez seja hora de não esperarmos mais por eles, e acreditar que estamos sim caminhando sempre em frente. E que essa tal grande virada é tão somente uma nova forma de encarar a vida. Feliz amanhã a todos!

Exterior-Interior

26.04.07

Exterior

Narra-se que um peixe ficava sempre deslumbrado quando uma gazela dos prados vinha beber no lago onde ele vivia. Acostumou-se, de tal forma, que um dia se lhe acercou e tentou um diálogo com o belo e veloz animal. Timidamente, depois, sentindo-se aceito, com mais franqueza, interrogou: - "Onde você vive?", ao que o animal respondeu, sorrindo: - "No mundo imenso." Curioso e feliz, voltou a indagar: - "E esse mundo imenso, é do tamanho do meu lago?" "Não, não! - retrucou a outra, com jovialidade - É muito grande, muito grande mesmo." Algo assustado, o peixinho insistiu: - "Diga-me, por favor, é duas vezes, cinco vezes ou dez vezes maior do que o meu lago?" E ouviu a resposta que o estarreceu: - "É infinitamente maior, sem qualquer possibilidade de ter-se uma medida de seu tamanho." O peixinho, antes sorridente, olhou a gazela feliz, e concluiu o diálogo: - "E você não tem medo de viver nele? Pois eu teria, sim." E mergulhou nas águas amigas, aturdido e desconfiado com o exagero daquele animal presunçoso.

*Toda pequena gota de chuva que cai na terra
Não demora muito a encontrar uma poça
Essa que um dia será levada pelo tímido riacho
Aos poucos crescendo revoltado
Chegará a cachoeiras e deltas
E, finalmente, ao vasto Oceano.*

Interior

Questão 919 do Livro dos Espíritos de Allan Kardec: "Qual o meio prático mais eficaz que tem um homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?"

"Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo."

O reino de Deus está dentro de vós. Lucas (17:21).

*O conquistador partiu de seu país cheio de pompa e estandartes
Deixou para trás sua família e foi atrás do horizonte
E conquistou todas as cidades por onde passou
E pilhou às que não valia a pena conquistar
Até que no fim do mundo chegou:
Havia dado uma volta em torno de seu próprio império;
E viu que, não havendo nada mais para conquistar,
A vida já não lhe parecia tão emocionante.
Ó conquistador, mais uma vida procurando lá fora*

*O que nunca encontras-te aí dentro;
Teria sido melhor conquistar a si mesmo,
E ter de fato conquistado alguma coisa real.*

A Roda e o Eixo

17.03.08

Uma roda de carroça.

Ela é composta do aro externo que entra em contato com o solo, e que gira.

E do eixo, fixo ao resto da carruagem, que não gira, mas sustenta a roda.

Nós vivemos no aro externo, e não podemos ver ou alcançar o eixo, embora saibamos que ele existe, pela lógica, pois que se existe o aro da roda de carroça, existe um eixo que o fixa ali.

No aro externo, o mundo "gira" e o "tempo passa". Isso é o espaço-tempo.

No eixo, não há "giro", e portanto não há tempo, nem mesmo tempo indefinido. No eixo, existem as coisas em essência, que emanam para o aro externo.

A essência do amor.

A essência da justiça.

A essência da verdade.

Isso tudo emana, pois que da mesma forma que indiretamente sabemos do eixo, indiretamente sabemos da essência dessas coisas.

O que está no eixo é Deus.

Ele não intercede, mas se movimenta.

Ele não existe no espaço-tempo, mas existe no eixo.

O eixo é a eternidade.

10 razões para ser cristão

11.05.09

Os debates acerca do cristianismo geralmente são um tanto inúteis, pois se resumem à ataques contundentes baseados nos equívocos da igreja, e defesas ardorosas fundamentadas no apego da fé de cada cristão. Em um dos debates no *orkut* (na comunidade Fé e Razão), um amigo iniciou um tópico chamado "10 motivos para ser cristão?"... Antes que o debate "pegasse fogo", respondi com o que compreendo como as "10 razões para ser cristão" – inteiramente baseadas em minhas interpretações do Novo Testamento e de alguns "apócrifos", como o Evangelho de Tomé.

Razão

Observe que preferi usar o termo "razão" ao invés de "motivo" [1]. Acostumamos a interpretar esse termo como uma analogia a racionalidade e inteligência do ser humano, porém em sua origem, no *logos* grego, ele significava algo a mais (retirado da *Wikipedia*): "significava inicialmente a palavra escrita ou falada - o Verbo. Mas a partir de filósofos gregos como Heráclito passou a ter um significado mais amplo. *Logos* passa a ser um conceito filosófico traduzido como razão, tanto como a capacidade de racionalização individual ou como um princípio cósmico da Ordem e da Beleza". Essa interpretação do *logos* como "uma razão conectada ao Cosmos" atinge seu ápice na filosofia estoica, que infelizmente foi apropriada e deturpada pela igreja cristã.

Falando em igreja, é preciso novamente analisar a origem das palavras, e dissociar os termos "igreja" e "religião":

Igreja

Do grego *ekklesia*, foi a palavra escolhida pelos autores da *Septuaginta* (a tradução grega da Bíblia Hebraica) para traduzir o termo hebraico *q(e)hal Yahveh*, usado entre os judeus para designar a assembléia geral do "povo do deserto", reunida ao apelo de Moisés. Pode-se também interpretá-la de forma genérica como "a comunidade dos escolhidos por Deus". Esse termo pode ter outras interpretações parecidas, mas dificilmente alguma delas irá abarcar todos os povos da Terra. A igreja é essencialmente a igreja de alguns, e não de todos (no sentido em que não se aplica a todos, mas apenas a quem se converte a ela e aceita seus preceitos e dogmas).

Religião

Do latim *religare*, significa literalmente "re-ligação", mas é comumente interpretada como "re-ligação aos deuses ou ao Cosmos". Também é associada ao termo em latim *religio*, usado na *Vulgata*, que pode ser interpretado como "reverência ao Deus dos deuses", embora aqui o termo já esteja intimamente ligado a uma crença específica. Obviamente o termo original pode ter inúmeras interpretações; Nem todas serão tão parecidas, mas certamente nenhuma delas pretenderá

estabelecer o *religare* como uma crença em específico: aqui todos podem participar do mesmo *religare*, cada um a sua maneira e sem o intermédio de hierarquias eclesiásticas. Seria então um caminho espiritual, por assim dizer.

Se analisarmos, por exemplo, o Evangelho de Tomé, encontraremos lá um Cristo Sábio, não necessariamente crucificado, não necessariamente *avatar divino*, não necessariamente fundador de uma igreja e não necessariamente salvador da humanidade. É principalmente através desse tipo de análise religiosa, e não eclesiástica (ou baseada em alguma teologia dogmática), que cheguei às dez razões:

- 1- Amar a si mesmo, sem egolatria, mas compreendendo sua própria fagulha divina (*logos*).
- 2- Amar ao próximo como ama a si mesmo.
- 3- Amar a toda a Criação acima de todas as coisas, pois que somos apenas parte dela (amar ao Cosmos ou a Deus).
- 4- Compreender que nada ocorre ao acaso e que tudo é dado a cada um segundo suas próprias obras.
- 5- Compreender que na Criação existem muitas moradas e que percebemos apenas uma pequeníssima parte delas.
- 6- Compreender que somos deuses em formação e que tudo que Cristo fez, faremos também, e muito mais.
- 7- Compreender que ainda sabemos muito pouco mesmo das coisas terrenas, e quase nada das coisas celestes, e que por isso mesmo a mensagem do Cristo ainda esteve longe de ser completa a dois mil anos.
- 8- Compreender que o Consolador prometido pelo Cristo é a Verdade derramada por todas as criaturas da Terra, sem necessidade de um profeta em especial.
- 9- Compreender que essa vida é apenas parte de uma Vida Maior, a qual o Cristo não poderia explicar a dois mil anos, mas que talvez hoje possamos compreender melhor através da Verdade do Consolador.
- 10- Seguir o caminho do Cristo, o caminho do meio, de re-ligação a Deus, e nos tornarmos, como ele, unificados com Deus.

Para aqueles que crêem em um Livro Infalível, tais conclusões podem ser absurdas. Da mesma forma, para aqueles que apenas se preocupam em atacar as contradições da fé alheia, sem se preocupar em reconhecer seus méritos, *toda religião será veneno por antemão*, e tais conclusões nada significarão.

Mas felizmente *ainda* existem os moderados. Aqueles que não crêem em dogmas, e que não precisam atacar a crença ou descrença alheia como forma de reafirmação da sua própria crença ou descrença... Esses talvez reconheçam nessas dez razões um "lampejo" do que o cristianismo poderia ter sido, se não fosse apropriado pelo Reino do Padre. Ora, na verdade ainda há tempo para fazer o real cristianismo reflorescer na Terra, dependerá apenas de nós, de todos nós, pois que só entraremos no Reino de Deus de mãos dadas.

[1] Na verdade o logos é pessoal (único), no contexto da frase "10 motivos para ser cristão" não faz muito sentido à analogia. Porém, achei importante mencionar o significado de logos como parte da fundamentação lógica deste tópico.

A angústia de viver

19.09.09 (conto)

Foi no nascer do sol que Richard finalmente alcançou o topo do monte Shiva, nas imediações de uma pequena cidade no interior da Índia, para a esperada conversa com o sábio que habitava a região a muitos anos, e que não tinha nome, pois em cada morada que batia a porta pedindo comida, era chamado por um nome diferente – e não se importava.

Richard era um empresário do ramo de informática, muito bem sucedido profissionalmente. Muito mal sucedido no entendimento de si mesmo. Richard um dia acreditou que o objetivo de sua vida era criar uma grande empresa de software, conhecida em todo mundo, e ficar milionário... Tudo isso ele conseguiu, mas não podia compreender o sentido de toda essa jornada – uma pergunta lhe inquietava:

"Qual o objetivo da vida afinal?" – foi a pergunta que ele fez ao sábio ancião assim que o encontrou, varrendo a varanda de sua casa. O homem parece ter gostado do modo direto pelo qual aquele ocidental intrometeu-se em seus afazeres diários, com uma indagação tão profundamente simples. Encostou sua vassoura e respondeu-o:

"Porque você veio de sua casa até a Índia?"

"Para tentar resolver essa angústia dentro de mim mesmo..."

"E acha que vai conseguir?"

"Não sei, gostaria de tentar... Acho que essas coisas se resolvem passo a passo."

"E qual é o próximo passo?"

"Não sei, achei que iria me dizer..."

"E por acaso alguém pode saber em qual direção o ramo de árvore irá crescer?"

"Como assim?"

"Você, como eu, é apenas uma pequena semente jogada ao solo. Nós não sabemos para que direção nossos galhos irão crescer, nem que folhas e frutos iremos produzir. Sabemos apenas que nos alimentamos do sol, e tentamos chegar até ele... Mas também somos filhos da terra, e nossas raízes nos mantêm atados ao solo."

"Mas e daí? E se chegarmos ao sol? Depois teremos um universo pela frente... Qual o objetivo de tudo isso? Aonde tudo vai dar?"

"Qual o objetivo? Pergunte a natureza. Pergunte por que a luz viaja junto ao tempo para permitir a vida. Pergunte por que os ventos sopram sem cessar. Pergunte por que as bactérias viraram peixes, e depois decidiram habitar a terra, e depois se transformarem em homens. Pergunte a algum físico ou biólogo que poderá lhe dizer muito mais sobre todo esse mecanismo cósmico, muito melhor do que eu que estudei apenas a mim mesmo..."

"Mas disseram-me que você é um grande sábio, que conhece muitos segredos da alma e do lado oculto das coisas. Você me diz que sabe quase nada... Então, como pode viver com essa angústia?"

"Pois eu lhe digo, meu amigo, que é exatamente essa angústia que me faz viver. Viver cada vez mais, viver em todos os momentos o espetáculo que se arma para aqueles que não têm medo de mergulharem em si próprios."

A trupe dos fantasmas dramáticos

21.08.07

Além da vida, só há estagnação, o nada. Morte não existe, a sua volta sempre foi tudo assim, uma sinfonia eterna de vida abundante. A vida não se controla, não se manipula... Muitos foram os que tentaram governar as vidas dos outros, mas esses foram tão pequenos e ignorantes que sequer olharam para si mesmos; Ou teriam percebido que ninguém governa, ou pensa, por ninguém. E são muito poucos os que o conseguem fazer por si mesmos... Melhor se aquietar e tentar compreender a própria vida, que já há de se fazer muito para desvendar e, quem sabe um dia, governar a nós mesmos.

Não há que se ter medo da vida, há apenas de se agir com o tempo que nos é dado, escolher com o discernimento que podemos alcançar até aqui; E amar o resultado, sempre tão imprevisível, deliciosamente desconhecido, mas que há incontáveis eras tem só nos feito evoluir. Progredir sempre, tal é a lei.

Não há que se ter dó, nem pena, nem tristeza, por tudo o que ocorre aos que estão a nossa volta. Pois que se, desde o início, tudo não houvesse propósito, tudo não fosse cuidadosamente organizado, nada haveria de ter progredido, e o futuro seria sempre mais caótico e tenebroso que o passado... Mas não, não foi assim, não é assim, então porque imaginamos que todo o infortúnio é uma tragédia? Algo para motivo de pena?

A tragédia do ser, e do mundo, é a estagnação... É o pensamento contido pelo dogma, a desistência de se querer ir mais além, além da estrela mais distante, além do campo quântico mais incompreensível. Mas na vida tudo é mudança, tudo é dinâmico, sem que nada se perca realmente. Tudo se transforma, principalmente a dor!

Não há que se dramatizar a existência, como se fossemos os personagens principais de uma história escrita apenas para nós, e onde ninguém mais pudesse demonstrar pesar e sofrimento, apenas os astros principais. Reconheça que você não é nem nunca foi o roteirista de sua própria saga... Deixe o drama para o teatro e as demais artes, pois que ali ele serve para destacar algo de belo, seja na luz ou na escuridão. Em nossas vidas, o drama de nada serve, a não ser para retardar o progresso que deveria estar ocorrendo nesse exato instante, mas que dá lugar a uma trupe de fantasmas dramáticos, cuidadosamente ensaiados para nos manter presos ao próprio umbigo.

Sigamos a frente. Sem medo, sem dó, sem drama. Com a face plena, fitando o caminho a seguir, e com a alma transbordando de entusiasmo por tudo aquilo que nos falta aprender...

O rabi

29.04.09 (conto)

Essa é a narrativa da conversa que o jovem Ayatsu teve com o Mensageiro dos Céus no topo de uma colina na Índia, no final da tarde após a morte do velho monge que um dia havia estado em Jerusalém, e que era o mestre de ambos no budismo...

Ayatsu – Nosso mestre dizia que era nosso professor apenas nos ensinamentos de Buda, mas que você era o rabino de todos nós... O que isso quer dizer?

Mensageiro – De onde caminhei antes de chegar aqui, rabino significa “professor”; Espero ser um bom rabino, para poder passar tudo aquilo que aprendi de outros mestres, e do reino de Deus.

Ayatsu – O reino de Deus! Gostaria de saber mais sobre isso... É verdade que quando atingimos o nirvana nos livramos da roda de encarnações e podemos entrar no reino de Deus?

Mensageiro – Qualquer um que nascer de novo pode entrar no reino de Deus.

Ayatsu – Ora, mas e todos nós não nascemos de novo? Então, você encontrou o reino de Deus, sabe onde fica?

Mensageiro (ele olhou de forma enigmática para Ayatsu, e levantou uma pequena pedra do chão) – Você vê o reino de Deus aqui?

Ayatsu – Não, isso é apenas uma pedra!

Mensageiro (ele suspirou e lançou a pedra longe, e ela rolou colina abaixo até cair em um pequeno lago) – Então você ainda não sabe onde fica o reino de Deus...

Ayatsu (confuso) – Mas, não entendo o que quer dizer. E eu estudei anos com meu mestre. Eu sei ler e escrever, conheço os segredos da meditação... E não entendi. Você não veio ensinar a todos nós? Não vai retornar a sua terra e ensinar o povo de Jeová? Como você espera que eles compreendam algo?

Mensageiro – Mas Buda não veio e ensinou-nos sobre o nirvana e sobre o reinado de nós mesmos? (*Ayatsu concordou*) Pois eu vim falar também de coisas celestiais, e haverão poucos que as entenderão e passarão adiante, exatamente como nosso mestre que ensinou-nos apenas o que pôde ensinar. É assim que o reino de Deus se instaura no mundo, pois todos devemos entrar nele de mãos dadas.

Ayatsu – Mas nem todos vem estudar nos mosteiros, com os sábios. A maioria prefere tratar de assuntos de ouro e guerras, e todas essas coisas mundanas... Eles não vão aceitar esse novo conhecimento. Eles vão preferir continuar como estão. Eles podem mesmo te expulsar de sua terra... Você não teme isso?

Mensageiro – E eu não vim apenas trazer uma mensagem do reino de Deus? Como poderei ser expulso se aqui não está minha terra? Na verdade lhe digo que cada um compreende o que pode compreender. Se o reino de Deus ficasse abaixo do mar, os peixes seriam nossos mestres. Se ficasse acima das nuvens, as aves seriam nossas sacerdotisas. Mas, se o reinado se faz no coração, o único caminho até ele é o amor.

*Onde a mente encontra-se sem medo e a cabeça é mantida erguida
Onde o conhecimento é livre
Onde o mundo não foi quebrado em fragmentos
Por estreitos muros domésticos
Onde as palavras vêm da verdade profunda
Onde laboriosas lutas esticam seus braços em direção à perfeição
Onde o riacho límpido da razão não perdeu o seu rumo
Afluindo ao triste deserto dos hábitos moribundos
Onde a mente é direcionada adiante por você
A pensamentos e ações sempre em constante afluência
Nesse céu de liberdade, Pai, deixe meu país acordar*

Céu de Liberdade, Rabindranath Tagore (tradução de Rafael Arrais)

Todos os artigos são de autoria de Rafael Arrais e encontram-se registrados na Biblioteca Nacional. Todas as citações são atribuídas aos respectivos autores.

Para se comunicar com o autor, utilize o e-mail rarrais@yahoo.com ou acesse seu blog em <http://textosparareflexao.blogspot.com>